

Hu Qiaomu

A stylized map of China is rendered in a vibrant red color, set against a dark, textured background. The map is overlaid with the flag of the Communist Party of China, featuring a large yellow star on the left and five smaller yellow stars on the right, arranged in an arc. The text is printed in a bold, white, sans-serif font, with the word 'CHINA' at the bottom in a larger, yellow, distressed font.

TRINTA
ANOS
DO PARTIDO
COMUNISTA DA

CHINA

Edições NOVA CULTURA

Proletários de todo o mundo, uni-vos!



Hu Qiaomu

**Trinta Anos do
Partido Comunista da China**

Edições Nova Cultura
2ª edição
2018

■ 2018 - NOVACULTURA.info

Autorizamos que o conteúdo deste livro seja utilizado ou reproduzido em qualquer meio ou forma, seja impresso, digital, áudio ou visual por movimentos de massas, organizações, sindicatos, associações, etc.

Edições NOVA CULTURA

www.novacultura.info/selo



O selo *Edições Nova Cultura* foi criado em julho de 2015, por iniciativa dos militantes da **UNIÃO RECONSTRUÇÃO COMUNISTA**, com o objetivo de promover e divulgar o marxismo-leninismo.

QIOAMU, Hu; Trinta Anos do Partido Comunista da China. 2ª Edição. 2018.

Conselho Editorial: União Reconstrução Comunista

ESSA OBRA É LICENCIADA POR UMA LICENÇA *CREATIVE COMMONS*

Atribuição – Uso Não Comercial – Compartilhamento pela mesma licença 3.0 Brasil.

É permitido:

– Copiar, distribuir, exibir e executar a obra – criar obras derivadas



Sob as seguintes condições:

ATRIBUIÇÃO: Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante; **USO NÃO COMERCIAL:** Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais; **COMPARTILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA:** Se você alterar, transformar ou criar outra obra com base nesta você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

– Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outro, os termos da licença desta obra.



伟大的 光荣的 正确的中国共产党万岁！

[...] Antigamente, nos séculos XVIII e XIX, as revoluções frequentemente começavam com levantamentos do povo, em sua grande parte, desarmados ou fracamente armados, entrando em conflito com o exército do velho regime, exército este que o povo tentou dismantlar ou apenas parcialmente conquistá-lo para as fileiras populares. Esta foi a forma típica dos levantes revolucionários do passado. Foi isso o que aconteceu conosco na Rússia de 1905. Na China, as coisas aconteceram de forma diferente. Na China, não foi um povo desarmado, mas um povo armado organizado na figura do exército revolucionário, que se levantou contra as forças do velho governo. Na China, a revolução armada luta contra a contrarrevolução armada. Esta foi uma das características e uma das vantagens da Revolução Chinesa. Este é precisamente o significado especial do exército revolucionário chinês.

J.V. STALIN

ÍNDICE

| | |
|--------------------|----|
| Apresentação | 13 |
|--------------------|----|

Trinta Anos do Partido Comunista da China

| | |
|---|-----|
| Introdução | 25 |
| A Fundação do Partido e a Primeira Guerra Civil Revolucionária | 27 |
| A Segunda Guerra Civil Revolucionária | 51 |
| A Guerra de Resistência contra a Agressão Japonesa | 79 |
| A Terceira Guerra Civil Revolucionária, a Fundação da República Popular da China e o Período de Recuperação Econômica | 105 |
| Um Balanço Geral dos 30 anos | 129 |

Apresentação

Nós, do selo Edições Nova Cultura, criado pela União Reconstrução Comunista, apresentamos ao público brasileiro o livro *Trinta Anos do Partido Comunista da China*, escrito por Hu Qiaomu (importante intelectual que ocupava o posto vice-diretor do Departamento de Propaganda do Partido Comunista da China) em 1951. A leitura deste livro, sucinta e objetiva, certamente dará ao leitor o conteúdo básico sobre o desenvolvimento da história da Revolução Chinesa e do Partido Comunista da China, desde sua fundação até a conquista do poder político em todo o país em outubro de 1949, incluindo o período inicial da construção do socialismo, quando o Partido se deparava ante as tarefas democráticas anti-imperialistas e antifeudais da Revolução Chinesa, anteriormente à etapa da passagem para a edificação socialista.

Nos dias de hoje, após muitas décadas de predomínio absoluto do revisionismo, do reformismo e do oportunismo no seio do movimento popular brasileiro, após as muitas décadas de degeneração do Partido Comunista do Brasil – o partido de vanguarda da classe operária brasileira – até sua completa liquidação durante os anos 80, o movimento comunista em nosso país encontra-se em frangalhos, com a Revolução Brasileira carecendo de um genuíno Partido de vanguarda que a dirija para um caminho correto até sua completa vitória. Quanto a esta necessidade, há em todo o Brasil concepções confusas e ecléticas sobre o problema, com a predominância da visão equivocada segundo a qual não será necessário um Partido Comunista para dirigir Revolução Brasileira. Mesmo entre a parcela do movimento popular brasileiro para a qual

o Partido Comunista necessita ser reorganizado e reconstruído, há a carência das verdadeiras referências ideológicas necessárias para sua reorganização. Qual será a base ideológica que dará a linha condutora no processo de reorganização, reconstrução e construção do novo Partido Comunista do Brasil? Sob quais referências no exterior devemos nos espelhar para reorganizar este Partido? Quais experiências da luta do proletariado brasileiro e internacional nos possibilitarão tirar lições mais precisas sobre como dirigir a Revolução em nosso país? Qual o papel do Partido no processo da Revolução brasileira e na construção do socialismo? Qual o caráter da sociedade brasileira? Em qual etapa a Revolução brasileira se encontra em nossos dias? Para tais perguntas as mais diferentes organizações dão diferentes respostas, de modo que a conquista da unidade no movimento popular brasileiro ainda é algo que necessita ser exaustivamente trabalhado em torno de princípios concretos.

Foi sob a iniciativa de buscar respostas para algumas de tais perguntas que traduzimos esta importante obra, sobretudo na busca por quais devem ser nossas referências no exterior, nossas inspirações para levarmos a cabo a Revolução Brasileira, bem como qual deve ser nossa ideologia guia, que em nossa visão, a visão da URC, deve ser o marxismo-leninismo e o Pensamento Mao Tsé-tung. Os ensinamentos da aplicação criativa do marxismo-leninismo à realidade chinesa pelo Partido Comunista chinês, com o camarada Mao Tsé-tung a frente, são fundamentais para desenvolver o movimento revolucionário em nosso país. Foi com o objetivo, também, de fornecer aos operários, camponeses e intelectuais revolucionários brasileiros os conteúdos básicos da história do Partido Comunista da China e da Revolução Chinesa que este trabalho foi realizado.

Antes de o leitor se iniciar no estudo da obra presente, faremos uma breve apresentação inicial sobre a história do Partido Comunista da China e da Revolução Chinesa.

O Partido Comunista da China foi fundado no ano de 1921 como a vanguarda Marxista-Leninista da classe operária chinesa. A fundação do Partido se deu em um contexto no qual a China então se configurava como um país semifeudal e semicolonial, submetido à dura opressão das potências imperialistas estrangeiras que então a dividiam em “esferas de influências”, “áreas de arrendamento” e “concessões”. Refletindo as lutas interimperialistas entre as potências estrangeiras na arena internacional, os diferentes países imperialistas se apoiavam em diferentes frações das classes dominantes chinesas, como a burguesia compradora e a classe latifundiária, para levar a cabo guerras fratricidas pela conquista de mais territórios e áreas de influência dentro da China. Tal lamentável situação passou a existir na China partir da década de 40 do século XIX, quando, após a primeira Guerra do Ópio, deixou de ser um país feudal isolado e relativamente independente para se tornar semicolonial e semifeudal, dependente das potências estrangeiras. No processo da luta revolucionária contra as potências imperialistas estrangeiras e as forças feudais e latifundiárias domésticas, o Kuomintang, representante da burguesia nacional chinesa de tendências patrióticas e anti-imperialistas, levou a cabo a Revolução democrático-burguesa de 1911, derrubando a dinastia dos Qing, lacaia das potências estrangeiras, e estabelecendo na China uma república democrático-burguesa. O estabelecimento, na China, de uma república democrática ao estilo ocidental não significou, contudo, a conclusão de uma revolução democrático burguesa no país. O imperialismo estrangeiro permanecia mais forte do que nunca na China, controlando setores estratégicos

e essenciais da vida econômica do país; não se realizou qualquer reforma agrária no campo e as forças feudais permaneciam ainda mais fortalecidas após a conquistas de enormes extensões de terras em guerras interfeudais; a burguesia nacional permanecia impedida de desenvolver sua produção por conta da opressão estrangeira e feudal e a classe operária e o campesinato padeciam sob absoluta miséria, sob o atraso e a fome. Em diversas regiões do país, poderosos latifundiários progrediam no processo de restauração do regime monárquico feudal, como o caso de Yuan Shikai que se autoproclamou imperador após restaurar a monarquia nas províncias do norte do país. Greves operárias, revoltas camponesas e manifestações estudantis contra o imperialismo estrangeiro sacudiam todo o país, com os históricos levantes populares como o *Movimento Quatro de Maio* em 1919.

Em tal época, desde sua fundação em 1921, o Partido Comunista da China aplicava a política de cooperação com o Kuomintang e outras forças patrióticas, inclusive destacando quadros históricos seus (Mao Tsé-tung chegou a fazer parte do Comitê Central do Kuomintang) para realizarem o trabalho político Marxista-Leninista dentro das fileiras do Kuomintang e do exército nacionalista que este dirigia. O Kuomintang, que durante os anos 1920 passou a formar o Exército Expedicionário do Norte para combater as forças feudais que restauravam a monarquia no norte do país, contou com a formidável cooperação dos comunistas na luta armada contra os restauracionistas. Contudo, a partir de 1927, quando os representantes do imperialismo estrangeiro (principalmente estadunidense) no seio do Kuomintang, unidas em torno do caudilho reacionário Chiang Kai-shek, dão um golpe de Estado contra o governo nacionalista e passam a dirigir um sangrento massacre contra o Partido Comunista da China e outras forças

populares, a atuação do Partido passa por consideráveis mudanças. Como resposta ao golpe dado por Chiang Kai-shek, os comunistas liderados por figuras como Chu En-Lai, Chu Teh e Liu Bocheng, levam a cabo no mesmo ano, a insurreição urbana conhecida como Levante de Nanchang, mas que acabou por sofrer uma considerável derrota militar neste levante, tendo que reergueu suas forças através de uma retirada estratégica para as montanhas de Jingam, unindo a parte do Exército nacionalista que permaneceu então sob a direção do Partido Comunista da China às guerrilhas rurais que há algum tempo já atuavam sob a direção de Mao Tsé-Tung. Não apenas a atuação do Partido Comunista da China neste período passa por consideráveis modificações, como também se modificam determinadas características da Revolução Chinesa. Esta, que mantinha seu caráter inegável de uma revolução democrático burguesa dirigida contra o imperialismo e o feudalismo interno, permanecia até 1927 sob a direção da burguesia nacional organizada no Kuomintang. A partir de então, com a passagem do Kuomintang para a reação (deixando de ser um partido nacionalista e progressista para se tornar um representante da burguesia compradora e do imperialismo), a classe operária (organizada no Partido Comunista da China) se torna pela primeira vez a força dirigente da Revolução Chinesa, levando a cabo uma sólida aliança com as centenas de milhões de camponeses chineses e com demais forças democráticas e patrióticas das regiões urbanas e rurais. Se inicia então, a partir do ano de 1927, o período da Segunda Guerra Civil Revolucionária, onde, ao contrário da política de cooperação com o Kuomintang, o Partido Comunista da China passa a atuar como a única força dirigente da Revolução democrática chinesa, ganhando o campesinato e outras forças pa-

trióticas para a luta contra o Kuomintang que, a partir de então, passa a representar as velhas classes dominantes, a burguesia compradora, os latifundiários, e o imperialismo.

O Partido Comunista da China, que dirigia o Exército Vermelho de Operários e Camponeses na luta armada rural, acumulou consideráveis experiências durante a Guerra Civil Revolucionária contra o Kuomintang a partir de 1927 e resistiu bravamente aos longos períodos de reação e repressão generalizadas contra os comunistas e as forças democráticas chinesas. O período da Segunda Guerra Civil Revolucionária é marcado por formidáveis acontecimentos na arena doméstica e internacional: a partir de 1931, o Japão, que havia emergido como uma poderosa potência imperialista no Oriente, invadiu a região da Manchúria, no nordeste chinês, transformando esta região no Império de Manchukuo, uma colônia sua em território da China; a ascensão do fascismo na Europa e a gradual passagem do Japão para o eixo das forças nazifascistas. Porém, no seio do Partido Comunista da China predominavam linhas oportunistas de tipo esquerdista que impediam o avanço do trabalho político partidário a partir das novas condições históricas trazidas pelos acontecimentos de 1931. Os representantes de tal linha oportunista advogavam a inexistência de quaisquer mudanças fundamentais na situação política nacional mesmo após a invasão do imperialismo japonês. Tal linha política considerava o imperialismo japonês e as camadas médias nacionais como igualmente reacionárias, impondo sobre o Partido o slogan de se "atacar a tudo e a todos". A linha esquerdista no seio do Partido sofreria duras derrotas a partir da Conferência de Tsunyi em 1935, quando o Presidente Mao Tsé-tung emerge então como o principal líder do Partido Comunista da China, colocando a Revolução Chinesa no correto caminho da construção de uma

Frente Única Nacional, com a participação de todas as forças que se opunham ao imperialismo japonês. A partir do ano de 1937, quando o Exército imperial japonês ataca as grandes cidades de Pequim e Xangai, a Revolução Chinesa ingressa no período da Guerra de Resistência contra o Japão. Durante a Guerra de Resistência, quando se delineavam o povo, o Kuomintang e os traidores como os três únicos setores da sociedade chinesa, se amplia consideravelmente a base social para o trabalho político do Partido Comunista da China na luta contra o imperialismo japonês. A partir daí o Partido Comunista da China realiza um chamado pelo fim da Guerra Civil e pela união nacional para resistir à invasão japonesa. O Partido Comunista e o Kuomintang voltaram a cooperar entre si sob as novas condições históricas.

A invasão da China pelo imperialismo japonês coincidiu com a eclosão da Segunda Guerra Mundial. A nível internacional, a correlação de forças apresentava de um lado, a União Soviética e as potências imperialistas aliadas (Estados Unidos, França e Inglaterra) que se colocam ao lado da luta antifascista e, de outro, as potências imperialistas nazifascistas, Alemanha e Itália ao lado do Japão. Tal correlação de forças a nível internacional influenciava diretamente o prosseguimento da revolução chinesas.

Uma vez que o Kuomintang era um partido que representava principalmente o imperialismo norte-americano, tratava-se de uma força política cujos interesses entravam em contradição com o imperialismo japonês, uma vez que a colonização da China pelo Japão prejudicaria os interesses estadunidenses. Desta forma, ainda que de maneira limitada, inconsequente e, na maioria das vezes, sabotadora, o Kuomintang se configurava como uma força política capaz de se

opor ao imperialismo japonês e, portanto, deveria ser conquistada para a Frente Única Nacional Antijaponesa. Tal como fez o imperialismo estadunidense e anglo-francês na relação com o renascimento imperialismo fascista alemão, na China o Kuomintang adotou a política da “resistência passiva” ao imperialismo japonês, da feita que, se lhes incomodavam o avanço do imperialismo japonês sobre as atividades econômicas norte-americanas e europeias, lhes incomodava ainda mais o Partido Comunista. A política de ofensiva contra o Partido Comunista e de resistência passiva ao Japão enfraquecia as fileiras das forças antijaponesas e criava condições objetivas para o fortalecimento das posições do imperialismo japonês. As atitudes traidoras e conciliadoras do Kuomintang levavam à crescente perda do prestígio deste ante as massas populares. Caíam por terra as ilusões daqueles que ainda imaginavam que este partido poderia ainda vir a ter uma postura realmente patriótica e combativa. O prestígio do Partido Comunista, ao contrário, crescia a cada dia e o povo chinês passou a gradualmente a enxergá-lo como a força política mais consequente na luta contra o imperialismo japonês e que representava concretamente os interesses fundamentais da nação chinesa. Atesta este fato o enorme crescimento Exército Popular de Libertação, que cresceu para um gigantesco de efetivo de 3 milhões combatentes, entre os 910 mil combatentes efetivos e o contingente de 2,2 milhões de combatentes organizados nas milícias populares, ocupando-se simultaneamente da defesa e da produção, no ano de 1944. A tal altura, o Partido Comunista já havia libertado extensas partes do território chinês, com cerca de 95 milhões de pessoas vivendo em suas bases de apoio.

A vitória da grande União Soviética na guerra antifascista no ano de 1945, bem como a capitulação do Japão na

guerra foi um fator que influenciou positivamente não apenas a luta libertadora dos povos de outros países como também do povo chinês. A derrota do Japão e a libertação da China da dominação do domínio do imperialismo japonês, assim, fez a Revolução Chinesa entrar em um novo estágio, a Terceira Guerra Civil Revolucionária.

A decadência japonesa não significou a completa libertação da China da dominação imperialista estrangeira. O povo chinês padecia sob a dominação dos imperialistas estrangeiros, das forças feudais e dos grandes capitalistas burocráticos ligados ao Kuomintang. O imperialismo norte-americano, que emergia na arena internacional como a principal potência imperialista do mundo e levava a cabo sua política reacionária de "Guerra Fria" contra a URSS e os países de democracia popular, manifestava seu interesse em se apossar dos mercados chineses, de sua mão de obra barata e de suas extensas terras. O Kuomintang, na China, apresentava-se como a mais submissa força política a tais interesses. Sua já impopularidade adquirida a partir das posturas adotadas durante a Guerra de Resistência contra o Japão era agravada ainda mais com as políticas antipovo que passou a aplicar durante a época da Terceira Guerra Civil Revolucionária. A inflação subia a níveis alarmantes, que eram até então desconhecidos, por conta das políticas de superemissão de moeda feitas para favorecer aos banqueiros e aos demais burocratas das finanças kuomintangistas. Entre as políticas antipovo praticadas, figuravam também as políticas destinadas ao massacre dos lavradores e assalariados agrícolas chineses. No campo, o Kuomintang passava a aplicar formas primitivas de acumulação de capital através de políticas de confisco de grãos de camponeses e grilagem de vastas extensões de terras para usá-las com fins de especulação imobiliária e obtenção poderes pessoais, levando

à ruína completa dezenas de milhões de camponeses das regiões rurais chinesas. Recrudescceu a repressão contra os comunistas e as massas populares. Escancarando sua verdadeira face vende-pátria ao receber armamentos do imperialismo norte-americano para atacar o Partido Comunista da China, o Kuomintang concluía seu profundo colapso político. Nem mesmo a inundação da China com os mais modernos equipamentos e armamentos militares fornecidos pelo imperialismo ou o aporte financeiro do anticomunismo, foram suficientes para deter o crescente prestígio do Partido Comunista entre o povo chinês, que emergiu vitorioso na Terceira Guerra Civil Revolucionária, estrangendo o Kuomintang e seu exército à capitulação completa, libertando a China e fundando a República Popular da China em 1º de outubro de 1949. A partir de então, o Partido Comunista da China e o povo chinês, após a conquista do poder político pela classe operária e aliados, passaram a se confrontar com a conclusão das tarefas políticas de conteúdo anti-imperialista e antifeudal, como a conclusão da reforma agrária, a superação do atraso econômico e a industrialização nacional, para assentar as futuras bases para a construção da sociedade socialista.

Esperamos que a obra que agora publicamos possa cumprir a função de propagandear a gloriosa Revolução Chinesa, a luta travada pelo Partido Comunista da China e os princípios do marxismo-leninismo que o guiaram entre os operários, lavradores e intelectuais revolucionários brasileiros, em suma, a todo movimento progressista nacional.

UNIÃO RECONSTRUÇÃO COMUNISTA

**TRINTA ANOS DO PARTIDO
COMUNISTA DA CHINA**

Introdução

O Partido Comunista da China, foi fundado em 1º de julho de 1921, possui agora trinta anos. Sua história de 30 anos é a história de como o marxismo-leninismo conquistou uma grande vitória em um vasto país com quase um quarto da população mundial, num país que foi semifeudal e semi-colonial em seu caráter. É a história de como a classe operária chinesa dirigiu as grandes massas camponesas e outras forças democráticas para a liberdade, heroicas foram as lutas contra os imperialistas e seus lacaios, para derrubar de vez o regime reacionário depois de passar por um longo período de dificuldades e atravessar um tortuoso caminho, e da fundação de uma República Popular Democrática dirigida pela classe operária baseada na aliança entre operários e camponeses, abrindo, assim, uma ampla via para a transição futura para o socialismo.

A história dos trinta anos de luta do Partido Comunista da China pode ser dividida em quatro partes:

- 1) A fundação do Partido e a Primeira Guerra Civil Revolucionária, 1921-1927;
- 2) A Segunda Guerra Civil Revolucionária, 1927-1936;
- 3) A Guerra de Resistência contra a Agressão Japonesa, 1937-1945;
- 4) A Terceira Guerra Civil Revolucionária, a fundação da República Popular da China, e o Período de Recuperação Econômica, 1945;
- 5) Um Balanço Geral dos Trinta Anos;

A seguir, está uma breve apresentação desta história.

A Fundação do Partido e a Primeira Guerra Civil Revolucionária

O Partido Comunista da China é um produto da síntese do movimento operário chinês com o marxismo-leninismo. Não foi por acidente o Partido ter sido fundado em 1921. Este fato aconteceu dentro de um contexto histórico determinado, ligado intimamente à Primeira Guerra Mundial, a Revolução de Outubro na Rússia e ao patriótico *Movimento Quatro de Maio* do povo chinês, iniciado em 4 de maio de 1919, contra o Tratado de Versalhes e, de forma geral, contra o imperialismo e o feudalismo na China.

Durante a Primeira Guerra Mundial, as débeis indústrias então existentes na China passaram por um desenvolvimento relativamente rápido e, por consequência deste fato, a classe operária chinesa cresceu numericamente e a amplitude de suas lutas se reforçou. Após a vitória da Revolução de Outubro na Rússia, a influência do marxismo-leninismo penetrou fortemente nos círculos de intelectuais revolucionários da China. O *Movimento Quatro de Maio* provocou a síntese da luta do movimento operário chinês com o marxismo-leninismo e assentou bases para a fundação do Partido. Um ano após o *Movimento Quatro de Maio*, grupos comunistas foram formados em grandes cidades como Xangai, Pequim, Hankou, Changsha, Cantão, Jinan, Hangzhou e outras.

O processo de crescimento da classe operária coincidiu com o processo de redução da China à condição de país semicolonial, resultado da agressão imperialista e da luta travada pelo povo chinês contra os agressores estrangeiros e seus lacaios – os governantes feudais.

Em 1840, as forças armadas imperialistas da Inglaterra invadiram a China, deflagraram a denominada Guerra do Ópio e obrigaram a China a assinar o primeiro dos tratados desiguais - o Tratado de Nanquim. Este foi acompanhado pela Guerra Anglo-Francesa contra a China em 1857, a Guerra Sino-Francesa acontecida em 1884, a Guerra Sino-Japonesa de 1894, a Guerra das Oito Potências contra a China em 1900 e pela anexação da província de Shandong pelo Japão em 1914. Por meio destas guerras e outros métodos, os agressores estrangeiros grilavam territórios da China, extorquiam "indenizações", obtinham privilégios para estacionar tropas em solo chinês, para estabelecer bancos, empresas comerciais e fábricas, controlavam portos comerciais, linhas de comunicação, administrações aduaneiras, e estabeleciam as "esferas de influência" por meio das quais manipulavam os assuntos internos chineses e reduziam o país, política e economicamente, à condição de semicolônia. A agressão imperialista ameaçava a própria existência do povo chinês e tornou impossível o seu progresso econômico e político. Assim, lutar contra o imperialismo e derrubar a tirania imperialista na China se tornava a tarefa fundamental da Revolução Chinesa.

A penetração do capitalismo estrangeiro apresentou como consequência a destruição da economia feudal chinesa e o estímulo do desenvolvimento do capitalismo chinês. As indústrias modernas na China começaram a nascer na década de 60 do século XIX, mas estas por muitas décadas se desenvolveram debilmente, devido à dupla opressão do imperialismo e do feudalismo. Os governantes reacionários chineses instituíram um reino de brutalidade sobre o povo trabalhador. A classe latifundiária detinha grande parte das terras agricultáveis, extraía a esmagadora parcela das rendas dos campo-

neses e dispunha de grandes privilégios econômicos sobre estes. Comerciantes, capitalistas compradores, usurários, burocratas feudais e latifundiários pilhavam, em conjunto, os camponeses e artesãos. Das indústrias, parte era pertencente aos imperialistas, parte pertencia aos burocratas chineses e a parte nas mãos dos capitalistas chineses era sujeita à pressão e à asfixia pelos primeiros.

O governo feudal burocrático durante muito tempo se apoiou no suporte e na assistência dos imperialistas para reprimir duramente o movimento revolucionário e o povo chinês. Após a derrota na guerra em 1900, o governo feudal capitulou completamente frente ao imperialismo. Esta situação se manteve sem qualquer mudança básica sob os sucessivos governos dos senhores de guerra da pretensa “República da China” fundada em 1912. A modificação que ocorreu foi que a superficial unidade da China se tornou uma divisão completa. Apoiados por seus mestres imperialistas, os senhores de guerra lutavam continuamente entre eles mesmos. Tanto antes, como após 1912, várias frações dos governantes feudais se recusaram a realizar quaisquer reformas sociais. Assim, lutar contra o feudalismo e derrubar sua tirania na China se tornou outra tarefa fundamental da Revolução Chinesa.

Nas circunstâncias descritas acima, o povo chinês se via diante da tarefa de derrubar a opressão do imperialismo e o feudalismo e realizar a independência, democracia e liberdade do país.

Uma correta direção era necessária para cumprir tais demandas vitais. Desde os tempos da Guerra do Ópio até às vésperas do *Movimento Quatro de Maio*, o povo chinês havia travado diversas lutas contra o imperialismo e o feudalismo. A mais significativa destas lutas foi a Guerra Camponesa Revolucionário de 1851-1864, que se iniciou dez anos após a

Guerra do Ópio e levou ao nascimento do “Reino Celestial de Taiping”, e a Revolução Burguesa de 1911 que aconteceu dez anos antes da fundação do Partido Comunista da China. Contudo, todas estas lutas e revoluções fracassaram. Sendo ela mesma fraca, a burguesia chinesa tinha medo do imperialismo, assim como tinha dos operários e camponeses; longe de conseguir resolver a questão de lutar contra o imperialismo e o feudalismo, sequer colocava tal questão. Os camponeses eram numerosos e possuíam a determinação necessária para se opor ao imperialismo e ao feudalismo, mas por conta das limitações de seus métodos de produção obsoletos e atrasados, não viam futuro na luta e eram, portanto, incapazes de levar a Revolução à vitória.

Uma nova classe era necessária para assumir a responsabilidade de liderança. Tal classe deveria ser capaz de levar a cabo um programa correto e completo para a luta, de unir todas as forças que pudessem ser unidas, no país e no exterior, e travar uma luta consistente e obstinada contra o poderoso inimigo. A classe operária era esta classe. Ainda que a classe operária chinesa fosse pequena em número (cerca de três milhões), esta se diferenciava do campesinato pois representava as novas forças produtivas; se diferenciava da burguesia por ser vítima da tripla opressão do imperialismo, do feudalismo e do capitalismo e possuía firme vontade para a luta revolucionária.

A classe operária chinesa demonstrou sua força primeiramente no *Movimento Quatro de Maio* de 1919 e começou a receber a influência decisiva do marxismo-leninismo. Os operários de Tangshan, Xangai e Changhsintien chamaram por uma greve política, pela primeira vez na história chinesa, como parte integrante da luta popular anti-imperialista a nível

nacional, ajudando assim alcançar uma rápida vitória. O crescimento da força da classe operária chinesa serviu como um ímpeto para a esquerda dos intelectuais da China no *Movimento Quatro de Maio* e os ajudou a se convencer da urgência do trabalho revolucionário entre os camponeses. No campo da cultura, o *Movimento Quatro de Maio* levantou o slogan de lutar pela democracia e pela ciência, mas sob a influência da Revolução de Outubro na Rússia, a esquerda deste movimento – os intelectuais revolucionários que adquiriram uma ideia rudimentar do comunismo – começou a disseminar o ponto de vista de que a China deveria conquistar o socialismo, e de que era essencial aplicar o marxismo-leninismo para guiar a Revolução Chinesa. Eles possuíam tal posição e a reproduziam no trabalho de propaganda e organização entre os operários. Neste sentido, o movimento da classe operária e o movimento revolucionário chinês entraram em uma nova etapa.

Em seu livro *A Nova Democracia*, o camarada Mao Tsé-tung considera que o ano de 1919 foi o ponto de virada em que a Revolução Democrática chinesa se transformou de revolução democrática de velho tipo em revolução democrática de novo tipo. Isto era porque, a partir daquele ano, a Revolução democrática na China se tornou uma Revolução dirigida pela classe operária e constituía parte integrante da Revolução proletária mundial. Neste histórico tratado, o camarada Mao desenvolveu a teoria leninista-stalinista de que, após a Primeira Guerra Mundial e a Revolução de Outubro na Rússia, a questão nacional se tornou parte da revolução proletária mundial, e também enfatizou que o movimento revolucionário de 1919 na China foi um evento que “ocorreu em resposta ao chamado pela revolução mundial, ao chamado da Revolução Russa, ao chamado de Lenin”.

Deve-se lembrar acerca disto, que já em 1900 e, particularmente em 1912 e 1913, o próprio Lenin já dava grande atenção e escrevera importantes artigos sobre a questão chinesa. Durante o período de 1918-1920, os anos mais críticos após a Revolução de Outubro, Lenin e Stalin, em muitas ocasiões, deram as mais profundas orientações sobre a questão nacional no Oriente. Foram tais orientações que constituíram o ponto de partida da obra *A Nova Democracia*, do camarada Mao Tsé-tung. No Segundo Congresso da Internacional Comunista, realizado em julho de 1920, Lenin fez um relatório especial e elaborou um programa sobre a questão nacional e colonial. Estes clássicos documentos escritos por Lenin traçaram o fundamental curso revolucionário para as nações oprimidas e para os povos dos países coloniais e semicoloniais, estabeleceram a política básica que os comunistas deveriam adotar no curso dos movimentos nacional-revolucionários, e fazendo-o, prestaram uma fundamental ajuda à Revolução Chinesa.

Em 1º de julho de 1921, doze delegados eleitos pelos grupos comunistas que se desenvolveram em vários centros após o *Movimento Quatro de Maio*, fizeram seu Primeiro Congresso Partidário em Xangai, centro industrial da China e do movimento operário. Estes delegados incluíam Mao Tsé-tung, Tung Pi Wu, Chen Tan Chiu, Ho Shu Heng e outros, representando cerca de 50 comunistas. O Primeiro Congresso Partidário adotou a primeira Constituição do Partido Comunista da China, elegeu os órgãos centrais do Partido e fundaram o Partido Comunista da China. Surgia então na China um partido político completamente novo e unido, o Partido da classe operária, com o comunismo como seu objetivo e o marxismo-leninismo como seu guia para a ação. Um representante da Internacional Comunista estava presente neste Congresso.

O camarada Mao Tsé-tung foi o delegado das organizações do Partido da província de Hunan, onde, antes do *Movimento Quatro de Maio*, já havia constituído organizações revolucionárias. Em 1920, ele organizou um grupo para estudar o marxismo e, no mesmo ano, formou a Liga da Juventude Socialista. Após o Primeiro Congresso Partidário, voltou para Hunan para assumir o cargo de Secretário do Partido naquela província. O trabalho fez com que Hunan se tornasse uma das províncias mais avançadas no movimento operário e camponês durante a Primeira Guerra Civil Revolucionária.

O Primeiro Congresso Partidário elegeu Chen Tu-hsiu para dirigir os órgãos centrais do Partido. Contudo, Chen Tu-hsiu não era um bom marxista. Anteriormente e durante o *Movimento Quatro de Maio* ele fora conhecido como um democrata radical. Após o marxismo penetrar na China, ele se tornou um propagandista socialista altamente influente e um patrocinador do Partido Comunista da China.

O Segundo Congresso Partidário foi feito no Lago Oeste (Hsihu), Hangchow, em maio de 1922. Este Congresso formulou um Manifesto do Partido que estabeleceu o programa do Partido, fez a crítica às várias ideologias burguesas reformistas que então estavam na moda, e definiu as tarefas básicas do povo chinês como as seguintes: “para eliminar as rixas civis, derrubar os senhores de guerra e estabelecer a paz interna; para derrubar a opressão do imperialismo internacional e conquistar a independência completa da nação chinesa; para unir toda a China em uma genuína república democrática”.

Assim, pela primeira vez na história chinesa, o Partido Comunista colocou claramente para o povo chinês uma palavra de ordem sobre a genuína democracia revolucionária.

As insuficiências do *Manifesto* foram que este não estabeleceu o princípio concreto de que a revolução democrática deve ser dirigida pelo proletariado, não demonstrou as demandas dos operários e camponeses pelo poder político ou as demandas dos camponeses pela terra, e que apenas chamou os operários e camponeses para lutar pela revolução democrática e para lutar só por seus próprios direitos. Posteriormente, durante a direção do Partido sobre o trabalho revolucionário no período de 1924 a 1927, estas insuficiências foram aprofundadas pelo grupo oportunista de Chen Tu-hsiu e geraram sérios erros na linha política geral. O Segundo Congresso Partidário também definiu o ingresso do Partido na Internacional Comunista.

Nos dois anos posteriores a sua fundação, o Partido concentrou seus esforços para dirigir o movimento operário. Criou o Secretariado Sindical Chinês, a nível legal, para dirigir o movimento operário por todo o país e este também convocou o Primeiro Congresso Operário de Toda a China em maio de 1922, em Cantão. Como resultado do efetivo trabalho do Partido, a maré das lutas operárias cresceu por todo o país de janeiro de 1922 a fevereiro de 1923. Mais de 300 mil operários participaram de mais de 100 greves nas cidades principais e nos centros industriais pelo país. Estas greves foram todas realizadas sob a direção dos membros do Partido Comunista da China e, em sua maioria, foram completamente vitoriosas. Sindicatos dirigidos pelos comunistas foram formados pelos operários após tais vitórias. O rápido desenvolvimento do movimento operário e de suas organizações demonstraram clara e rapidamente o importante papel da classe operária na vida política e econômica.

Em fevereiro de 1923, contudo, as classes dominantes chinesas desferiram duros golpes contra este recrudescimento do movimento operário chinês. Wu Pei-fu, o principal senhor de guerra que controlava as províncias de Hopei, Honan e Hupeh na época, usou a força para reprimir o congresso inaugural do Sindicato Geral dos operários ferroviários de Pequim-Hankou. Quando os operários protestaram nesta e em outras ferrovias, Wu Pei-fu convocou suas tropas e, em 7 de fevereiro, massacrou os ferroviários em Hankou e Changhsintien. Neste incidente, que ficou conhecido como o “Massacre de Sete de Fevereiro”, cerca de 40 operários foram mortos e centenas foram feridos.

A heroica luta dos operários ferroviários chineses demonstrou o rápido desenvolvimento e a organizada força e iniciativa revolucionária da classe operária, e desta maneira fortaleceu grandemente o prestígio político da classe operária e do Partido Comunista da China entre todo o povo chinês. Ao mesmo tempo, esta mostrou que sem fortes aliados e sem suas próprias forças armadas, a classe operária não poderia derrotar as forças reacionárias fortemente armadas, nas circunstâncias em que quaisquer direitos democráticos eram inexistentes. As novas lutas travadas pelos operários entraram em um refluxo temporário, como resultado da enorme pressão do governo reacionário. Os fatos ensinaram ao Partido e à classe operária que, para que a vitória da Revolução Chinesa fosse conquistada, era necessário formar uma aliança anti-imperialista e antifeudal com os camponeses, que constituíam então 80% da população do país, com os milhões que constituíam a pequena burguesia urbana, com os elementos democráticos da burguesia que eram pela luta contra o imperialismo e o feudalismo e opor a contrarrevolução armada com a revolução armada.

O Partido, então, tomou passos positivos para se unir com o Kuomintang, dirigido pelo Dr. Sun Yat-sen, por meio da qual se esperava que a aliança da classe operária com outras forças democráticas poderia ser efetuada. A Liga Revolucionária (Tungmenghui), antecessora do Kuomintang, havia sido a principal organizadora da Revolução de 1911, que derubou o governo Manchu. Politicamente, a Liga Revolucionária era uma aliança vaga de grupos que iam de elementos radicais da burguesia e da pequena burguesia e elementos liberais da burguesia a elementos contra os Manchu no seio da classe latifundiária.

Após a Revolução de 1911 ser traída, a maioria dos grupos desta aliança se renderam ao imperialismo e aos reacionários. O grupo dirigido pelo Dr. Sun Yat-sen, contudo, persistiu na luta democrático-burguesa e continuou a sofrer reveses. O Dr. Sun Yat-sen, porém, se apoiou nos senhores de guerra em Guangdong para conduzir atividades contra o governo reacionário em Pequim, mas foi expulso da Província pelo senhor de guerra Chen Chiung-ming, o que também contribuiu para ampliar o racha interno existente no Kuomintang.

A vitória da Revolução Socialista de Outubro na Rússia, a justa política da URSS com a China e outros povos oprimidos do Oriente, o *Movimento Quatro de Maio* e o nascimento do Partido Comunista da China e do movimento operário chinês após o *Movimento Quatro de Maio* – todos gradualmente chamaram a atenção do Dr. Sun Yat-sen e de outros membros do Kuomintang, que se demonstraram inclinados à política revolucionária de se unir com a URSS e o Partido Comunista.

O Terceiro Congresso Partidário do Partido Comunista da China, realizado em junho de 1923, avaliou corretamente a postura democrática do Dr. Sun Yat-sen contra o imperialismo e os senhores de guerra feudais e a possibilidade de

transformação do Kuomintang em uma aliança revolucionária de operários, camponeses, da pequena burguesia e a burguesia nacional.

O Terceiro Congresso Partidário criticou os dois maiores desvios dentro do Partido. Um era o desvio representado pelo capitulacionismo de Chen Tu-hsiu, que se expressava na visão segundo a qual a revolução democrático-burguesa deveria ser dirigida pela burguesia, de que “todo o trabalho deve ser feito pelo Kuomintang” e que “uma vez que a revolução democrática for vitoriosa, tudo o que o proletariado deve ganhar é alguma liberdade e direitos”. Nunca, nem por um momento, os expoentes destes desvios tentaram fazer que o proletariado e o Partido Comunista dirigirem a revolução, se tornassem o núcleo do efetivo poder político e assim usar este poder político para assegurar o avanço do país para o socialismo. Eles argumentavam que, nesta primeira revolução, dever-se-ia permitir à burguesia estabelecer uma república burguesa que pudesse garantir ao proletariado certas “liberdades e direitos” e nada mais do que isso. Assim, eles imaginavam que na revolução democrático-burguesa o proletariado não poderia cumprir mais do que um papel passivo e suplementar, jamais o papel dirigente. Eles sustentavam que o proletariado poderia apenas esperar até que uma república burguesa fosse estabelecida e até que a economia capitalista fosse desenvolvida até certo ponto antes de derrubá-la e substituí-la pela ditadura do proletariado. Consideravam que somente então, o socialismo poderia ser conquistado efetivamente. Esta seria uma segunda revolução. Os pontos de vista deste desvio foram conhecidos como “teoria das duas revoluções”.

O segundo desvio dessa fase era a “política de portas fechadas”, representado por Chang Kuotao. Os expoentes de

tal desvio defendiam que o Partido Comunista não deveria cooperar com o Kuomintang, que apenas a classe operária poderia levar a cabo a revolução. Assim, eles se opunham que membros do Partido, operários e camponeses ingressassem no Kuomintang. O Congresso criticou as visões erradas, tanto direitistas quanto “esquerdistas”, e decidiu cooperar com o Kuomintang e permitir que membros do Partido Comunista ingressassem no Kuomintang para que assim este pudesse ser reorganizado como uma aliança democrática revolucionária, enquanto ao mesmo tempo se preservaria a independência orgânica e política do Partido. No entanto, o Terceiro Congresso não prestou a devida atenção à questão dos camponeses e à questão das forças armadas revolucionárias.

O camarada Mao Tsé-tung compareceu ao Terceiro Congresso Partidário. Ele sustentou firmemente as visões corretas e se opôs às visões erradas. Neste Congresso ele foi eleito para o Comitê Central do Partido.

A política de Frente Única do Partido acelerou grandemente o ritmo da Revolução Chinesa. Graças aos esforços do Partido Comunista da China e o importante auxílio dado pelo corpo dirigente da Internacional Comunista e do Partido Comunista (bolchevique) da União Soviética, o Kuomintang realizou seu primeiro Congresso Nacional em Cantão, em janeiro de 1924, lançou um Manifesto, estabeleceu um programa da revolução democrática e formulou várias medidas para se reorganizar e revolucionar. Este Congresso, que foi frequentado e dirigido em conjunto com os membros do Partido Comunista, foi na realidade o ponto de partida de um novo recrutamento revolucionário. A cooperação entre o Kuomintang e o Partido Comunista estimulou o Dr. Sun Yat-sen, a esquerda do Kuomintang e a nação inteira para seguir em frente na ampla luta contra o imperialismo e o feudalismo e contra

seus agentes dentro do Kuomintang – os elementos direitistas. Graças à proposta do Partido Comunista da China, e com sua direção e apoio diretos, um governo revolucionário e uma academia militar revolucionária foram estabelecidas na Província de Guangdong, uma guerra expedicionária foi lançada contra as forças reacionárias em Guangdong e um movimento popular a nível nacional foi iniciado pela convocação de uma Assembleia Nacional e pela revogação dos tratados desiguais. O movimento operário retomou suas atividades e o movimento camponês foi iniciado.

O Quarto Congresso Partidário do Partido Comunista da China, que foi realizado em janeiro de 1925, fez preparações orgânicas para uma nova onda de lutas de massas. O Dr. Sun Yat-sen faleceu em março deste ano. A dor de toda a nação pela perda deste grande revolucionário foi expressa em uma generalizada campanha de propaganda política.

Na sequência da grande greve antibritânica e antijaponesa dos operários de Xangai realizada em maio de 1925, uma grande tempestade revolucionária a nível nacional estourou. No dia 15 de maio, o capitalista dono de uma empresa têxtil japonesa em Xangai assassinou um operário comunista, Ku Cheng-hung. Em 30 de maio, operários e estudantes de Xangai fizeram uma manifestação em frente à Concessão Estrangeira em apoio aos operários têxteis. Quando os manifestantes marcharam pela Avenida de Nanquim, a polícia britânica abriu fogo contra eles, e muitos foram mortos ou feridos. Uma onda de furiosa indignação se espalhou por Xangai e pela nação inteira como resultado do Massacre de Trinta de Maio. Nos dias seguintes, operários e estudantes de Xangai continuaram a se manifestar contra este massacre imperialista contra o povo chinês, e muitos foram alvejados com disparos e foram assassinados pelas polícias britânica, estadunidense

e japonesa. Operários de Xangai chamaram por uma greve geral, estudantes não compareceram às aulas, comerciantes pararam seus negócios.

O movimento rapidamente se espalhou para outras cidades do país onde operários, estudantes e demais cidadãos deflagraram muitas manifestações anti-imperialistas, incendiaram veículos nas ruas, deixaram de comparecer às aulas, fecharam todas as lojas e boicotaram mercadorias britânicas e japonesas. Após organizarem a greve geral em Hong Kong, os operários foram à Cantão, bloquearam Hong Kong, transformando-a em um porto morto. Os operários grevistas de Hong Kong, junto com os operários e estudantes em Cantão, incluindo cadetes da academia militar, fizeram uma manifestação em 23 de junho e receberam disparos de marinheiros britânicos em Shameen, Cantão. Muitos manifestantes foram mortos ou feridos. Isto despertou uma resistência ainda maior pela nação.

Em todos estes movimentos anti-imperialistas, a nação inteira demandou unanimemente, entre outras coisas, a punição dos assassinos, pagamento de indenizações, pedidos de desculpas, retorno de concessões estrangeiras para a China e a retirada das tropas estrangeiras. Mas os governos dos senhores de guerra em Pequim e de outras partes do país continuaram a se render resignadamente ao imperialismo e reprimir o movimento popular. Somente o governo revolucionário de Guangdong apoiou os operários grevistas em suas lutas contra o imperialismo e, como resultado, as greves em Hong Kong e Cantão duraram 16 meses.

O Movimento Trinta de Maio, como ficou conhecido devido ao sangrento massacre em 30 de maio, fez avançar grandemente o movimento na província de Guangdong e a-

briu caminho para uma grande revolução. O “Exército Revolucionário Nacional” em Guangdong se unificou rapidamente toda a província e estabeleceu em julho de 1926 a Expedição do Norte para derrubar o regime feudal que oprimia a nação inteira tendo em Pequim o seu centro. Em decorrência da heroica luta dos comunistas e dos elementos revolucionários no seio do Kuomintang, além do entusiasmado apoio popular pelo país, o Exército Expedicionário do Norte ocupou Hankou. Em março de 1927, os operários de Xangai fizeram um levante, em conjunto com o Exército Expedicionário do Norte para ocupar aquela cidade. O movimento operário e camponês expandiu-se pelo país. O número total de membros dos sindicatos chegou a 2,8 milhões, e o de membros das associações camponesas cresceu para 9,5 milhões. O total de membros do Partido Comunista da China cresceu de cerca de 900 anteriormente ao Movimento Trinta de Maio para mais de 58 mil após as revoltas populares.

Mas este repentino desenvolvimento não estava assentado sob bases firmes. Chen Tu-hsiu, então líder do Partido Comunista, assumiu uma atitude passiva e fraca para com as tarefas fundamentais – de que o proletariado deveria ter o papel dirigente na revolução democrática, e de que os comunistas deveriam comandar a cooperação entre Kuomintang-Partido Comunista e a Guerra Expedicionária ao Norte. Lutas de massas já estavam em andamento, principalmente a luta dos camponeses pela terra em muitas localidades. Mas Chen Tu-hsiu fracassou em adotar uma política resoluta e positiva para apoiar e desenvolver os movimentos de massas para atender às demandas destas. Deixou de organizar a força das massas para reconstruir os órgãos do poder estatal que estavam ain-

da em mãos dos elementos reacionários, para criar as próprias forças armadas e para expandir as fileiras de confiáveis exércitos revolucionários.

A revolução já havia conquistado grande prestígio nas fileiras do massivo Exército Expedicionário do Norte, mas o Partido permaneceu sem uma linha correta para guiar o trabalho político neste Exército. Os comunistas já haviam realizado um ativo trabalho político no Exército Expedicionário do Norte, mas por conta dos órgãos dirigentes do Partido ter negligenciado a importância de se controlar as forças armadas, somente uma pequena parcela destas estava de fato sob o controle de membros do Partido Comunista. O poder no Exército Expedicionário do Norte, efetivamente, estava nas mãos dos oficiais do exército de velho tipo e, principalmente, nas mãos de Chiang Kai-shek, representante da ala de direita do Kuomintang e então comandante do “Exército Nacional Revolucionário”. Kai-shek já havia organizado uma conspiração anticomunista e antissoviética em 20 de março de 1926, mesmo antes de seu poder ter alcançado grande extensão. Então criou um pretexto para atacar o Partido Comunista dentro do exército e nos órgãos dirigentes do Kuomintang. Diante de tais ataques feitos por Chiang Kai-shek, Chen Tu-hsiu fez concessões oportunistas e satisfaz as demandas reacionárias de limitar a atividade do Partido Comunista dentro do exército e dos órgãos dirigentes do Kuomintang. No final do ano de 1926, Chiang Kai-shek transformou seu quartel-general em Nanchang em um centro de oposição contra a esquerda do Kuomintang em Hankou.

No início de 1927, as tendências errôneas de Chen Tu-hsiu já havia se desenvolvido em uma linha oportunista de direita. Os elementos latifundiários e burgueses no Kuomin-

tang se tornaram extremamente apreensivos quanto ao grande desenvolvimento do movimento de massas dos operários e camponeses, bem como diante da firmeza revolucionária demonstrada na luta. Ameaçados pelo movimento camponês nas zonas rurais, latifundiários fugiram para as cidades em grande número. Eles espalhavam todo tipo de boatos contra os camponeses, inventando histórias pelas cidades de que “excessos estão sendo cometidos pelos movimentos dos operários e camponeses”, e fizeram uso disto para atacar o Partido Comunista. Os elementos revolucionários pequenos burgueses mostraram grande vacilação. Neste momento crítico, Chen Tu-hsiu foi confundido pelas atitudes arrogantes dos reacionários. Ele não apenas não se apoiou no movimento operário e camponês quando este estava em maior ascensão para unir os grupos revolucionários, conquistar os grupos intermediários e repelir os reacionários; seguiu o caminho dos reacionários em reprovar o movimento dos operários e camponeses pelos pretensos “excessos” e pôs entraves ao movimento revolucionário das massas, principalmente ao movimento camponês. Em vão esperou conciliar com os elementos latifundiários e burgueses do Kuomintang por meio de compromissos e concessões para que não desertassem do front, e esperou assim “salvaguardar a revolução”. O resultado disso foi que, quanto mais compromissos o Partido Comunista fazia, fortalecia as forças reacionárias ainda mais, enquanto que a força das massas era seriamente minada e sérias perdas foram causadas como resultado da política errada do Partido.

Nesta situação os imperialistas rapidamente entraram em conluio com Chiang Kai-shek. Os latifundiários feudais e a grande burguesia compradora também tornaram Chiang Kai-shek seu novo representante político e o promoveram

para destruir, por dentro, a grande, mas ainda inexperiente, Revolução Chinesa.

Naquela época haviam possibilidades para o Partido Comunista evitar, ou ao menos atenuar, uma derrota subsequente. Por conta disto, em novembro de 1926, o camarada Stalin já havia feito um alerta oportuno e pertinente em seu famoso discurso *Sobre as Perspectivas da Revolução Chinesa*. Neste discurso, Stalin apontava de maneira perfeitamente correta a debilidade da burguesia nacional chinesa e o sério perigo existente de que as potências imperialistas fizessem uso das forças contrarrevolucionárias chinesas para levar a cabo uma intervenção contra a Revolução Chinesa. Ele apontou corretamente que, na Revolução Chinesa, era extremamente importante possuir genuínas forças armadas revolucionárias, que os comunistas deveriam estudar a ciência militar e desenvolvessem a capacidade de dirigir forças armadas, que fosse desenvolvida a revolução no campo e que as demandas do campesinato fossem satisfeitas; que o proletariado deveria se levantar e conquistar a direção sobre o processo. O camarada Stalin e o Comitê Executivo da Internacional Comunista continuaram a dar detalhados conselhos a respeito de qual política deveria o Partido Comunista da China adotar na Revolução Chinesa. Caso as valiosas opiniões de Stalin e da Internacional Comunista tivessem com sucesso despertados os dirigentes do Partido Comunista da China na época, não teria sido possível para o inimigo derrotar a revolução em um único golpe.

Diante dessa primeira conjuntura crucial da Revolução Chinesa, o camarada Mao Tsé-tung demonstrou seu grande gênio revolucionário. Ele foi o primeiro a empregar os métodos do marxismo-leninismo para analisar as relações de classes na China e reconheceu que o sucesso ou o fracasso da

Revolução Chinesa estava relacionado a possibilidade da classe operária conseguir ou não exercer a liderança sobre o campesinato. Este era o problema que não havia sido resolvido nos Congressos Partidários anteriores – incluindo o Terceiro Congresso Partidário. No final de 1924, o camarada Mao Tsé-tung se preocupou em estudar as condições rurais da província de Hunan e dirigir as lutas revolucionárias do campesinato. Em 1925 e 1926, o camarada Mao Tsé-tung em sua obra Marxista-Leninista, *Análise de Classes na Sociedade Chinesa*, formulou suas observações sobre os camponeses chineses e as demais classes. Ele apontou em seu trabalho que distinguir os verdadeiros amigos dos inimigos é uma questão de importância crucial para a revolução e que só assim seria possível se “unir com nossos verdadeiros amigos para conseguir atacar nossos verdadeiros inimigos”. Então, o camarada Mao se dedicou a fazer uma penetrante análise da posição econômica e política das cinco principais forças sociais na China – a classe compradora e a classe latifundiária, a burguesia, os camponeses médios e outros pequenos burgueses, os camponeses pobres e outros semiproletários e o proletariado. Ele chegou à conclusão de que “todos os senhores de guerras, latifundiários, compradores e burocratas estão em conluio com os imperialistas, bem como toda a camada de intelectuais reacionários ligados a eles, são nossos inimigos. O proletariado industrial é a força dirigente em nossa revolução. Todos os semiproletários e pequeno-burgueses são os nossos aliados mais próximos. Com relação às classes médias vacilantes [o camarada Mao se refere neste trecho à burguesia nacional], sua ala direita é nosso inimigo em potencial, enquanto que sua ala esquerda é nosso aliado em potencial, mas devemos estar sempre vigilantes para que estas não causem confusão em nossas fileiras”.

Assim, o camarada Mao Tsé-tung se opôs tanto ao oportunismo de direita de Chen Tu-hsiu que reconhecia a burguesia e o Kuomintang somente, mas falhava por não reconhecer os camponeses, quanto ao oportunismo de “esquerda” de Chang Kuotao que reconhecia somente os operários, mas falhava ao não reconhecer os camponeses.

Com a finalidade de apoiar as lutas camponesas que já estavam em ascensão e em constante crescimento durante a Guerra Expedicionária do Norte, o camarada Mao fez uma investigação em janeiro de 1927 sobre as enérgicas lutas dos camponeses de Hunan para derrubar a tirania dos latifundiários. Então escreveu o mais importante trabalho realizado pelo Partido durante todo o período da Primeira Guerra Civil Revolucionária: *Relatório sobre uma investigação feita no Hunan sobre o Movimento Camponês*. O camarada Mao denunciou severamente todos aqueles que, dentro e fora do Partido, duvidavam dos camponeses e os difamavam. Enfaticamente apontou que se o Partido adotasse a política revolucionária de mobilizar as massas à maior extensão, então “em pouco tempo, nas províncias do Centro, Sul e Norte da China, várias centenas de milhões de camponeses levantar-se-ão como um poderoso furacão, uma tempestade, uma força tão vertiginosa e violenta que nenhum poder, por maior que seja, poderá deter. Eles quebrarão todas as cadeias que os acorrentam e lançar-se-ão no caminho da libertação. Sepultarão todos imperialistas, caudilhos militares, funcionários corrompidos, déspotas locais e maus nobres”.

O principal valor deste documento do Camarada Mao é que: 1) dá uma extensão completa do papel dos camponeses na Revolução Chinesa; 2) aponta a necessidade de se estabelecer o poder político camponês e as forças armadas campo-

nessas nas zonas rurais; 3) analisa os vários setores do camponato e aponta que os camponeses pobres, que constituem a maioria da população chinesa, são a força mais revolucionária entre os camponeses; 4) defende enfaticamente a ideia revolucionária de se mobilizar, organizar e se apoiar nas massas à maior medida. Por esta razão, este trabalho se tornou um documento clássico para os comunistas chineses para a direção da luta camponesa. Mas, àquele tempo, embora as visões corretas do camarada Mao Tsé-tung tivessem apoio de uma parcela dos membros do Partido, elas foram no entanto rejeitadas e suprimidas pela camarilha oportunista de Chen Tu-hsiu, que formava a direção do Partido. Assim, a Revolução Chinesa não poderia ser salva àquela época.

Exatamente como o camarada Stalin previra, os imperialistas iniciaram sua intervenção contra a Revolução Chinesa. Em 24 de março de 1927, após o Exército Expedicionário do Norte ter ocupado a cidade de Nanquim, navios de guerra britânicos, estadunidenses, japoneses, franceses e italianos a bombardearam. Sob instrução dos imperialistas, Chiang Kai-shek levou a cabo um golpe contrarrevolucionário em Xangai em 12 de abril, massacrou inúmeros operários e membros do Partido Comunista e declarou abertamente sua oposição aos comunistas. Ainda que o Kuomintang em Hankou tenha anunciado publicamente uma campanha punitiva contra Chiang Kai-Shek as tendências reacionárias dentro das suas fileiras se desenvolveram rapidamente.

Nesta crítica situação, o Partido Comunista da China fez seu Quinto Congresso Partidário em 25 de abril. O camarada Mao Tsé-tung estava presente neste Congresso, mas foi completamente excluído da direção do Congresso por Chen Tu-hsiu, inclusive com a retirada do seu direito a voto. Cama-

radas como Chu Chiu-pai e Jen Pi-shih fizeram críticas à direção oportunista de Chen Tu-hsiu, mas faltavam-lhes medidas positivas. Ainda que o Quinto Congresso tivesse aceito a direção correta dada pela Internacional Comunista com respeito à Revolução Chinesa, ainda que as resoluções tenham condenado o oportunismo e clamado pela execução da reforma agrária, este ainda reelegeu Chen Tu-hsiu como o Secretário Geral do Partido, apesar do fato de Chen Tu-hsiu ainda persistir em suas arraigadas visões oportunistas. Desta forma, o Quinto Congresso Partidário, na verdade, não resolveu quaisquer problemas. Imediatamente depois, o oficial do exército reacionário Hsu Ke-hsiang aplicou um golpe de Estado em Changsha, em 21 de maio, e massacrou grande quantidade de revolucionários. No dia 15 de julho, o Kuomintang em Hankou decidiu formalmente romper laços com o Partido Comunista e, assim, traiu a Revolução. Diante de todos esses fatos, a Primeira Guerra Civil Revolucionária foi derrotada.

Ainda que a Primeira Guerra Civil Revolucionária tivesse fracassado, esta ensinou ao jovem Partido Comunista da China e ao povo chinês importantes lições. Esta corroborou os princípios fundamentais com relação à revolução democrática na China: "I. A revolução democrática na China atual deveria ser realizada por uma frente única dirigida pela classe operária; a vitória da revolução não poderia ser conquistada sem esta frente única, e a frente única fracassaria se fosse dirigida pela burguesia, ao invés da classe operária; II. O problema central da direção da classe operária na revolução democrática na China era a questão camponesa; somente quando os camponeses pudessem ser conquistados como um aliado fundamental da revolução, a revolução poderia se tornar vitoriosa; III. A principal forma da revolução na China só poderia ser a revolução armada se opondo à contrarrevolução

armada; tudo seria perdido sem as forças armadas revolucionárias”.

Tais lições se mostraram corretas não apenas durante a Primeira Guerra Civil Revolucionária, mas também durante os períodos seguintes.

O fracasso da Primeira Guerra Civil Revolucionária demonstrou que a força da contrarrevolução na China, primeiramente a força do imperialismo, superavam de longe às da revolução; que para derrotar as poderosas forças do imperialismo, que há muitas décadas invadira a China, bem como o seu laçao, o feudalismo chinês, era necessário levar a cabo decisivas lutas; que para travar sérias lutas rumo à vitória, deve-se apoiar não apenas no entusiasmo revolucionário mas na justa direção teórica do marxismo-leninismo.

O Partido Comunista da China, pouco tempo após sua fundação, mergulhou na luta revolucionária a nível nacional, durante a qual muitos comunistas demonstraram lealdade sem fim à causa da classe operária e do povo, assim como um alto grau de capacidade de organização. Mas, com exceção do camarada Mao Tsé-tung e de um limitado número de militantes, eles falharam em estudar o marxismo-leninismo seriamente, em compreender o espírito e a essência do materialismo histórico. Por conta desta debilidade, os órgãos dirigentes do Partido foram incapazes de compreender os conselhos revolucionários dados por Lenin, Stalin e a Internacional Comunista e também foram incapazes de superar os erros oportunistas e a traição burguesa em meio a uma situação complexa, crítica e de rápidas mudanças nas lutas revolucionárias. A insuficiência do conhecimento teórico do marxismo-leninismo pelo Partido indicou que, como um todo, ainda estava em sua infância naquele período.

O Partido Comunista da China entrou em um difícil período após o fracasso da Primeira Guerra Civil Revolucionária. Mas foi durante este complicado período que o partido conseguiu alcançar sua maturidade, tanta política quanto militar.

A Segunda Guerra Civil Revolucionária

Em 1927, durante o rápido desenvolvimento revolucionário, o jovem Partido Comunista da China foi golpeado por poderosos inimigos, tanto de dentro quanto de fora das fileiras da revolução. O Partido falhou em resistir a tais golpes de maneira adequada devido aos erros cometidos pelos dirigentes e, como resultado, sofreu reveses extremamente sérios. O Partido tentou salvar a revolução da derrota. Em 1º de agosto, Chu En-Lai, Chu Teh, Yeh Ting, Ho Lung e outros camaradas lideraram mais de 30 mil homens do Exército Expedicionário do Norte, que estavam sob influência do Partido, em um levante armado em Nanchang, na província de Kiangsi. Mas, ao invés de buscar se unirem ao movimento camponês em Kiangsi, eles marcharam ao sul para a província de Guangdong. Depois, ainda que tenham preservado uma parte pequena de suas forças, a maior parte foi derrotada nas batalhas contra o inimigo no leste da província de Guangdong. Após isto, a situação levou à inevitável derrota da revolução. A partir de 12 de abril, quando Chiang Kai-shek começou seu massacre, até no momento posterior à derrota, muitos líderes brilhantes do Partido, assim como operários, camponeses e intelectuais revolucionários foram dilacerados pelo país. O país inteiro se encontrou subitamente nas trevas. Não só a burguesia nacional, mas também muitos da camada superior da pequena burguesia desertaram da revolução. Amplos grupos formados por intelectuais de origem pequeno burguesa, que entraram para o Partido, mas não eram determinados, anunciaram sua saída. Mas o heroico Partido Comunista e todo o povo revolucionário da China, como o camarada Mao Tsé-tung disse em *Sobre o Governo de Coalizão*, "não se amedrontaram, não se

dominaram, não foram aniquilados. Eles se levantaram, limpam as manchas de sangue, enterraram os camaradas caídos e foram à luta”.

Chiang Kai-shek e o Kuomintang, os traidores da revolução, não resolveram e não podiam resolver quaisquer dos problemas que fizeram emergir a Revolução Chinesa. Ao contrário, a crise nacional da China foi agravada por Chiang Kai-shek e o Kuomintang, que eram ainda mais dependentes do imperialismo e que reprimiram o povo revolucionário de forma ainda mais brutal do que os governantes reacionários passados. Os imperialistas fizeram determinadas concessões formais para Chiang Kai-shek (como abrir mão dos direitos de jurisdições consulares e de tarifas alfandegárias convencionais), pois sabiam que não fazia diferença se estes direitos fossem capitalizados por Chiang Kai-shek ou por eles mesmos. Mas, na realidade, a agressão imperialista se ampliou cada vez mais na China. A ascensão da influência política e econômica do imperialismo estadunidense sobre o país era cada vez mais notável.

Manipulados, como já haviam sido no passado, pelo imperialismo e o feudalismo, os novos senhores de guerra do Kuomintang entravam em guerras intestinas entre si. Os operários e os camponeses submetidos a pesada exploração e opressão, em condições ainda piores do que antes. Principalmente nas grandes cidades, a opressão do Kuomintang era ainda mais brutal do que a dos senhores de guerra de velho tipo. Após trair a revolução, Chiang Kai-shek não representava os interesses da burguesia nacional, mas os interesses do imperialismo, do feudalismo e da burguesia compradora. Chiang Kai-shek desenvolveu o que mais tarde foi chamado de capitalismo burocrático – de caráter comprador, feudal,

militar e monopolista. Conseqüentemente, a burguesia nacional sofreu ainda mais opressão sob o governo de Chiang Kai-shek do que anteriormente. Mao Tsé-tung, analisando a situação, no artigo *Por que Pode Existir na China o Poder Vermelho*, disse em 1928: “os operários, camponeses, o povo comum por todo o país e até mesmo a burguesia ainda permanecem sob o governo contrarrevolucionário sem estarem de forma alguma libertados política ou economicamente”.

Eis aqui a razão principal pela qual o imperialismo japonês lançou suas ofensivas militares em larga escala contra a China em 1931 e 1937.

Ainda que o governo de Chiang Kai-shek fosse ainda mais brutal do que o antigo governo dos senhores de guerra, aquele possuía fraquezas, que, no fundamental, eram seu divórcio com as massas do povo e seus conflitos internos. O aparato do Estado reacionário de Chiang Kai-shek foi fortalecido para reprimir o povo. Mas sua principal força só poderia se efetuar nas cidades. Como resultado, não foi fácil para o povo das cidades retomar ou desenvolver suas lutas. Entretanto, era impossível para Chiang Kai-shek concretizar sua poderosa tirania reacionária pelos vastos distritos pelo país. As contínuas guerras entre as várias facções dos senhores de guerra do Kuomintang aumentavam as dificuldades de Chiang Kai-shek a este respeito. Especialmente nos distritos rurais que se encontravam sob influência da revolução, os camponeses demandavam a terra e possuíam experiência de luta contra a classe latifundiária. Esta era uma condição favorável para a revolução e desfavorável para a contrarrevolução. Se a derrota da Primeira Guerra Civil Revolucionária resultou do fracasso da direção equivocada dada aos camponeses para resolver o problema da terra, então a esperança de se reviver o movimento revolucionário residia precisamente em dirigir

corretamente a luta camponesa pela terra a partir das novas condições.

Na situação em que a revolução havia sido derrotada e Chiang Kai-shek estabelecido sua tirania reacionária, a tarefa do Partido era tornar claro para o povo a necessidade de continuar a luta revolucionária e dirigi-la pelo caminho correto para revivê-la. Para fazê-lo, o Partido necessitou de um balanço das experiências da Primeira Guerra Civil Revolucionária, corrigir os erros de direção do Partido e reunir as forças revolucionárias para organizar rapidamente um recuo defensivo frente à ofensiva feita pelo inimigo. Como efeito, foi necessário que algumas organizações do Partido se transladassem para alguns distritos rurais, onde as forças dos contrarrevolucionários eram relativamente fracas e onde a revolução era relativamente arraigada, para dirigir os camponeses para levar a cabo a reforma agrária e a guerra de guerrilhas; para a outra parte das organizações do Partido permanecer nas cidades era necessário passar à clandestinidade, e assim realizar o trabalho secretamente para preservar os quadros e as organizações do Partido, além de construir as forças revolucionárias das massas; e, após isto, com estes dois contingentes coordenando suas lutas, tomar vantagem das contradições internas e fraquezas do inimigo para retomar o movimento revolucionário.

Imediatamente após o Kuomintang, em Hankou, se posicionar contra o Partido Comunista em julho de 1927, o Partido realizou uma reunião emergencial no dia 7 de agosto. Esta conferência retificou por completo o capitulacionismo de Chen Tu-hsiu e o retirou da direção. Os erros de Chen Tu-hsiu foram examinados mais detalhadamente no Sexto Congresso Partidário em julho de 1928. Chen Tu-hsiu não reconheceu

seus erros. Ele e seus apoiadores defendiam que, com a vitória burguesa, a revolução democrática burguesa chinesa já havia sido encerrada, que a burguesia já havia se estabelecido e agora consolidaria seu governo, e que desta forma, o proletariado chinês deveria abrir mão da luta revolucionária, dar atenções às atividades legais e esperar pela futura revolução socialista a ser lançada no futuro. Naquele período, Chen Tushiu e seus apoiadores tomaram o caminho contrarrevolucionário de colaborar com trotskistas em atividades antipartido. Por isso, o Partido o expulsou em 1929.

Com o fim de se salvar a revolução, o Partido, em sua Conferência de 7 de agosto de 1927 fez um chamado para os camponeses estourassem levantes na colheita de outono. Após a conferência, o camarada Mao Tsé-tung foi para vários lugares ao oeste da província de Kiangsi e ao leste da província de Hunan, onde liderou uma parte dos camponeses e operários e das tropas do Exército Expedicionário do Norte durante os levantes no Leste de Hupeh, no leste e sul de Hunan, no Leste Guangdong, na cidade de Cantão, na ilha de Hainan e em outros locais. Os levantes no Sul de Hunan foram dirigidos pelos camaradas Chu Teh, Chen Yi, Lin Piao e outros, que dirigiram no Sul de Hunan algumas das tropas que haviam participado do Levante de Nanchang e foram preservadas após a derrota em Guangdong. Pouco depois, suas tropas, juntamente com o exército camponês que foi formado no decorrer dos levantes, uniram forças com as tropas sob o comando do camarada Mao. Parte das forças armadas que foram organizadas no decorrer dos levantes em outras regiões também foi mantida intacta.

Nestes lugares, onde as forças armadas foram lideradas de forma correta, a luta armada revolucionária se desen-

volveu passo a passo. Após estes episódios se iniciou a Segunda Guerra Civil Revolucionária. Estas tropas formadas foram o embrião do Exército Vermelho de Operários e Camponeses da China, o atual Exército Popular de Libertação chinês.

Mas, na situação em que a revolução havia sido derrotada, se demandava que as organizações do Partido, como um todo, conduzissem um apropriado recuo ao invés de permanecer na ofensiva. Para o período, várias formas de luta armada locais constituíam nada mais do que uma forma especial de autodefesa. Como resultado da incorreta análise sobre a situação da época, como se a revolução ainda estivesse em ascensão e se recusando a admitir que a revolução fracassou, o Partido, do inverno de 1927 à primavera de 1928, sob a direção do camarada Chu Chiu-pai, caiu no putchismo esquerdista, se opôs à retirada e quis se manter na ofensiva, causando assim, continuamente, perdas consideráveis para as forças revolucionárias que ainda restavam.

O Sexto Congresso Partidário, que foi realizado em julho de 1928, liquidou em definitivo o capitulacionismo de Chen Tu-hsiu, e, ao mesmo tempo, criticou os erros do putchismo esquerdista. O Congresso mais uma vez afirmou que a Revolução Chinesa era uma revolução de caráter democrático e que sua tarefa geral era estabelecer a ditadura democrática anti-imperialista e antifeudal dos operários e camponeses. O Congresso também discutiu vários aspectos do programa para a ditadura democrática dos operários e camponeses e estabeleceu a tarefa de se criar um Exército Vermelho, estabelecer as bases de apoio revolucionárias no campo e a distribuição das terras entre os camponeses. O Congresso indicou que o recrudescimento revolucionário estaria por vir, mas que a situação política de então se localizava como um intermediário entre dois recrudescimentos revolucionários;

portanto, a tarefa geral do Partido àquela época não era ter o espírito ofensivo ou organizar levantes em todos os locais, mas sim conquistar as massas. Tais são os méritos do Sexto Congresso Partidário. As insuficiências de tal congresso foram: carência de uma abordagem correta quanto à natureza prolongada da revolução democrática, quanto ao papel das classes intermediárias e às contradições no seio das forças reacionárias; também não compreendeu corretamente que, taticamente, o Partido deveria conduzir uma retirada e que a questão chave era transferir o centro das atividades partidárias das cidades, onde o inimigo era mais forte, para os distritos rurais, onde o inimigo era comparativamente mais fraco. A liderança do Partido ainda estava ligada aos esquerdistas. Tais insuficiências do Sexto Congresso Partidário contribuíram para não haver uma retificação dos desvios esquerdistas no seio do Partido. O camarada Mao Tsé-tung não compareceu ao Sexto Congresso Partidário. O Congresso o elegeu como membro do Comitê Central.

Os problemas que não foram corretamente resolvidos pelo Sexto Congresso Partidário foram mais tarde solucionados pelo camarada Mao tanto na teoria quanto na prática. Em outubro de 1927, Mao Tsé-tung dirigiu um contingente do recém-formado Exército Revolucionário de Operários e Camponeses em retirada para a região das montanhas de Ching kang, localizadas na fronteira com as províncias de Kiangsi e Hunan, e ali estabeleceu o Governo dos Operários e Camponeses da Região Fronteiriça Hunan-Kiangsi, efetuou repetidos ataques contra o inimigo e dirigiu os camponeses para a distribuição das terras.

Após as tropas sob o comando dos camaradas Chu Teh e Peng Te-huai se unirem pouco a pouco com as tropas sob o comando do camarada Mao e as bases revolucionárias que

tinham as montanhas de Chinkang como sua região central se expandiram gradualmente. Durante este período, sob direção do Partido, as guerras de guerrilhas camponesas e a luta pela terra se desenvolveram também em Kiangsi, Hunan, Hupeh, Kwangsi e outras províncias. Novos contingentes do Exército Vermelho e várias outras bases de apoio revolucionárias foram estabelecidas uma após o outro. Em 1929, o Exército Vermelho, dirigido pelos camaradas Mao Tsé-tung e Chu Teh, avançou para o sul de Kiangsi e para o oeste da província de Fukien e fundaram as Bases de Apoio Revolucionárias Centrais em Juichin e Kiangsi.

As bases de apoio revolucionárias fundadas primeiramente pelo camarada Mao no inverno de 1927 e a guerra revolucionária dirigida por ele, assim como as bases de apoio e as guerras revolucionárias dirigidas em outros locais por outros camaradas, se tornaram o conteúdo principal da luta revolucionária na China neste novo período. Elas constituíam o fator principal da vida política da nação, se tornando uma grande ameaça ao governo reacionário de Chiang Kai-shek e representavam a esperança do povo trabalhador chinês.

Por que o desenvolvimento da guerra do Exército Vermelho e a criação das bases de apoio rurais foram possíveis? Por que este era o principal conteúdo da luta revolucionária na China até então? As respostas teóricas para esta questão foram dadas pelo camarada Mao Tsé-tung nos dois artigos: *Porque Pode Existir na China o Poder Vermelho*, escrito em outubro de 1928, e *Uma Faísca Pode Incendiar toda a Pradaria*, escrito em janeiro de 1930.

No primeiro artigo, Mao apontou que haviam cinco condições que tornavam possível a existência do Poder político vermelho então: 1) Uma economia agrícola local no país, junto com as política dos imperialistas de oprimir e explorar

a China, dividindo-a em forma de esferas de influência entre eles, criou vazios do poder reacionário, cuja vantagem poderia ser tomada pelas forças revolucionárias; 2) A influência da Primeira Guerra Civil Revolucionária ainda prevalecia entre o povo em vastas áreas do país; 3) A situação revolucionária do país se desenvolvendo amplamente; 4) Um Exército Vermelho para apoiar o Poder político; 5) Havia um Partido Comunista, cuja organização era poderosa e cuja política era correta para dirigir o poder político vermelho.

No segundo artigo, Mao Tsé-tung abordou detalhadamente o significado da guerra levada a cabo pelo Exército Vermelho chinês. Ele apontou que a criação e expansão do Exército Vermelho e das bases de apoio revolucionárias era “a forma superior de luta camponesa sob a direção do proletariado na China semicolonial” e que constituía “um fator importante para acelerar o recrudescimento revolucionário que estava por vir”. Mao Tsé-tung defendia que a guerra dirigida pelo Exército Vermelho, a revolução agrária e a construção do poder revolucionário deveriam ser desenvolvidas em sua máxima extensão. “Somente fazendo-o poderemos conquistar a confiança e o respeito das massas revolucionárias pelo país, como fez a União Soviética pelo mundo. Somente fazendo-o poderemos criar grandes dificuldades para as classes dominantes, abalar suas bases e acelerar sua desintegração. E somente fazendo-o podemos criar de fato um Exército Vermelho que será um dos importantes instrumentos para a grande revolução que está por vir. Em síntese, somente assim, portanto, podemos acelerar a crescente onda revolucionária”.

Portanto, o camarada Mao Tsé-tung descobriu a única lei correta do desenvolvimento da Revolução Chinesa na situação em que esta havia sido derrotada nas grandes cidades por poderosos inimigos, onde por ora não havia possibilidade

de se conquistar a vitória nos grandes centros. Esta lei era cercar em um primeiro momento e, posteriormente, ocupar as cidades ocupadas pela contrarrevolução, por meio dos distritos rurais armados revolucionários. O desenvolvimento da Revolução Chinesa nos subseqüentes 20 anos confirmaria por completo a visão de Mao.

Neste período, o camarada Mao Tsé-tung não apenas descobriu para o Partido o curso geral do desenvolvimento da revolução no período da Segunda Guerra Civil Revolucionária, mas também deu importantes e criativas contribuições em vários aspectos concretos da política, como em políticas concernentes à revolução agrária, às classes médias, à estratégia e tática militares para derrotar as forças superiores do inimigo, ao trabalho político entre as tropas e ao trabalho da construção do Partido nas zonas rurais sob condições de uma guerra. Levando em consideração o fato de que os camponeses pobres e os assalariados agrícolas constituíam a força mais revolucionária nas zonas rurais, que os camponeses médios compunham uma força importante que firmemente apoiava a revolução, que a economia dos camponeses ricos ainda deveria ser preservada e que a indústria e comércio de pequeno e médio porte precisavam ser protegidos e desenvolvidos, o camarada Mao estabeleceu e seguiu de forma resoluta a linha da revolução agrária, que deveria se apoiar nos camponeses pobres e assalariados agrícolas, unir-se aos camponeses médios, proteger os camponeses ricos, os industriais e os empresários pequenos e médios, e liquidar somente a classe latifundiária.

Considerando que a guerra era a principal forma de luta e o exército a principal forma de organização da Revolução Chinesa e que a característica da guerra revolucionária na época era a de que o inimigo era forte e nós éramos fracos e

de que o inimigo era divorciado das massas e nós éramos firmemente unidos às estas, Mao Tsé-tung estabeleceu corretamente princípios básicos como os de que o Exército Vermelho deve ser propagandista e organizador do trabalho do Partido, do poder popular, da reforma agrária e de todos os outros trabalhos locais; que o Exército Vermelho deve desenvolver profícuo trabalho político e aderir à firme disciplina de massas entre suas fileiras; que a guerra deflagrada pelo Exército Vermelho deve ser uma guerra popular que se apoie nas massas, com a guerra de guerrilhas ou guerra de movimentos com um caráter de guerra de guerrilhas, como principal forma de combate na época; que, estrategicamente, o Exército Vermelho deve levar a cabo uma guerra prolongada, mas, taticamente, deve fazer combates de rápida decisão; que, em tempos normais, deve enviar tropas para organizar as massas e, na hora dos combates, deve concentrar um número superior de forças para cercar e aniquilar o inimigo.

Todos estes princípios básicos somado a alguns outros princípios militares constituem a linha militar das guerras revolucionárias da China. Em vista disso, pode-se dizer que o trabalho que o camarada Mao realizou neste difícil período da Revolução Chinesa assentou as bases para levar a Revolução Chinesa para a vitória.

Em 1930, o Exército Vermelho por todo o país cresceu para cerca de 60 mil homens, dos quais 30 mil vinham da área central da província de Kiangsi. Neste ano e pouco tempo depois, as bases revolucionárias foram estendidas para Fukien, Anhwei, Honan, Shensi, Kansu e outras províncias, assim como para as ilhas Hainan e a província de Guangdong. O rápido desenvolvimento do Exército Vermelho causou um tremendo choque em Chiang Kai-shek. Já no final de 1930, Chiang Kai-shek enviou sete divisões, totalizando cerca de 100

mil homens, para uma campanha de cerco e aniquilamento contra o Exército Vermelho na região central, com o resultado que, destas, uma divisão e meia foi varrida pelo Exército Vermelho e o comandante de campo de Chiang Kai-shek foi capturado. Em fevereiro de 1931, Chiang Kai-shek enviou mais 200 mil homens, tendo Ho Yin-chin como comandante, para uma segunda campanha de cerco e aniquilamento contra o Exército Vermelho na região central. Foi, mais uma vez, derrotada. O Exército Vermelho capturou mais de 30 mil homens como prisioneiros de guerra e confiscou mais de 20 mil armas do inimigo. Em julho do mesmo ano, Chiang Kai-shek iniciou uma terceira campanha. Tendo ele próprio como comandante e acompanhado por conselheiros militares britânicos, japoneses e alemães, dirigiu 300 mil homens e penetrou em três direções rumo às bases de apoio do Exército Vermelho na região central. E, mais uma vez, o ataque foi repellido. Ao mesmo tempo, muitas vitórias importantes foram conquistadas pelo Exército Vermelho dirigido pelo camarada Hsu Hsiang-chien, que estava estacionado primeiramente na Base de Hupeh-Honan-Anhwei e depois se transferiu para a Base de Szechuan do Norte e pelo Exército Vermelho das Bases do Oeste de Hunan e Hupeh, dirigidas pelo camarada Ho Lung.

Influenciadas pelas vitórias alcançadas pelo Exército Vermelho, mais de 10 mil tropas do Exército da 26ª Rota do Kuomintang, que haviam sido enviadas para atacar o Exército Vermelho, se amotinaram em Ningtu, províncias de Kiangsi, e em dezembro de 1931, sob a direção dos camaradas Chao Po-sheng e Tung Chen-Tang, e ingressaram no Exército Vermelho. Por conta de tais vitórias, a força do Exército Vermelho continuou a crescer e a nova situação revolucionária começou gradualmente a dar frutos.

Foi justamente nesta época em que a invasão do imperialismo japonês foi iniciada em larga escala no nordeste da China, em 18 de setembro de 1931. Os imperialistas japoneses, que estavam determinados em invadir a China após a Guerra Sino-Japonesa de 1894, concluíram que, em decorrência da crise econômica que abalou o mundo capitalista a partir do fim de 1929, a Grã-Bretanha, Estados Unidos e outros países estavam muito preocupados com seus assuntos domésticos para competir com o Japão na conquista da China. Também consideraram que o governo de Chiang Kai-shek havia capitulado completamente perante os imperialistas, se apoiando na ajuda dos britânicos e estadunidenses para levar a cabo uma guerra civil entre os próprios contrarrevolucionários, bem como uma guerra civil contra o Exército Vermelho de Operários e Camponeses e que assim não poderia resistir a uma invasão do Japão. Os imperialistas japoneses decidiram começar a invasão no Nordeste e, posteriormente, expandir gradualmente para outras regiões da China. Devido ao fato do governo de Chiang Kai-shek persistir em sua política de não oferecer resistência à invasão do Japão, e ter se dedicado somente a “repressão contra os comunistas” com a intensificação do terror fascista, o Japão rapidamente ocupou todo o nordeste chinês em 1931. Em janeiro de 1932 invadiu Xangai. Em 1933 ocupou a província de Jehol e parte da província de Chahar. Em 1935 ocupou a parte leste da província de Hopei.

A invasão imperialista japonesa gerou uma fundamental mudança na situação política da China. Resistir à invasão japonesa se tornou uma tarefa urgente e uma demanda universal da totalidade do povo chinês. Movimentos conduzidos por operários, camponeses e estudantes contra o imperialismo japonês ganharam popularidade em todas as partes do

país. As camadas superiores da pequena burguesia e a burguesia nacional, que haviam abandonado a revolução em 1927, mudaram agora sua atitude política, se tornaram ativas politicamente e exigiram que o governo de Chiang Kai-shek modificasse sua política. A desintegração política nas fileiras do Kuomintang e de suas tropas se iniciou. Em janeiro de 1932, o Exército da 19ª Rota do Kuomintang, sob a influência do movimento antijaponês do povo de Xangai, resistiu heroicamente à invasão das tropas japonesas em Xangai. Em novembro de 1933, os líderes deste exército, junto a membros do Kuomintang, fundaram um Governo Popular na província de Fukien que se opunha a Chiang Kai-shek e cooperava com os comunistas. Em maio de 1933, Feng Yu-hsiang, em cooperação com os comunistas, organizou o Exército Aliado Popular Antijaponês em Kalgan, na província de Chahar.

Logo após os invasores japoneses atacarem a China, o Partido Comunista foi o primeiro a clamar pela resistência armada. Este também dirigiu ou tomou parte ativa, no movimento popular antijaponesa a nível nacional e na guerra de guerrilhas antijaponesa levada a cabo pelo povo do Nordeste. Em janeiro de 1933, o Exército Vermelho de Operários e Camponeses declarou que, sob as três condições de cessar os ataques contra o Exército Vermelho, salvaguardar os direitos democráticos do povo e armar as massas, o Exército Vermelho tomaria a iniciativa de suspender os combates e fazer acordos de paz com todas as outras tropas do país com o propósito de resistir conjuntamente contra a agressão japonesa. Mas, ao invés disto, a direção do Partido cometeu novos e ainda mais graves desvios esquerdistas no período entre 1931-1934. Como resultado, a revolução não somente falhou em avançar nas condições favoráveis criadas pelo Exército Vermelho e

pela crescente luta popular contra o Japão e Chiang Kai-shek, como ainda sofreu novos reveses.

A despeito das lições retiradas do fracasso da Primeira Guerra Civil Revolucionária e dos diversos eventos que se seguiram, os órgãos dirigentes do Partido após o Sexto Congresso do Partido estavam ainda localizados em Xangai – o centro da contrarrevolução – e a direção do Partido ainda não estava focada na guerra do Exército Vermelho e não tinha o camarada Mao Tsé-tung como figura central. Imbuídos de ímpeto pequeno burguês e ignorantes quanto ao significado das leis da guerra do Exército Vermelho, os oportunistas de esquerda, que alimentavam ilusões em organizar levantes nas cidades que então estavam sob o terror branco contrarrevolucionário, ocupavam posições dirigentes nos órgãos centrais do Partido. Dirigido pelo camarada Li Li-san, os órgãos dirigentes centrais do Partido, de junho a outubro de 1930, demandaram que as insurreições gerais fossem organizadas nas principais grandes cidades e que a ofensiva geral contra as cidades deveria ser levada a cabo por todas as forças do Exército Vermelho. Este plano equivocado foi responsável por sérias perdas para as organizações clandestinas do Partido nas áreas controladas pelo Kuomintang, mas não produziu efeitos relevantes sobre o Exército Vermelho nas áreas onde o camarada Mao defendeu firmemente a política correta. Em outubro de 1930, os erros do camarada Li Li-san foram corrigidos na Terceira Sessão Plenária do Comitê Central eleito pelo Sexto Congresso Partidário. Contudo, em janeiro de 1931, uma nova facção esquerdista dirigida pelos camaradas Wang Ming (Chen Shao-yu) e Po Ku (Ching Pang-hsien) e conhecida pela sua doutrina, fez uso da máscara de “teorias” Marxista-leninistas para atacar a Terceira Sessão Plenária pela “esquerda”. Os membros desta facção possuíam a visão de que o principal

erro cometido pelo camarada Li Li-san e o perigo principal dentro do Partido Comunista da China na época eram os desvios de direita e não os de “esquerda”. Eles argumentavam que a Terceira Sessão Plenária “nada havia feito para expor e atacar as teorias e práticas oportunistas de direita que a linha de Li Li-san havia consistentemente seguido”. Eles finalmente permaneceram nas posições dirigentes dos órgãos centrais na Quarta Sessão Plenária do Comitê Central eleita pelo Sexto Congresso Partidário. Essa nova facção esquerdista dirigida por Wang Ming e Po Ku negava categoricamente as importantes modificações que a invasão japonesa trouxera para a situação política doméstica da China e tratava as várias camarilhas do Kuomintang e as classes médias como igualmente contrarrevolucionárias; portanto, demandavam que o Partido necessitava travar uma “luta de vida ou morte” contra todos eles, sem distinção.

Quanto à questão da guerra do Exército Vermelho, este grupo esquerdista se opôs às ideias da guerra de guerrilhas e da guerra de movimentos do Exército Vermelho e insistiam na defesa da posição de que o Exército Vermelho deveria tomar todas as cidades principais. Na questão do trabalho clandestino do partido nas regiões controladas pelo Kuomintang, se opunham a utilizar formas legais e de acumular forças revolucionárias, como firmemente defendido pelo camarada Liu Shaoqi e continuaram a defender políticas aventureiras que os isolavam das massas. Sob esta direção errônea, quase todas as organizações do Partido nas áreas controladas pelo Kuomintang foram totalmente destruídas, ainda que muitas delas tenham conduzido algumas heroicas lutas sob condições extremamente difíceis. Os órgãos provisórios dirigentes compostos por elementos esquerdistas foram compelidos a se transladar para as bases centrais do Exército Vermelho em

1933. Os órgãos provisórios dirigentes centrais, após sua chegada às bases do Exército Vermelho, se uniram com membros do Comitê Central, como o camarada Mao Tsé-tung e outros que atuaram no Exército Vermelho e nas bases de apoio revolucionárias, se tornaram órgãos dirigentes centrais oficiais do Partido. Desta forma, a direção do camarada Mao, especialmente, sua direção frente ao Exército Vermelho, foi posta de lado e assim o renascimento da revolução, como demonstrado pelas vitórias do Exército Vermelho, e recrudescimento do movimento de massas nas regiões controladas pelo Kuomintang, foram totalmente minados.

De junho de 1932 a fevereiro de 1933, Chiang Kai-shek, após perder propositadamente a Guerra Antijaponesa em Xangai, empregou 19 divisões, totalizando 500 mil homens, na quarta campanha de cerco e aniquilamento contra o Exército Vermelho de Operários e Camponeses. Guiado pela estratégia do camarada Mao Tsé-tung, o Exército Vermelho conquistou grandes vitórias nesta campanha de contra cerco. Mas, em outubro de 1933, Chiang Kai-shek levou a cabo sua quinta campanha de cerco e aniquilamento contra o Exército Vermelho, com uma força de 1 milhão de homens, dos quais 500 mil foram usados para atacar o Exército Vermelho nas regiões centrais. Durante esta, o Exército Vermelho falhou em esmagar o cerco do inimigo, devido à linha militar completamente equivocada de permanecer na defensiva exclusivamente, assim como outras políticas erradas executadas pelos órgãos dirigentes do Partido.

Em outubro de 1934, o Exército Vermelho das regiões centrais recuou das suas bases de apoio localizadas na província de Kiangsi e iniciou a Longa Marcha, um processo sem paralelos na história mundial. Enquanto isso, outras bases de apoio revolucionárias e forças do Exército Vermelho pelo país

sofreram perdas equiparáveis sob a direção de elementos esquerdistas. Com exceção das unidades dirigidas pelas camaradas Liu Tse-tan, Kao Kang e outros no Shensi do Norte, as unidades do Exército Vermelho em vários locais recuaram de suas bases iniciais e se juntaram à Longa Marcha.

Durante a Longa Marcha, os órgãos dirigentes do Partido continuaram a cometer erros militares que muitas vezes colocaram o Exército Vermelho em perigosas situações e causaram grandes perdas, com o inimigo aplicando a tática de bloquear as rotas de avanço e perseguir pela retaguarda. Com o fim de salvar o Exército Vermelho em perigo, bem como a causa revolucionária da China, o camarada Mao Tsé-tung e outros camaradas conduziram uma luta resoluta e segura chamando por uma conferência ampliada do Birô Político do Comitê Central do Partido em janeiro de 1935, em Tsunyi, província de Kweichow. Com a maioria dos camaradas conscientes das questões e com o seu apoio, a conferência de Tsunyi removeu os oportunistas de esquerda da direção e estabeleceu ao camarada Mao Tsé-tung a posição de líder do Partido. Daquele tempo em diante, a Revolução Chinesa e o Partido Comunista da China estariam continuamente sob a direção Marxista-Leninista deste grande, perfeito e brilhante líder - e foi esta a mais importante garantia para a vitória.

Com uma incomparável obstinação, após superar inumeráveis dificuldades militares e políticas, bem como tantos obstáculos naturais, após completar a Longa Marcha, com mais de 12,8 mil quilômetros percorridos, e cruzar as quase intransitáveis montanhas e estepes cobertas de gelo, o Exército Vermelho das regiões centrais chegou no Norte de Shensi em outubro de 1935, um ano após o início da Longa Marcha e se uniu com as unidades do Exército Vermelho em Shensi do Norte. As unidades do Exército Vermelho dirigidas pelos

camaradas Jen Pi-shih e Ho Lung e as unidades do Exército Vermelho dirigidas pelo camarada Hsu Hsiang-chien também unificaram forças com o Exército Vermelho das regiões centrais em outubro de 1936 na região de Shensi-Kansu.

Chang Kuotao, que atuava nas unidades do Exército Vermelho dirigidas pelo camarada Hsu Hsiang-chien, perdeu convicção no futuro da revolução e passou a se envolver em atividades divisionista para trair o Partido. Ele se recusou a marchar ao norte de Szechuan Norte-Oeste acompanhado pelo Exército Vermelho das regiões centrais, coagiu parte das tropas a recuarem para a província de Sikang e, inconstitucionalmente, estabeleceu outro órgão central dirigente. Graças à correta política de luta interna partidária adotada pelo camarada Mao e graças aos persistentes esforços dos camaradas Chu Teh, Kuang Hsiang-ying, Jen Pi-shih, Ho Lung, as intrigas fracionistas do traidor Chang Kuotao rapidamente fracassaram. Contudo, estas ainda causaram graves danos ao Exército Vermelho. Após a quinta campanha de cerco e aniquilamento realizado pelo Kuomintang, o Exército Vermelho havia se expandido para uma força de 300 mil tropas, mas após chegar ao norte de Shensi ao fim da Longa Marcha, graças aos grandes reveses causados pela liderança errônea no Partido, o Exército Vermelho somava menos de 30 mil tropas. Estas foram os mais preciosos tesouros do Exército Vermelho e do Partido.

A vitoriosa Longa Marcha do Exército Vermelho de Operários e Camponeses marcou o ponto de virada da situação de grande perigo para a segurança da Revolução Chinesa. Deu ao povo chinês a esperança no futuro da revolução e do movimento de salvação nacional antijaponesa. Convenceu o país e o mundo inteiro da invencível força do Partido Comunista da China e do Exército Vermelho chinês e obrigou todos

a ver que, para derrotar o imperialismo japonês, cujas ambições de usurpar a China eram insaciáveis, a China deveria se apoiar no Partido Comunista e pôr um fim à guerra civil contra os comunistas.

Em novembro de 1935, imediatamente após unificar forças, o Exército Vermelho da região central, as unidades do Exército Vermelho em Shensi do Norte e as unidades do Exército Vermelho que marcharam para o norte das regiões fronteiriças Hupeh-Honan-Anhwei, esmagaram a terceira campanha de cerco e aniquilamento das tropas do Kuomintang contra as bases de apoio revolucionárias em Shensi do Norte, assim consolidando firmemente o apoio e elevando o prestígio do Exército Vermelho. Na sequência, devido aos ataques futuros no norte da China pelo imperialismo japonês, o *Movimento Nove de Dezembro*, se iniciou com a grande manifestação “Resistir ao Japão e Salvar a China”, realizada por estudantes de Pequim em 9 de dezembro de 1935, que se espalhou por todo o país. Assim, amplas massas do povo unanimemente adotaram a palavra de ordem de “Pôr fim à Guerra Civil e se unir para resistir ao Japão”, formulado pelo Partido Comunista da China.

A maré da revolução estava mais uma vez em um momento de ascensão. Enquanto isso, havia uma necessidade urgente de se fazer uma detalhada análise da situação interna desde a invasão japonesa da China, decidir as políticas do Partido e corrigir as tendências esquerdistas e de “portas fechadas” que então prevaleciam. Este trabalho não poderia ser realizado pelos órgãos centrais dirigentes do Partido entre 1931 e 1934 e, similarmente, não poderia ser realizado pelo camarada Mao Tsé-tung em 1935, durante a Longa Marcha. Esta necessidade foi satisfeita quando, auxiliada pela correta

política de frente única contra o fascismo adotada pela Internacional Comunista, o Partido Comunista da China lançou uma declaração em 1º de agosto de 1935, chamando pela frente única e, em particular, quando o Birô Político do Comitê Central do Partido, em 25 de dezembro, deliberou uma resolução sobre a presente situação política e as tarefas do Partido, quando o camarada Mao fez um relatório intitulado *Sobre a Tática de Luta contra o Imperialismo Japonês*, em uma conferência de militantes do Partido em 27 de dezembro de 1935.

A questão de se estabelecer uma Frente Única Nacional contra o imperialismo japonês foi sistematicamente exposta pelo relatório do camarada Mao. Ao apontar as possibilidades da ala esquerda da burguesia nacional vir a participar da luta contra o imperialismo japonês, de que o restante da burguesia nacional oscilaria de neutralidade para vacilação, que o campo do Kuomintang poderia vir a se dividir, que a camarilha dos capitalistas compradores pró-anglo-estadunidenses pudessem ser, sob certas condições, forçados a tomar parte na luta contra o Japão e após apontar o grande significado da Longa Marcha, o camarada Mao Tsé-tung resumiu as tarefas do Partido no seguinte: “a tarefa ante o Partido é integrar as atividades do Exército Vermelho com a totalidade das atividades dos operários, camponeses, estudantes, pequena burguesia e burguesia nacional de todo o país e formar com tal integração uma Frente Única Nacional revolucionária”.

O camarada Mao Tsé-tung rechaçou vigorosamente todos os argumentos dos elementos esquerdistas dentro do Partido que iam contra a Frente Única. Mao levantou a bandeira de uma República Popular para substituir a de uma República de Operários e Camponeses, e formulou uma correta política quanto à burguesia nacional, tanto político quanto

economicamente. Demonstrou que, durante o período da Revolução Democrática, a República Popular protegeria a burguesia nacional que não apoiava o imperialismo e seus laiaos, bem como suas indústrias e comércio, e que a República Popular, com os operários e camponeses como sua base, representaria os interesses de todos os setores do povo que se opunham ao imperialismo e ao feudalismo.

O camarada Mao Tsé-tung apontou que a diferença entre a atual Frente Única e àquela defendida em 1926 e 1927 consistia na participação de um poderoso Partido Comunista e um grande exército revolucionário. Comparando as diferenças entre os dois períodos, o camarada Mao disse: “mas a situação mudou agora. Não apenas existe um Partido Comunista poderoso e resoluto e um forte Exército Vermelho, como há também bases de apoio revolucionárias. Estes não são só iniciadores da Frente Única Nacional Antijaponesa como tornar-se-ão um poderoso pilar no futuro governo e exército antijaponês, assegurando assim, a derrota final das intrigas dos japoneses e de Chiang Kai-shek para desmantelar a Frente Única e espalhar o derrotismo entre nós”.

O relatório de Mao Tsé-tung não apenas assentou a política do Partido para este período e anteviu o desenvolvimento futuro da situação política chinesa, como também sistematizou as experiências fundamentais dos dois períodos das guerras civis revolucionárias e definiu a linha básica do Partido no período da revolução democrática.

A correta linha política do Comitê Central do Partido Comunista da China rapidamente alcançou grandes resultados e possibilitou iniciou a Guerra de Resistência Contra a Agressão Japonesa. Imediatamente após ingressar na província de Shensi, em fevereiro de 1936, avançando para o leste e

conquistando vitórias, o Exército Vermelho lançou uma mensagem aberta direcionada ao Kuomintang, propondo a cessação das hostilidades, negociações de paz e ações conjuntas contra o imperialismo japonês e assegurou uma trégua primeiramente com Chang Hsueh-liang, Yang Hu-cheng e outros na província de Shensi. Nas regiões controladas pelo Kuomintang, o trabalho do Partido e os movimentos de salvação nacional contra o Japão levados a cabo pela população de todos os setores foram retomados e se fortaleceram sob a correta liderança do camarada Liu Shaoqi. Mas Chiang Kai-shek ainda estava inclinado para a política reacionária de se opor ao Partido Comunista da China e ao povo chinês, e dessa maneira, prosseguiu os ataques contra o Exército Vermelho. Em 12 de dezembro de 1936, Chang Hsueh-liang e Yang Hu-cheng, que defendiam uma aliança com o Partido Comunista da China para resistir ao Japão, detiveram Chiang Kai-shek em Sian, forçando-o a pôr um fim à guerra civil anticomunista que estava arruinando a nação. Nesta situação, o Partido Comunista da China considerou necessária uma solução pacífica para o Incidente de Sian com a finalidade de resistir à agressão imperialista japonesa e, em seguida, Chiang Kai-shek foi libertado e a paz interna pode assim ser restaurada.

Após a solução pacífica do Incidente de Sian, para assegurar a manutenção da paz interna e convencer a classe latifundiária a também resistir em conjunto contra o imperialismo japonês, o Partido Comunista da China decidiu suspender a política de confiscar e distribuir as terras dos latifundiários de forma temporária. Graças à conquista da paz interna, quando os imperialistas japoneses utilizaram o pretexto do Incidente de Lukouchiao, em 7 de julho de 1937, para lançar nova ofensiva contra a China, as tropas chinesas, incluso as forças de Chiang Kai-shek, resistiram à agressão japonesa e

assim a Guerra de Resistência Nacional eclodiu. A realização da paz interna e o início da Guerra de Resistência, que resultou das corretas visões e do efetivo trabalho político do Partido Comunista da China durante o Incidente de Sian, aumentou enormemente o prestígio do Partido entre as massas por todo o país.

Em maio de 1937, o Comitê Central chamou uma Conferência do Partido que discutiu e ratificou a linha política seguida desde 1935 e fez preparações políticas e organizativas para a Guerra de Resistência.

Durante os anos em que a revolução emergiu do perigo da derrota e se aproximou de um novo recrudescimento, o camarada Mao Tsé-tung dedicou grandes esforços para o trabalho teórico com o fim sistematizar as experiências e formar quadros. No outono de 1936, escreveu o livro *Problemas Estratégicos da Guerra Revolucionária na China*, que sistematizou as experiências das guerras revolucionárias entre 1927 e 1936, explicou as características das guerras revolucionárias na China, e criticou de forma sistemática as linhas militares defendidas tanto pelos esquerdistas quanto pelos direitistas. Esta é uma das mais brilhantes obras marxistas e do movimento comunista internacional acerca da ciência militar. Mais do que isso, é uma importante obra política e filosófica, porque faz penetrantes análises sobre as leis básicas da Revolução Chinesa como um todo, das causas da vitória e da derrota nas guerras, das leis gerais da guerra, assim como o processo epistemológico para compreensão destas leis.

No verão de 1937, o camarada Mao escreveu seu conhecido tratado filosófico intitulado *Sobre a Prática*, onde fez uma exposição detalhada, profunda e popular acerca da teoria marxista-leninista do conhecimento. É da maior importância e valor na história chinesa do pensamento e no trabalho

ideológico do Partido. Trata-se do melhor texto para ensinar às pessoas sobre como pensar, estudar e agir corretamente. Analisou a natureza filosófica das controvérsias interpartidárias durante a Segunda Guerra Civil Revolucionária e, com a utilização dos irrefutáveis princípios do materialismo, expôs os erros doutrinários e empiristas dos direitistas e esquerdistas na teoria do conhecimento. Não apenas assentou a base para a educação revolucionária do Partido Comunista da China no marxismo-leninismo, como também fez esplendidas contribuições para o patrimônio filosófico mundial do marxismo-leninismo.

O período da Segunda Guerra Civil Revolucionária foi uma época na qual o Partido Comunista da China, em circunstâncias extremamente difíceis, chegou à maturidade política e elevou a revolução para uma nova etapa. Durante este período, principalmente graças aos esforços realizados pelo camarada Mao Tsé-tung, o Partido enxergou a importância do trabalho militar e do trabalho camponês, criou um exército revolucionário e bases de apoio revolucionárias no campo e aprendeu como dirigir uma guerra revolucionária, a reforma agrária e os vários tipos de trabalhos envolvendo o poder do Estado. Durante esta fase, o Partido Comunista da China reconheceu no camarada Mao um verdadeiro líder marxista-leninista, reconheceu o perigo e a nocividade de vários tipos de ideologias pequeno-burguesas esquerdistas e estabeleceu sua liderança, com Mao à frente, na luta contra as ideologias pequeno burguesas.

Os desvios de direita na coalização entre Kuomintang e Partido Comunista se apresentaram como o principal perigo durante a Primeira Guerra Civil Revolucionária. Contudo, os desvios esquerdistas foram os principais erros cometidos pela

direção do Partido no próximo período. Erros esquerdistas fizeram com que o Partido e o Exército Vermelho sofressem graves reveses, retardando assim o avanço da revolução como nunca antes. Contudo, o Partido e o Exército Vermelho, que emergiram com uma rica experiência advindas de muitas adversidades e complexas provações, se constituíram posteriormente como a principal força para dirigir, de maneira consequente, a Guerra de Resistência e a Guerra Popular de Libertação. À luz destes fatos, pode-se atestar que foi durante a Segunda Guerra Civil Revolucionária que as importantes preparações políticas e experiências para os quadros foram realizadas para a vitória da Revolução Chinesa hoje.

O Partido resistiu bravamente durante todo o período reacionário extremamente árduo que se estendeu de 1927 a 1937. Durante tal período, por outro lado, o inimigo tentou aniquilar nosso Partido por completo e este conduziu as lutas mais difíceis, complexas e heroicas contra eles; por outro lado, tendo superado o oportunismo de direita de Chen Tu-hsiu, o Partido foi golpeado diversas vezes pelo oportunismo de esquerda e foi colocado em grave perigo. Contudo, graças à correta e criativa direção marxista-leninista do camarada Mao Tsé-tung, sua inigualável paciência e seu espírito de observar a disciplina, o Partido finalmente obteve sucesso na superação dos erros oportunistas com resultados satisfatórios, saindo de posições extremamente perigosas. Assim, durante o período de dez anos de reação, o Partido, a despeito de ser golpeado por inimigos tanto internos quanto externos, foi capaz de educar as vastas massas populares por todo o país no espírito revolucionário, pode erguer a bandeira revolucionário do Partido entre as massas do povo, preservar as principais forças do Exército Vermelho e parte das bases de apoio revolucionárias, preservar um enorme número de excelentes

quadros do Partido e dezenas de milhares de membros do Partido e assim acumular uma rica experiência revolucionária, especialmente no que diz respeito à guerra de guerrilhas e às bases revolucionárias, para organizar a nova onda revolucionária – a patriótica Guerra de Resistência contra a Agressão Japonesa a nível nacional e a nova cooperação entre o Kuomintang e o Partido Comunista.

A Guerra de Resistência contra a Agressão Japonesa

Em 7 de julho de 1937, o exército invasor japonês atacou tropas de guarnições chinesas estacionadas em Lukou-chiao, ao sul de Pequim. As guarnições resistiram heroicamente ao ataque. Em 13 de agosto, o exército invasor japonês atacou Xangai mais uma vez e as tropas de guarnição em Xangai também resistiram. Então, toda a nação entrou na Guerra de Resistência Contra a Agressão Japonesa. Após alcançar um acordo com o Governo do Kuomintang, o Exército Vermelho chinês e as forças guerrilhas que haviam sofrido reveses em várias províncias do sul da China foram reorganizadas como Exército da Oitava Rota e Quarto Novo Exército e partiram para os fronts no leste e norte da China para tomar parte na Guerra de Resistência.

Naquele tempo, as condições básicas da Guerra de Resistência eram as seguintes: internacionalmente, haviam três tipos de forças: o Japão, a URSS e Grã-Bretanha/Estados Unidos. O imperialismo japonês era extremamente agressivo. A política japonesa de conquistar a China inteira levantou a resistência de todo o povo patriótico chinês. O Japão não apenas invadiu a China como também provocava de tempos em tempos a União Soviética, na tentativa de lançar ataques surpresas contra esta. Ao mesmo tempo, o Japão acenava para obter concessões dos elementos imperialistas estadunidenses e britânicos que levavam a cabo uma política antissoviética. Mas esta agressão imperialista japonesa na China privava a Grã-Bretanha e os Estados Unidos de seus interesses na China e ameaçava os interesses destes por todo Sudeste Asiático

e Oceano Pacífico. Portanto, haviam contradições entre o Japão, por um lado, e EUA e Grã-Bretanha, por outro, e tais contradições levaram à eclosão da Guerra do Pacífico em dezembro de 1941. Durante a guerra, as forças revolucionárias do povo japonês se opuseram ao imperialismo japonês e ajudaram o povo chinês, mas eram demasiadamente débeis para exercer qualquer influência decisiva neste contexto.

A União Soviética cumpria resolutamente a política de apoiar a China na Guerra de Resistência contra a Agressão Japonesa. Em agosto de 1937, a URSS assinou um tratado de não agressão com a China e também enviou ajuda financeira e militar. Posteriormente, a URSS efetuou a política de paz e vigilância, rechaçou todas as armadilhas feitas pelos imperialistas britânicos e estadunidenses, que desejavam “ver os tigres lutando de um lugar seguro”. Após derrotar a Alemanha hitlerista em 1945, a União Soviética não perdeu tempo em declarar guerra ao Japão. Os fatos demonstraram que a política soviética era absolutamente correta, pois seus interesses entravam em ressonância com os do povo da China e os de todo o mundo.

A Grã-Bretanha e os Estados Unidos, nesta época, se distinguiam não apenas do Japão, mas também da União Soviética. Os imperialistas britânicos e estadunidenses não deixariam o Japão usurpar seus interesses no Oriente. Mas, em primeiro lugar, tinham esperança em desviar a guerra para a URSS para que pudessem então “assistir os tigres lutando de um lugar seguro”; em segundo lugar, tinham medo de que o crescimento da força do povo chinês contrariasse seus interesses ali; em terceiro lugar, estavam ocupados diante da complicada situação provocada por Hitler no Ocidente e faziam tudo o que podiam para moderar os conflitos com o Ja-

ção no Oriente, por medo de ser atacados. Consequentemente, antes da eclosão da Guerra do Pacífico em 1941, a Grã-Bretanha e os Estados Unidos continuaram tentando firmar acordos com o Japão, enquanto esperavam que o Japão e a China fossem ambos arruinados pela guerra. Após a eclosão da Guerra do Pacífico e, particularmente após conquistar uma vantagem na região, os Estados Unidos demandaram que a China lançasse uma contraofensiva contra o invasor. Os planos do imperialismo estadunidense, contudo, eram utilizar esta situação como um meio de conseguir estabelecer um controle monopolista sobre a China e reprimir as forças revolucionárias do povo chinês, para converter o país em uma colônia norte-americana. A política contrarrevolucionária de dupla face do imperialismo britânico e estadunidense fez com que fosse necessário ao povo chinês adotar uma política revolucionária de dupla face com relação a ele, isto é, se unir ao imperialismo britânico e estadunidense para se opor à agressão japonesa, por um lado, e manter a guarda levantada contra suas conspirações, por outro.

Dentro da China existiam então três tipos de forças: o povo, o Kuomintang e os traidores. O povo se opunha resolutamente ao Japão. A classe operária era a força dirigente e o campesinato era a força principal da Guerra de Resistência. A pequena burguesia urbana, a burguesia nacional e até mesmo certos setores da classe latifundiária, principalmente os pequenos nobres esclarecidos que advinham da classe latifundiária, uniram-se à luta contra os invasores. Portanto, a Frente Única Popular Antijaponesa era extremamente ampla. Os traidores se agarraram de forma tenaz aos japoneses e os ajudaram a invadir a China e a oprimir o povo. O Japão dispendeu grandes esforços para cooptar os setores mais reacionários dos grandes latifundiários, da grande burguesia e a

canalha de traidores, assim como a política reacionária do Kuomintang também encorajou as atividades destes traidores. Pouco após a eclosão da Guerra de Resistência, a camarilha de Wang Ching-wei do Kuomintang se uniu aos japoneses. Mas, apesar de tudo, o número de traidores era muito pequeno. Todo o povo por todo o país se opunha unanimemente aos traidores e até mesmo os reacionários do Kuomintang eram obrigados a se opor ainda que em palavras.

O problema estava posto ao Kuomintang. O principal corpo do Kuomintang, a camarilha de Chiang Kai-shek, representante dos grandes latifundiários e da grande burguesia, era a principal camarilha de capitalistas compradores da Grã-Bretanha e dos EUA. Durante muitos anos de seu governo reacionário, se opuseram teimosamente ao povo, se negaram a lutar contra o Japão e concentraram todos os seus esforços em derrotar o Partido Comunista.

Chiang Kai-shek acabou por se mobilizar para a resistência contra o Japão pelas seguintes razões. Primeiro, a pressão do povo não deixou para nenhuma escolha a não ser resistir, pois caso contrário todo o povo chinês e muitas forças antijaponesas organizadas levantar-se-iam para lutar contra o Japão a sua própria maneira e, desta maneira, ele impossibilitaria a manutenção do seu governo. Segundo, a invasão imperialista japonesa em toda a China ameaçava diretamente seu regime e a propriedade da classe latifundiária e da burguesia. Assim, as contradições entre Chiang Kai-shek e o imperialismo japonês se tornaram irreconciliáveis. Terceiro, a existência de contradições entre o imperialismo anglo-estadunidense e o imperialismo japonês. Naquele período, ainda que a Grã-Bretanha e os Estados Unidos não quisessem eles mesmos atacar o Japão, queriam ver a China combater o Ja-

ção para que este fosse derrotado. Estas foram as razões pelas quais a camarilha de Chiang Kai-shek revelou seu caráter dual e contrarrevolucionário durante a Guerra de Resistência.

Por um lado, Chiang Kai-shek queria lutar contra o Japão e que também outras forças lutassem ativamente contra os invasores. Durante os primeiros anos da guerra, demonstrou entusiasmo em combater e esperava conquistar a vitória rapidamente. Por outro lado, se opunha ao povo e seguia a reprimi-lo. Ele não queria ver o povo se levantar na luta contra o Japão e era, particularmente contrário a permitir que o Partido Comunista e outras forças antijaponesas mobilizassem o povo para lutar contra o invasor. Desejava monopolizar o posto de liderança da Guerra de Resistência, mas se negava a levar a cabo quaisquer das genuínas reformas democráticas que eram necessárias para combater o Japão. Fez os maiores esforços para impedir qualquer avanço das forças populares e, particularmente, qualquer ampliação da força do Partido Comunista. Na Guerra de Resistência, planejou secretamente eliminar, pelas mãos dos militaristas japoneses, o Exército da Oitava Rota, o Novo Quarto Exército e outras forças antijaponesas para preservar suas próprias forças. No final da luta, ordenou que o Exército da Oitava Rota e o Novo Quarto Exército suportassem os piores combates nos fronts e na retaguarda do inimigo.

Chiang Kai-shek não acreditava que a China deveria se apoiar nas próprias forças para conquistar a vitória na Guerra de Resistência. Não queria e nem tinha vontade, de se apoiar nas forças do povo chinês, mas nutria esperanças pela ajuda estrangeira. Esperava conseguir estimular rapidamente a Grã-Bretanha e os Estados Unidos para uma intervenção contra o Japão e que, ambos, particularmente o segundo, lutariam por

ele. Mas eventos posteriores demonstraram que a Grã-Bretanha e os EUA eram lentos em intervir contra o Japão e, repetidamente, firmavam compromissos com este último.

Após penetrar na retaguarda do inimigo, o Exército da Oitava Rota e o Quarto Novo Exército, ao invés de ser aniquilados pelo exército japonês, se consolidaram em conjunto com as amplas massas do povo na retaguarda inimiga, e conquistaram enormes vitórias. As forças de todo o povo chinês mobilizadas contra o Japão romperam os limites impostos por Chiang Kai-shek e se desenvolveram enormemente. Em contraste, a maior parte das obras de Chiang Kai-shek foi varrida e sofreu grandes perdas na Guerra de Resistência, o que fez com que seu prestígio declinasse rapidamente. Tudo isto não poderia torná-lo nada mais do que amargurado e medroso. Em consequência disso, aplicou uma política de resistência passiva contra o Japão e oposição ativa ao Partido Comunista e ao povo. Se retirava de batalhas e fazia pouco caso com as forças em luta. Preservou e acumulou suas próprias forças armadas e esperou para capitalizar os méritos das vitórias após outros terem derrotado o Japão, para assim utilizar suas forças armadas ainda intactas para eliminar as forças do Partido Comunista e do povo. Esta foi, em suma, a posição e política fundamentais da camarilha de Chiang Kai-shek durante a Guerra de Resistência. Esta posição e política foram, na realidade, completamente incentivadas e apoiadas pelo imperialismo estadunidense, ainda que isto tenha feito aumentar a insatisfação da opinião pública norte-americana durante as últimas etapas da Guerra de Resistência. Assim, Chiang Kai-shek se diferenciava não apenas dos traidores, mas também do povo na luta contra o Japão. O povo que combatia o Japão demandava a unidade na luta de todas as forças pelo país que

podiam ser unidas e, em primeiro lugar, a mobilização de todas as forças do povo que pudessem desenvolver a Guerra de Resistência. Assim, era necessário, por um lado, se unir a Chiang Kai-shek em certa medida, com o fim de fazer com que o exército sob seu comando também lutasse contra os japoneses e, por outro, para conduzir uma determinada luta contra sua política reacionária com o fim de preservar e mobilizar as forças do povo para a luta pela vitória, para que estas não se enfraquecessem e não fossem engolidas por um conluio entre Chiang Kai-shek e os imperialistas estadunidenses. Portanto, era de se esperar que o Partido Comunista da China, representando os interesses de todo o povo que combatia o Japão, insistisse no princípio de preservar a sua própria independência e iniciativa na formação de uma frente única com o Kuomintang.

O camarada Mao Tsé-tung produziu uma correta abordagem da complicada situação política no período da Guerra de Resistência. Após a eclosão da guerra, apontou que a disputa entre o Partido Comunista e o Kuomintang, a disputa entre o proletariado e os grandes latifundiários e a grande burguesia, que estavam participando na Guerra de Resistência (a camarilha de Chiang Kai-shek) não era mais uma disputa sobre o fato de que a Guerra de Resistência deveria ou não ser levada a cabo, mas como conquistar a vitória. Mao Tsé-tung apontou que existiam duas políticas opostas na Guerra de Resistência – a política dos grandes latifundiários e da grande burguesia representada por Chiang Kai-shek e a política do proletariado e do povo chinês representada pelo Partido Comunista. Ele apontou ainda que a guerra seria perdida caso a política de “guerra parcial” do Kuomintang de Chiang Kai-shek fosse aplicada – de que a Guerra de Resistência deveria

ser conduzida apenas pelas forças do Kuomintang, sem a participação de todo o povo chinês –, e que somente aplicando a política da Guerra Popular, a política da “guerra total”, a vitória poderia ser conquistada.

Em agosto de 1937, em uma conferência realizada em Lochuan, próximo a Yenan, o Comitê Central do Partido Comunista da China, na proposta do camarada Mao Tsé-tung, adotou o famoso *Programa de Dez Pontos para a Salvação Nacional e para a Resistência contra o Japão*, como guia para o Partido dirigir o povo chinês para a vitória na Guerra de Resistência e se opor resolutamente à política reacionária de dupla face de Chiang Kai-shek. A Conferência de Lochuan determinou que a guerra de guerrilhas independente deveria ser levada a cabo à mais extensa escala possível na retaguarda do inimigo, que a guerra de guerrilhas deveria estar capaz de lidar com as tarefas estratégicas de combate coordenado com os campos de batalha de linha de frente, abrir novos campos de batalha na retaguarda do inimigo e estabelecer bases de apoio antijaponesa na retaguarda do inimigo, e que deveriam então ser desenvolvidos movimentos de massas antijaponeses nas regiões controladas pelo Kuomintang

A Conferência de Lochuan decidiu lutar pelos direitos políticos e econômicos do povo, na situação em que, fazendo-o, a mobilização popular para participação na guerra seria facilitada. Também decidiu que a política fundamental a ser seguida para resolver o problema camponês durante a guerra seria reduzir os arrendamentos e as taxas de juros.

A controvérsia acerca das duas políticas na Guerra de Resistência também se refletiu intensamente dentro do Partido. Alguns camaradas representados por Wang Ming (Chen Shao-yu), que haviam cometido alguns sérios erros esquer-

distas durante o período da Segunda Guerra Civil Revolucionária, agora criticavam e se opunham à linha do partido sob um ponto de vista oportunista de direita. Indo além, com a violação da disciplina partidária, levaram a cabo sua linha oportunista de direita arbitrariamente nos trabalhos pelos quais eram responsáveis. Ao ver que o Partido Comunista e as suas forças militares estavam temporariamente fragilizadas e que o Kuomintang estava superficialmente forte, tiraram a errônea conclusão de que a vitória na Guerra de Resistência dependia do Kuomintang, que seria inevitável uma vitória deste e não a do povo, que o Kuomintang poderia vir a ser bom líder da Guerra de Resistência e o Partido Comunista, não. Eles tratavam o papel da guerra de guerrilhas dirigida pelo Partido de maneira leviana e alimentavam ilusões sobre a conquista da vitória a curto prazo se apoiando principalmente no exército do Kuomintang. Eles repudiavam a política revolucionária de preservação da independência e da iniciativa na Frente Única, repudiavam a política revolucionária de “unidade lado a lado com luta e unidade, por meio da luta”. Ignoravam as diferenças de princípios entre o Partido Comunista e o Kuomintang na Guerra de Resistência, defendiam que os comunistas fizessem concessões para atividades dentro do limite permitido pelo Kuomintang de Chiang Kai-shek e exigiam que o Exército da Oitava Rota e o Quarto Novo Exército fossem completamente integrados ao exército do Kuomintang para conquistar “unidade no comando, na organização, no equipamento, na disciplina, no planejamento e nas operações”. O grupo se opunha à mobilização em escala total das massas para a luta e à expansão das regiões libertadas e das forças armadas populares nas regiões ocupadas pelo Japão. Eles tinham medo de que tais ações pudessem “amedrontar” o Kuomintang de Chi-

ang Kai-shek e fazê-los sair da Frente Única Antijaponesa. Faziam arbitrariamente muitas declarações, decisões e artigos expressando opiniões erradas sem o consentimento do Comitê Central e rejeitavam as corretas diretrizes. Tais ideias e ações equivocadas influenciaram o trabalho pelo qual o camarada Wang Ming foi responsável em Wuhan em 1938, e o trabalho do camarada Hsiang Ying no Quarto Novo Exército após o “Incidente do Sul de Anhwei” em janeiro de 1941, impedindo assim o desenvolvimento da Guerra Popular de Resistência na região do Rio Amarelo e levando à derrota do Novo Quarto Exército após o “Incidente do Sul Anhwei”. Evidentemente, as visões dos elementos oportunistas de direita entravam em ressonância com os interesses de Chiang Kai-shek e prejudicavam os interesses do proletariado e do povo na luta contra o Japão. Este foi o renascimento de uma nova situação do oportunismo de direita de Chen Tu-hsiu durante a Primeira Guerra Civil Revolucionária. O camarada Mao Tsé-tung travou uma luta incansável contra estas ideias errôneas, e conseguiu que elas fossem superadas no trabalho prático, antes que causassem danos maiores.

Para se pudesse clarificar profundamente as concepções errôneas que existiam dentro e fora do Partido a respeito da Guerra de Resistência, o camarada Mao Tsé-tung escreveu o trabalho *Sobre a Guerra Prolongada* em maio de 1938. Neste livro, fez uma análise profunda da situação política e militar na China e no Japão e indicou que a Guerra de Resistência na China seria certamente vitoriosa. Apontou também que a guerra poderia apenas ser uma guerra prolongada, que não havia possibilidade de uma vitória rápida e que seria necessário adotar a política da Guerra Popular, para que a vitória pudesse ser conquistada.

Em outubro de 1938, uma Sexta Sessão Plenária ampliada do Comitê Central indicou que o Sexto Congresso Partidário seria realizado em Yenan. Esta reunião sancionou a linha do Birô Político Central liderado pelo camarada Mao Tsé-tung, quanto à Guerra de Resistência e à Frente Única Nacional Antijaponesa. A Sessão Plenária criticou a errônea política conciliadora na questão da Frente Única e decidiu que todo o Partido deveria organizar a luta armada popular contra os japoneses, sem restrições e de forma independente. Decidiu que o principal trabalho do Partido seria realizado nas zonas de guerra e na retaguarda do inimigo, criticou as ideias erradas que colocavam expectativas da vitória na Guerra de Resistência no exército do Kuomintang e confiavam o destino do povo ao movimento legal sob o governo reacionário do Kuomintang.

O desenvolvimento concreto da Guerra de Resistência provou que o camarada Mao Tsé-tung e o Comitê Central do Partido Comunista da China estavam corretos. Ainda que o exército comandado por Chiang Kai-shek houvesse resistido ao Exército japonês em uma primeira etapa da Guerra de Resistência, este fora repetidamente derrotado devido aos erros políticos e militares do seu dirigente. Em outubro de 1938, seu exército não tinha outra alternativa senão se retirar do Cantão e de Wuhan. Dali em diante, Chiang Kai-shek concentraria as principais forças de seu exército no sudeste e nordeste da China, tendo Chungking e Sian como centros, para evitar combates com o Exército Japonês. Em contraste, o Exército da Oitava Rota e o Novo Quarto Exército, sob a liderança do Partido Comunista da China, armou as amplas massas populares no norte, no leste, no centro e no sul da China,

desenvolveu uma poderosa guerra de guerrilhas contra o Japão e estabeleceu inumeráveis bases de apoio democráticas antijaponesas.

Em 1940, no terceiro aniversário da Guerra de Resistência, o Exército Popular, que estava lutando contra o Japão sob a liderança do Partido Comunista da China, cresceu para 500 mil tropas, em comparação com as 40 mil existentes três anos antes. Em todos os fronts, de Liaoning, Jehol, Chahar e Suiyuan a Guangdong e ilha de Hainan, haviam forças armadas populares antijaponesas dirigidas por membros do Partido. A Guerra de Resistência tornou-se uma genuína revolução nacional.

Após a ocupação de Wuhan e Cantão pelos invasores japoneses, um tremendo desenvolvimento da guerra de guerrilhas na retaguarda inimiga levou o conflito para um equilíbrio e os invasores japoneses não podiam mais avançar. Por estarem expostos ao ataque de poderosas forças guerrilheiras na retaguarda, não poderiam fazer nada a não ser recuar para atacar os guerrilheiros. Os invasores tentaram colocar pressão para manter suas áreas de retaguarda. Interromperam sua ofensiva estratégica frontal e usaram meios políticos para estimular Chiang Kai-shek a capitular. Neste período, o Partido Comunista da China lançou a palavra de ordem: “Persistir na Guerra de Resistência, se opor à capitulação; persistir na unidade, se opor à cisão; persistir no progresso, se opor ao regresso” e dirigiu todo o povo pelo país para lutar contra as tendências reacionárias do Kuomintang de Chiang Kai-shek. O perigo da capitulação de Chiang Kai-shek atingiu seu ápice em setembro de 1939, quando a guerra eclodiu entre a Alemanha fascista e a Grã-Bretanha e França. Naquele período, os ingleses e os estadunidenses tendiam a buscar um acordo com o Japão sacrificando a China, para que o primeiro não se

unisse a Hitler, e assim se opor a ambos. Para forçar a China a se render, deveriam intensificar sua oposição ao Partido Comunista, que estava persistentemente levando a cabo a Guerra de Resistência. Nestas circunstâncias, do fim de 1939 para início de 1940, o Kuomintang de Chiang Kai-shek começou sua primeira campanha anticomunista. O exército reacionário do Kuomintang atacou a região fronteira Shensi-Kansu-Ningsia, que estava sob comando do Partido Comunista e lá capturou cinco povoados; atacou as milícias antijaponesas dirigidas pelos comunistas no Oeste de Shensi e também atacou o Exército da Oitava Rota, dirigido pelo Partido, na parte sudeste de Shensi. O Exército da Oitava Rota resolutamente rechaçou os ataques do Kuomintang, ainda que coincidissem com os ataques dos japoneses.

O Partido Comunista da China e o povo chinês se deparavam com sérias lutas. Estava cada vez mais claro que na China, submetida à invasão japonesa, quem quer que saísse vitorioso da Guerra de Resistência, venceria se apoiando na nação. Desde que o Partido se mostrou como o verdadeiro líder na guerra contra o Japão, este teve de explicar a todo o povo sua visão acerca da Revolução Chinesa e da construção de uma nova China, para privar por completo os reacionários do Kuomintang e seus seguidores de armas morais e prover, enquanto isso, à classe operária e ao povo revolucionário as adequadas armas morais.

Esta tarefa foi cumprida pelo camarada Mao Tsé-tung em seu livro *A Nova Democracia*, que foi publicado em janeiro de 1940. Tomando como ponto de partida a história chinesa e a história mundial, *A Nova Democracia* explicou que, após a Revolução de Outubro na Rússia, a direção da Revolução Chinesa deveria caber à classe operária; que a revolução deveria ser dividida em duas etapas – a etapa de Nova Democracia e

a etapa socialista –, e que o futuro sob a direção da classe operária seria certamente o socialismo; que durante o período da Revolução de Nova Democracia, o Partido deveria adotar os programas político, econômico e cultural da Nova Democracia, que eram diferentes tanto do capitalismo quanto do socialismo. A publicação deste livro fortaleceu grandemente a unidade ideológica entre o Partido e o povo revolucionário pelo país. Ajudou grandemente a unificar as políticas das regiões libertadas em todos os lugares. Isso fortaleceu a Revolução Chinesa.

Para expandir e consolidar a Frente Única Nacional Antijaponesa, o Partido, tendo suprimido os desvios de direita, adotou uma série de medidas para corrigir determinados desvios esquerdistas que começaram a ocorrer durante a luta contra os ataques lançados pelo Kuomintang. O Partido sustentava a opinião de que, no período da Guerra de Resistência, pelo fato de o inimigo da nação haver penetrado profundamente em nosso país, a contradição entre as duas nações era ainda a contradição principal. Enquanto o Kuomintang não tivesse capitulado aos invasores japoneses, era necessário, e também possível, evitar o rompimento com o Kuomintang e levar a cabo a luta contra os reacionários deste dentro de limites que não gerassem uma ruptura. Para a média burguesia e a pequena nobreza esclarecida, mais atenção devia ser destinada para se fortalecer a unidade com estas. Portanto, o Partido elaborou a política de “desenvolver as forças progressistas, persuadir as forças intermediárias e isolar as forças obstinadas” e o princípio guia para a luta contra os reacionários existentes no Kuomintang deveria ser “justificável, vantajoso e prudente”. Além disso, o “sistema representativo três-três”, ou seja, o sistema pelo qual os comunistas (repre-

sentantes a classe operária e os camponeses pobres), os elementos progressistas (representantes da pequena-burguesia), e também elementos intermediários (representantes da média burguesia e dos pequenos nobres esclarecidos) contribuíam, cada um, com um terço da direção e da administração governamental nas regiões libertadas.

Para enfraquecer as forças do Partido Comunista, Chiang Kai-shek iniciou uma segunda campanha anticomunista em janeiro de 1941. Arbitrariamente, ordenou que os quartéis gerais do Quarto Novo Exército e uma parcela deste exército, somando mais de 10 mil tropas, que até então estavam estacionadas ao sul de Anhwei, se movessem para o norte do Rio Amarelo. Em 7 de janeiro, enquanto estavam em marcha, o Quarto Novo Exército foi cercado e massacrado mais de 80 mil tropas do Kuomintang e sofreu tremendas perdas. O comandante daquele Exército, Yeh Ting, foi levado como prisioneiro e o comandante, Hsiang Ying, foi morto em batalha. Após ter conspirado desta forma, Chiang Kai-shek aboliu imediatamente a nomeação do Quarto Novo Exército e ordenou ataques contra outros setores deste. Este incidente ficou conhecido como “Incidente do Sul de Anhwei”. O Partido rechaçou bruscamente as “ordens” de Chiang Kai-shek pela abolição do Quarto Novo Exército e esmagou as ofensivas do Kuomintang através de ações detalhadamente preparadas. Além disso, o principal corpo do Quarto Novo Exército se consolidou ainda mais do que antes do Incidente e se desenvolveu ainda mais no leste da China.

Graças aos enormes esforços feitos pelo Partido Comunista da China na Frente Única, tanto antes quanto após o incidente, a política anticomunista de Chiang Kai-shek fracassou em seu objetivo de isolar o Partido. Ao contrário, tal ati-

tude somente serviu para contribuir para seu próprio isolamento, despertando e educando pessoas que anteriormente ainda nutriam ilusões quanto ao Kuomintang.

Contudo, o Incidente do Sul de Anhwei marcou apenas o início das dificuldades do povo chinês. Já no início de 1941, o Japão concentrou mais de 60% de suas forças agressoras nos fronts das regiões libertadas, que estavam localizadas na retaguarda do inimigo e intensificou suas campanhas de “in-cursão” contra estas, aplicando a política de “queimar tudo, matar todos e saquear tudo”. O grosso das tropas do Kuomintang deixadas para trás se renderam aos japoneses e foram transformadas em tropas fantoches. Mais de 90% das tropas fantoches foram empregadas, sob o comando dos invasores japoneses, para ataques contra as regiões libertadas. Chiang Kai-shek ordenou secretamente que muitas de suas tropas se rendessem propositadamente para os invasores e depois, sob o comando dos japoneses, se virassem contra o Exército da Oitava Rota e o Quarto Novo Exército.

Em junho de 1941, a Alemanha fascista atacou a URSS. O Japão atacou os EUA e a Grã-Bretanha no Pacífico no inverno deste mesmo ano. As vitórias do campo fascista nas etapas iniciais da guerra encorajaram ainda mais aos reacionários do Kuomintang em seus esforços vergonhosos para se render ao inimigo e colaborar com o invasor, para assim cercar as regiões libertadas e atacar os comunistas e o povo.

Ao mesmo tempo, os reacionários do Kuomintang utilizavam todos os meios para minar a força do Partido Comunista e do povo. Sob tais circunstâncias, as regiões libertadas, juntamente com suas populações e tropas, diminuíram todas em tamanho e se encontraram sob grave situação econômica. O Partido teve de fazer esforços ainda mais enérgicos para

superar tais dificuldades. Dirigiu todos os gabinetes de governo, escolas e tropas dessas regiões no esforço para torná-las autossuficientes, se engajando na produção e aplicando uma política de ampliação da qualidade e diminuição da administração do governo, com o fim de amenizar a austeridade do povo. Ao mesmo tempo, a ênfase foi dada em liderar o povo para que organizassem e desenvolvessem a produção agrícola, para que pudessem garantir o abastecimento mesmo em épocas de calamidade natural. Lado a lado com a campanha para desenvolver a produção, o Partido liderou os camponeses em um grande movimento pela redução dos arrendamentos e dos juros.

As milícias populares estavam corretamente desenvolvidas para combater o inimigo na nova situação que se apresentava. Junto com as lutas “anti-incursão”, o exército e a população das regiões libertadas despacharam destacamentos armados para penetrarem na retaguarda do inimigo e dirigir lutas para expandir as regiões. Como resultado de tais esforços, todas dificuldades foram superadas. As regiões libertadas foram consolidadas e, de 1943 para frente, estas se expandiram continuamente.

O Partido aproveitou este período, quando haviam relativamente poucas modificações na situação, para conduzir estudos do marxismo-leninismo pelo Partido. Foi extremamente difícil fazer estudos em larga escala nos períodos em que a guerra e a revolução desenvolviam-se de maneira veloz ou passavam por súbitas mudanças. O Partido adotou o método de retificar os estilos errôneos no trabalho partidário no estudo e na escrita, para levar os quadros e os membros do Partido a reconhecer e superar as ideias e métodos de trabalho pequeno-burgueses, que eram predominantes no Partido

sob a máscara de marxismo-leninismo, principalmente tendências para o subjetivismo e o sectarismo e suas principais formas de manifestação – os clichês partidários estereotipados. As palestras do camarada Mao *Reformemos nosso Estudo, Retifiquemos o Estilo de Trabalho do Partido, Contra o Estilo Clichê no Partido e Intervenções no Congresso de Yenan sobre Literatura e Arte* e as palestras do camarada Liu Shaoqi, *Como ser um Bom Comunista e Sobre a Luta Interna no Partido*, cumpriram um papel muito importante na campanha de estudo, que ajudou a varrer a nefasta influência exercida pelo doutrinário dentro do Partido. Ajudaram a um grande número de novos membros do Partido de origem intelectual pequeno-burguesa a se livrarem da visão de mundo pequeno-burguesa e a adotarem a visão de mundo do proletariado. Como resultado, ajudou o Partido a dar um grande passo ideologicamente, e alcançar maior unidade.

Enquanto o Partido Comunista estava, portanto, avançando por entre dificuldades e luta dura, o regime do Kuomintang estava avançando para os mais profundos abismos da corrupção. Os círculos dirigentes do Kuomintang, tirando vantagem de sua posição política e particularmente da Guerra de Resistência, da inflação e assim por diante, acumularam enormes riquezas, tomaram o controle das finanças, do comércio, da indústria e da agricultura chinesas, praticavam pilhagens inescrupulosas e desenvolviam rapidamente o capital feudal, comprador, militar e monopolista, isto é, o “capital burocrático”, comandado pelas quatro grandes famílias de Chiang Kai-shek, Soong Tse-ven, Kuang Hsiang-hsi e Chen Lifu. Este “capital burocrático” entrou em acentuada contradição com os interesses da classe operária, do campesinato, da pequena burguesia urbana e da burguesia nacional nas regi-

ões ocupadas pelo Kuomintang. Em decorrência de suas miseráveis condições de vida e da falta de liberdades políticas para lutar contra os invasores japoneses, o povo vociferava reclamações e levantes populares ocorreram em muitos locais. Em sua própria corrupção e isolamento, Chiang Kai-shek, em 1943, ainda vociferava alegando que o Partido Comunista estava rompendo a “unidade”, defendeu campanhas “punitivas” contra este e movimentou grande número de tropas para se prepararem para realizar assaltos contra a região fronteiriça Shensi-Kansu-Ningsia. Esta foi a terceira campanha anticomunista do Kuomintang. Entretanto, foi forçado a abortar esta campanha, porque ela foi exposta e denunciada pelo avanço do Partido Comunista da China e o povo por todo o país se opunha a ela. Obviamente, nesta época, Chiang Kai-shek ainda imaginava que poderia se apoiar nas suas algumas milhões de tropas que mantinha na retaguarda durante a guerra. Não havia percebido ainda que sua política reacionária havia há muito desmoralizado suas próprias tropas. Este fato foi revelado por completo em 1944, quando os japoneses lançaram uma nova ofensiva.

O ano de 1944 foi o ano do desenvolvimento vitorioso da guerra mundial antifascista, um ano do iminente colapso da gangue hitlerista sob os contundentes golpes do heroico Exército Vermelho Soviético, mas este foi também um ano desastroso para as tropas do Kuomintang em face da nova ofensiva japonesa. A posição do Japão no Pacífico tornava-se cada vez mais difícil. O Japão necessitava, com urgência, abrir linhas de comunicação de Pequim para o Cantão e Nanning. Para este propósito, o Japão lançou uma nova ofensiva contra os fronts de batalha em março de 1944. Como as tropas do Kuomintang estavam tomadas pela confusão, os invasores japoneses foram capazes de ocupar, em um curto espaço de

oito meses, a maior parte das províncias de Honan, Kwangsi, Hunan, Guangdong, Fukien e uma parte da província de Kweichow, o que causou enormes danos para o povo. Encorajada pelas grandes vitórias da guerra antifascista mundial, que tinha a URSS como esteio, pelo desenvolvimento vitorioso nas zonas de batalha das regiões libertadas chinesas, a nação inteira não mais poderia tolerar o governo reacionário do Kuomintang. Nas regiões controladas pelo Kuomintang, as lutas democráticas do povo e as atividades de partidos e grupos democráticos estavam consolidadas. Reorganizar o Governo do Kuomintang como um governo democrático de coalizão se tornou uma demanda unânime de todo o povo patriótico.

A luta do povo chinês pela democracia, entretanto, esbarrava em uma nova forma de intervenção estrangeira. O cambaleante regime do Kuomintang, odiado amargamente pelo povo chinês, recebeu apoio do imperialismo norte-americano que já havia então conquistado posições no Pacífico. Em setembro de 1944, na reunião do Conselho Político Popular convocado pelo Kuomintang em Chungking, o camarada Lin Po-chu, representante do Partido Comunista da China, demandou a convocação de uma conferência emergencial sobre os assuntos nacionais, assim como a abolição da ditadura do Kuomintang e o estabelecimento de um governo democrático de coalizão. Os reacionários do Kuomintang, secretamente apoiados pelos imperialistas estadunidenses, rejeitaram obstinadamente tais demandas do Partido Comunista e de outros grupos democráticos.

Antes da eclosão da Guerra do Pacífico em 1941, os imperialistas estadunidenses fizeram todos os esforços para chegar a um acordo com o Japão às custas da China. Agora, eles queriam tomar vantagem da Guerra de Resistência contra a Agressão Japonesa para estender sua influência sobre toda

a China, tendo em vista tomar o lugar do Japão após a guerra para monopolizar os mercados da China e transformá-la em uma colônia dos Estados Unidos. Por esta razão, trabalharam duro para promover o governo reacionário do Kuomintang. Por um lado, os estadunidenses enviaram um enorme número de oficiais para treinar e equipar as tropas de Chiang Kai-shek e puseram muitos especialistas para se infiltrarem em seu governo. Por outro lado, se apresentaram como mediadores honestos para “intermediar” a relação entre o Kuomintang e o Partido Comunista da China. Mas não demorou muito para os imperialistas estadunidenses revelarem que suas posições eram as mesmas do que as de Chiang Kai-shek. Tanto os representantes norte-americanos quanto Chiang Kai-shek tentaram utilizar o mecanismo de “convidar” determinados comunistas para participarem no governo reacionário do Kuomintang com o fim de “conquistar” sua “unificação” e “democratização” e assim liquidar a demanda de transformação daquele governo em um democrático de coalizão. Além disso, tentaram usar tal manobra para destruir o Exército da Oitava Rota, o Quarto Novo Exército e as regiões libertadas. Quando o Partido Comunista da China rejeitou esta perversa proposta dos Estados Unidos e de Chiang Kai-shek, este chegou a propor a formação de um comitê de três homens, incluindo um estadunidense, para “reorganizar” as tropas das regiões libertadas. Enquanto isso, Patrick J. Hurley declarou de maneira ameaçadora que os Estados Unidos cooperariam apenas com Chiang Kai-shek e não com o Partido Comunista.

Obviamente, tais ameaças do imperialismo norte-americano e de Chiang Kai-shek não poderiam estremecer a firme vontade do povo chinês em lutar por sua independência e pela democracia, nem tampouco impedir o avanço da causa da libertação do povo chinês.

O Partido Comunista da China convocou seu Sétimo Congresso Partidário em Yen-an, em 24 de abril de 1945, no qual compareceram 544 delegados e 208 delegados consultivos, que representavam 1,21 milhão de membros do Partido. O Congresso ouviu e adotou unanimemente o relatório político do camarada Mao Tsé-tung, *Sobre o Governo de Coalizão*, o relatório militar, *Sobre os Fronts de Batalha nas Regiões Libertadas* e o relatório sobre a revisão da Constituição do Partido, escrito pelo camarada Liu Shaoqi. Adotou assim uma nova Constituição do Partido e elegeu um novo Comitê Central, presidido pelo camarada Mao.

O Partido Comunista demonstrou solidariedade e unidade sem precedentes em seu Sétimo Congresso Partidário. Esta solidariedade e unidade foram trazidas principalmente pelo vitorioso desenvolvimento da Revolução Chinesa desde a Conferência de Tsunyi, realizada em 1935, sob a correta direção do Comitê Central. A campanha de retificação dos métodos de trabalho equivocados lançada em 1942, as discussões feitas entre quadros do Partido anteriormente ao Sétimo Congresso Partido acerca da experiência histórica do Partido e as *Decisões Acerca de um Número de Questões Históricas* adotadas na Sétima Sessão Plenário eleita pelo Sexto Congresso Partidário, cumpriram, todas, um papel importante e ativo no fortalecimento a unidade dentro do Partido.

O Sétimo Congresso Partidário adotou de forma unânime o Programa Geral do Partido e os programas partidários gerais e concretos para o período da Revolução de Nova Democracia. O Congresso analisou corretamente a presente situação mundial e doméstica e chamou todo o Partido e o povo chinês para a luta pela vitória final na Guerra de Resistência e para estabelecer um governo democrático de coalizão. Com a finalidade de se preparar para a vitória a nível nacional, o

Congresso chamou todo o Partido para se dedicar ao trabalho nas cidades, sobretudo entre a classe operária. O Congresso apontou que o povo chinês, sob a direção direta do Partido Comunista da China, já havia criado dezenove regiões libertadas durante a guerra, com uma população total de 95,5 milhões de pessoas, um Exército Popular de Libertação composto por 910 mil homens (incluindo o Exército da Oitava Rota, o Quarto Novo Exército e outras tropas populares anti-japonesas) e milícias populares de 2,2 milhões de homens que também estavam ocupados com a produção.

Após 1944, o Exército Popular de Libertação realizou uma parcial contraofensiva. De setembro de 1937 a março de 1945, travou mais de 115 mil grandes e pequenos combates contra o inimigo, matou ou feriu 960 mil japoneses e tropas títeres, capturou 280 mil homens e forçou 100 mil japoneses e tropas títeres a se render. A maioria das cidades chave da China, linhas de comunicação e litorais estavam cercadas ou controladas pelo Exército Popular de Libertação. A vitória na Guerra de Resistência e a causa da democracia poderia ser garantida se apoiando no poderoso Exército Popular de Libertação e na unidade do povo de toda a nação.

Mas, por conta da existência de forças reacionárias tanto a nível doméstico quanto externo, o Sétimo Congresso Partidário chamou toda a nação para permanecer bastante vigilante contra o perigo de uma nova guerra civil, bem como a de uma intervenção imperialista.

Após o Sétimo Congresso Partidário do Partido Comunista da China, uma contraofensiva lançada pelo Exército Popular de Libertação contra os invasores japoneses alcançou rápido progresso. Em 8 de agosto, a União Soviética declarou guerra contra o Japão, levando assim a Guerra de Resistência

da China para sua etapa derradeira. O Exército Soviético rapidamente aniquilou o Exército Japonês de Guangdong e libertou o nordeste da China. O Exército Popular de Libertação, lutando de forma coordenada com o Exército Soviético, rapidamente varreu os japoneses e as tropas títeres e conseguiu libertar um grande número de cidades médias e pequenas que anteriormente foram ocupadas pelos invasores japoneses. Em 14 de agosto, o Japão anunciou sua capitulação incondicional. Após a capitulação do Japão, os Estados Unidos e Chiang Kai-shek ordenaram aos japoneses e as tropas títeres a continuarem a “manter a ordem local” e resistir às unidades do Exército Popular de Libertação que cercaram os invasores japoneses para esperar pela chegada das tropas do Kuomintang, em um período em que estas estavam distantes da retaguarda, para aceitar a rendição japonesa. As forças terrestres, aéreas e marítimas dos EUA, neste meio tempo, tentavam por todas as maneiras instigar as tropas do Kuomintang a retomar as grandes cidades e as linhas de comunicação ocupadas pelos invasores. Com a colaboração das forças armadas norte-americanas, do exército invasor japonês e das tropas títeres, Chiang Kai-shek mais uma vez conseguiu uma posição “dominante” no país após o fim da Guerra de Resistência. A experiência da guerra antijaponesa travada pelo povo chinês foi a experiência de um país grande e atrasado lutando contra uma potência imperialista, a experiência de união, sob a direção do Partido Comunista da China, do proletariado, do campesinato, da pequena burguesia urbana, da burguesia nacional e até mesmo de parte da classe latifundiária e da burguesia compradora, para resistir à agressão. O Partido Comunista corretamente analisou esta complexa situação e aplicou as experiências políticas e militares desenvolvidas durante as precedentes guerras civis revolucionárias de 1924 a 1936, e

foi capaz de adotar uma correta linha política e militar, retificar os desvios dentro do seio do Partido, para golpear de volta os grupos reacionários internos e para conquistar uma grande vitória, assentando assim sólidas bases para a vitória nacional na subsequente Revolução Democrático-popular.

A Guerra de Resistência provou que, sob a correta direção do proletariado, a agressão imperialista poderia ser derrotada se apoiando na luta unificada das massas do povo, na Frente Única e na Guerra Popular. Esta é uma verdade de extrema importância para o povo chinês e para os povos coloniais do mundo.

A Guerra de Resistência também comprovou que os imperialistas anglo-estadunidenses sempre adotam uma atitude hostil perante os povos dos países coloniais e semicoloniais e que somente a URSS é a grande apoiadora dos povos oprimidos do mundo. A ajuda dada pela União Soviética é de decisivo significado para a vitória final dos povos em sua luta contra o imperialismo. Esta é uma verdade de igual importância para o povo chinês e para os povos coloniais.

A Terceira Guerra Civil Revolucionária, a Fundação da República Popular da China e o Período de Recuperação Econômica

Novas mudanças ocorreram nas relações entre as classes na China após a conclusão da Guerra de Resistência contra a Agressão Japonesa. Durante a Guerra de Resistência, os reacionários do Kuomintang, representantes dos grandes latifundiários e da grande burguesia, aplicavam uma política de resistência passiva ao Japão e oposição ativa ao Partido Comunista, na esperança de minar a força deste e preservarem sua própria força, para que após o Japão ser derrotado pelas mãos da URSS, Grã-Bretanha, EUA e do povo chinês, representado pelo Partido Comunista da China, capitalizar os méritos da vitória e assim lançar uma guerra anticomunista de aniquilação e estabelecer uma brutal tirania por todo o país. Para este fim, todas as armas fornecidas para o Kuomintang por países estrangeiros, usadas na guerra contra o Japão, foram estocadas para ser usadas contra os comunistas. Assim, todo o povo chinês estava sob ameaça de mais uma guerra civil desde que a Guerra de Resistência fora encerrada.

Após a capitulação japonesa, os imperialistas estadunidenses tentaram caminhar para a posição anteriormente ocupada pelo Japão na China, para ganhar o controle sobre os grandes mercados chineses e converter o país em uma colônia norte-americana. Para este propósito, os Estados Unidos tinham que ajudar o Kuomintang em seus esforços para aniquilar o Partido Comunista, porque este constituía o maior obstáculo para a realização de seus objetivos. O Kuomintang também necessitou se apoiar no auxílio estadunidense para

conduzir a guerra civil anticomunista. Assentado sob esta base, o conluio entre os imperialistas e o Kuomintang se tornou ainda maior e então fizeram preparações ativas para lançar uma ofensiva total contra as regiões libertadas. Imaginavam que a superioridade numérica e material das forças armadas do Kuomintang sobre o Exército Popular de Libertação, tanto em população, quanto em recursos das regiões ocupadas pelo Kuomintang em relação às regiões libertadas, somadas a ajuda econômica, política e militar fornecida pelo governo norte-americano, possibilitariam alcançarem seus propósitos malevolentes e desavergonhados.

Uma guerra contra o povo era um negócio lucrativo para a grande burguesia – a burguesia burocrática do Kuomintang. Após a capitulação japonesa, as Quatro Grandes Famílias de Chiang Kai-shek, Soong Tse-ven, Kuang Hsiang-hsi e Chen Li-fu recorreram ao saque e à usurpação sem precedentes sob o pretexto de uma “retomada”. No curso da nova guerra, sugaram o sangue do povo por meio da inflação, aumento de impostos, requisição de grãos e outras formas de controle econômico. A fortuna destas famílias aumentou para cerca de 20 bilhões de dólares americanos.

A política do Kuomintang durante a Guerra de Resistência gerava uma contradição entre este e a classe operária, o campesinato, a pequena burguesia urbana e a burguesia nacional. Após atravessarem muitos anos de guerra, o povo de todas as classes pelo país desejava unanimemente a paz, para que a capacidade produtiva do país, já extremamente danificada, pudesse ser reerguida. O povo demandava que, após a vitória da Guerra de Resistência, a independência nacional e a democracia política fossem conquistadas. Os camponeses queriam terra. O Kuomintang não apenas negava tudo isto ao povo, como também decidiu pilhá-lo ainda mais por meio do

abismo gerado pela guerra civil e da bancarrota econômica. O Kuomintang concedeu todos os tipos de privilégios para os Estados Unidos, tendo em vista conseguir a ajuda norte-americana, e como resultado disso, as indústrias nacionais e as empresas comerciais nas regiões ocupadas pelo Kuomintang, ficaram sob a dupla opressão do capital norte-americano e do capital burocrático do Kuomintang, quebravam uma após a outra, e muitos operários eram demitidos. Os militares estadunidenses presentes na China insultavam e maltratavam o povo chinês. As agências do serviço secreto do Kuomintang perseguiram o povo e os elementos democráticos utilizando o método do terror. Nas regiões ocupadas pelo Kuomintang, o que este fez para os camponeses foi pressioná-los através da requisição de grãos; nas regiões libertadas, organizavam latifundiários para despojar os camponeses das terras que haviam conquistado.

Ainda que a guerra civil planejada pelo Kuomintang tenha se tornado inevitável, e ainda que tivessem se isolado da população, o povo amante da paz ainda lutava por todos os meios antes da eclosão da guerra civil total e não queria romper laços com o Kuomintang. Ilusões com o Kuomintang, com os Estados Unidos e acerca de uma “terceira via”, ainda existia entre a burguesia nacional, entre seus partidos e grupos. O Partido Comunista da China, contudo, há muito já previa um complô de guerra civil, que o conluio entre o Kuomintang e o imperialismo norte-americano estava preparando, tanto ideológica quanto organicamente. Contudo, para salvar a paz até o último minuto e educar por completo o povo, o Partido, após o encerramento da Guerra de Resistência, fez grandes esforços e demonstrou grande paciência para liderar o povo pelo país e procurar um caminho para evitar a guerra e conquistar a paz e a unidade.

Após a conclusão da Guerra de Resistência, o Comitê Central do Partido Comunista da China, em 25 de agosto de 1945 lançou a *Declaração sobre a Situação Atual*, que expressava o desejo do Partido Comunista da China pela paz, democracia e unidade. Com o fim de realizar tal desejo, o camarada Mao Tsé-tung foi para Chungking em 28 de agosto e realizou conferências por mais de um mês com Chiang Kai-shek e o Kuomintang. Em 10 de outubro, os resultados da conferência foram tornados públicos. Continham muitos acordos quanto a medidas para salvaguardar a paz interna. O Partido estava pronto para cumprir tais acordos sinceramente e já havia começado a colocá-los em prática. Mas Chiang Kai-shek, de sua parte, enxergava tais acordos como nada além de artimanhas para disfarçar seus planos de iniciar a guerra. Imaginava que após a conclusão destes acordos, o Partido relaxaria sua vigilância, e que, com um ataque surpresa, certamente conquistaria a vitória. De forma coerente, quando os acordos foram publicados, iniciou imediatamente uma ofensiva contra as regiões libertadas. O Partido Comunista da China já estava em alerta e a ofensiva militar de Chiang Kai-shek foi esmagada.

Chiang Kai-shek e seus mestres estadunidenses descobriram que ainda não estavam bem preparados. As tropas de Chiang Kai-shek, que haviam evitado combates com os japoneses, estavam estacionadas longe, em uma retaguarda remota no sudeste e nordeste da China, enquanto o Exército Popular de Libertação, que lutou durante todo o tempo contra o Japão no front, estava no norte, leste e nordeste da China. A situação da época era desfavorável para o Kuomintang lançar uma guerra civil total. Naquele período, Chiang Kai-shek ainda precisava tomar rapidamente as cidades e as linhas de comunicação ocupadas pelo inimigo, para poder transportar milhões de tropas para vários fronts da guerra civil. Chiang

Kai-shek, claro, era incapaz de executar todas essas coisas por si mesmo. Para ajudá-lo em tais ações, as tropas estadunidenses estacionaram em vários pontos do litoral chinês para ratificar a capitulação japonesa. E, para impedir que o Exército Popular de Libertação tomasse o litoral, forneceu todas as armas confiscadas do Exército japonês para Chiang Kai-shek. Os imperialistas utilizaram aviões e frotas navais para transportar mais de um milhão de homens do exército do Kuomintang para pontos localizados próximos às regiões libertadas. Para ganhar tempo, Chiang Kai-shek aceitou em palavras as demandas do Partido Comunista, do povo chinês e de vários grupos e partidos democráticos e, em 10 de janeiro de 1946, assinou uma ordem de trégua e convocou uma Conferência Política Consultiva entre todos os partidos e grupos. Naquele período, o governo norte-americano também defendeu a trégua em palavras, e enviou George C. Marshall para substituir Patrick J. Hurley no papel de “mediação” na guerra civil da China, com o propósito de ajudar Chiang Kai-shek a fazer suas preparações de guerra sob uma máscara de “conciliação”. Pouco após o anúncio da trégua, Chiang Kai-shek ordenou ataques contra o Exército Popular de Libertação que então havia se retirado para o nordeste da China na época da capitulação japonesa. As tropas do Kuomintang ocuparam com sucesso vastos distritos ao sul da linha Changchun-Kirin, nas regiões libertadas do nordeste da China, se expandiram para Antung no Sul e Chengteh no Oeste. De julho de 1946 em diante, Chiang Kai-shek rompeu completamente o acordo e as resoluções da Conferência Política Consultiva, mobilizou todas suas forças armadas na ofensiva total contra as regiões libertadas, e ocupou sucessivamente diversas cidades e vastos distritos rurais nas regiões libertadas.

Durante este período, o Partido Comunista da China conduziu uma extensa e efetiva campanha de educação ideológica entre o povo por todo o país, despertando-o gradualmente das ilusões sobre a paz, assim como enfraquecendo as ilusões com Chiang Kai-shek e com o governo norte-americano, para que o povo assim pudesse compreender que, para se conquistar a paz, a democracia e o direito à existência, seria necessário derrubar os reacionários do Kuomintang. De um lado, o Partido isolou Chiang Kai-shek e os imperialistas politicamente por completo e, por outro, dirigiu o Exército Popular de Libertação em enormes esforços para esmagar a ofensiva do inimigo. O Partido Comunista da China sustentou que os ataques de Chiang Kai-shek não apenas poderiam ser derrotados, como deveriam necessariamente ser derrotados. A razão era que os efeitos da superioridade militar do inimigo e da ajuda norte-americana poderiam ser apenas temporários, mas os efeitos do caráter da guerra (se era justa ou injusta) e da atitude do povo (se este era simpático ou contrário à guerra) eram consistentes. Neste sentido, a superioridade pertencia certamente ao Exército Popular de Libertação, graças aos obstinados esforços do Partido Comunista da China na causa da paz interna.

Para derrotar os ataques de Chiang Kai-shek, o camarada Mao Tsé-tung estabeleceu uma correta política militar, cujo objetivo principal era o aniquilamento dos homens do inimigo e não a defesa das cidades ou localidades. Para varrer o inimigo, cada batalha deveria ser preparada de forma profunda e, dessa maneira, sua vitória ser assegurada; uma força enormemente superior, múltiplas vezes superior ao inimigo, deveria ser reunida para levar a cabo operações para cercar e para aniquilar o inimigo por completo. A partir de tal orientação, o Exército Popular de Libertação evacuou muitas cidades

e localidades nas primeiras etapas da guerra, mas aniquilou grande número de tropas do Kuomintang, em média cerca de oito brigadas por mês, se equipou com armas capturadas das tropas do Kuomintang e consolidou sua própria força reeducando seus prisioneiros de guerra. Assim, no curso da guerra, o Exército Popular de Libertação ficou cada vez mais forte, enquanto que o exército do Kuomintang ficou cada vez mais fraco. Após passar por enormes perdas de tropas em oito meses, isto é, após março de 1947, Chiang Kai-shek foi obrigado a mudar sua política de ofensiva total contra as regiões libertadas para as chamadas “ofensivas concentradas”, com Shantung e norte de Shensi como alvos. O Exército Popular de Libertação esmagou as “ofensivas concentradas” em Shantung e norte de Shensi através de duros combates. Ao mesmo tempo, levava a cabo, de forma gradual, contraofensivas no nordeste da China, na região de Shensi-Chahar-Hopei, e na região de Shensi-Hopei-Shantung-Honan. Em julho de 1947, o Exército Popular de Libertação foi capaz de passar da defensiva para a ofensiva pela primeira vez na região de Shensi-Hopei-Shantung-Honan, cruzou o banco sul do Rio Amarelo e marchou para o banco norte. Então, o Exército Popular de Libertação do nordeste da China e de outras regiões também lançaram ofensivas em larga escala e geraram mudanças fundamentais na situação. As ofensivas de Chiang Kai-shek duraram pouco mais de um ano e foram esmagadas.

Os imperialistas e Chiang Kai-shek estavam embebedados com as vitórias superficiais que haviam conquistados nas primeiras etapas da guerra. Rejeitaram todas as propostas de paz do Partido Comunista da China e do povo chinês, e, como resultado, caminharam para um grande impasse militar e político. No dia 11 de outubro de 1946, as tropas do Kuo-

mintang ocuparam Kalgan, uma das cidades mais importantes das regiões libertadas no norte da China naquele período. Na tarde deste mesmo dia, Chiang Kai-shek violou a resolução da Conferência Política Consultiva e ordenou a convocação de uma “Assembleia Nacional” farsante e ditatorial que então dividiu a nação. Com o apoio de George C. Marshall, o enviado especial norte-americano, a farsante “Assembleia Nacional” promulgou uma “Constituição”. Mas os fatos confirmaram a profética afirmação do camarada Mao Tsé-tung em seu livro *Sobre o Governo de Coalizão*: este passo tomado por Chiang Kai-shek era como “por uma corda no próprio pescoço” e não obteve qualquer apoio popular. Em março de 1947, os reacionários do Kuomintang forçaram o Partido Comunista da China a movimentar sua delegação de Nanquim, Xangai, Chungking para Yen-an. Imediatamente após este acontecimento, as tropas do Kuomintang lançaram uma ofensiva e ocuparam Yen-an. Esse ato destroçou todas as esperanças por uma resolução pacífica. O povo chinês, incluindo a burguesia nacional, focou suas simpatias e esperanças no Partido Comunista da China. A propaganda para uma “terceira via”, como defendida pela ala de direita da burguesia nacional também faliram. Os grupos revolucionários do Kuomintang, a Liga Democrática da China, a Associação Democrática Construção Nacional da China, outros partidos e grupos democráticos e figuras públicas se recusaram a cooperar com os reacionários do Kuomintang; se recusaram a tomar parte da farsante “Assembleia Nacional” e do governo reacionário. No fim de 1946 e início de 1947, os estudantes realizaram manifestações por todo o país contra o estupro de uma estudante chinesa por soldados estadunidenses. Em maio de 1947, estudantes de todo o país fizeram atos contra a fome, a guerra

civil e a perseguição. Operários e camponeses em vários locais também conduziram lutas contra o Kuomintang. Todos estes fatos demonstraram que os imperialistas estadunidenses e os reacionários do Kuomintang se isolaram completamente, enquanto que a Frente Única pela Revolução de Nova Democracia, dirigida pelo Partido Comunista da China, estava mais ampla e consolidada do que nunca. Tanto as condições militares, quanto políticas, eram favoráveis para a vitória a nível nacional do povo chinês.

Em 10 de outubro de 1947, o Exército Popular de Libertação fez uma declaração convocando todo o povo chinês para derrubar Chiang Kai-shek e construir uma nova China. Para satisfazer a histórica demanda dos camponeses pela terra, o Partido Comunista da China, no mesmo dia, divulgou o Programa Básico da Lei Agrária Chinesa, feito para a abolição do velho sistema de propriedade da terra baseado na exploração feudal e para a instituição de um novo sistema de dar as terras para os lavradores. A execução desta reforma agrária levantou totalmente os camponeses nas regiões libertadas, onde os latifundiários foram liquidados como classe, e assim puderam as regiões libertadas e facilitando enormemente a Guerra Popular de Libertação.

Enquanto isso, para levar a cabo a reforma agrária, para fortalecer a capacidade combativa do Exército Popular de Libertação e promover a democracia no campo, o Partido Comunista da China promoveu uma campanha de consolidação em todos os níveis do Partido, para aumentar o nível de consciência de classe no Exército Popular de Libertação e corrigir a composição impura das organizações do Partido no campo, bem como os métodos de trabalho impuros.

Para se preparar para uma nova vitória, uma conferência foi chamada no Norte de Shensi em dezembro de 1947 pelo Comitê Central do Partido Comunista da China. Nesta conferência, o camarada Mao Tsé-tung fez o relatório *Sobre a Situação Atual e Nossas Tarefas*. Apontou neste relatório que a guerra revolucionária do povo chinês atingia um ponto crucial, “o ponto de virada do crescimento para a extinção de mais de 100 anos da tirania imperialista na China”. O camarada Mao Tsé-tung analisou de forma penetrante os problemas militares, econômicos e agrários e os problemas da Frente Única que confrontariam o Partido no período em que a guerra revolucionária entrasse na etapa da ofensiva. Quanto aos desvios cometidos que causaram danos à indústria e ao comércio durante a movimentação pela reforma agrária, Mao, em seu relatório, reiterou que o programa econômico do Partido, era confiscar a terra da classe feudal e redistribuí-la para os camponeses, confiscar todo o capital burocrático e torná-lo capital do novo estado democrático e proteger a indústria e comércio nacionais. Criticou duramente alguns funcionários de dentro do Partido, que adotaram uma política excessivamente esquerdista com elementos econômicos da pequena e média burguesia. Mao apontou que a gigantesca economia estatal era socialista em seu caráter, que nasceria do confisco do capital burocrático e controlaria as artérias econômicas de toda a nação, certamente de significado decisivo e cumpriria um papel dirigente na vida econômica do Estado Popular. Elementos da burguesia média e pequena, portanto, não apenas eram necessários, como não havia necessidade de temê-los. Resultou desta conferência e do diversificado trabalho do Partido durante este período, que este estava preparado para dirigir o povo para a vitória a nível nacional.

A guerra progrediu muito rápido em 1948 e 1949. Em 1948, o Exército Popular de Libertação já havia dominado a técnica de atacar cidades e libertou rápida e sucessivamente um grande número de cidades que eram “pontos chave de defesa” do Kuomintang. Com a vitoriosa conclusão da campanha de Liao-Sheng, que durou de 12 de setembro a 2 de novembro de 1948, todo o nordeste da China foi libertado. Nesta campanha, 472 mil tropas do Kuomintang foram colocadas fora de ação, dando ao Exército Popular de Libertação a superioridade numérica sobre as tropas do Kuomintang. Pouco depois, na campanha de Huai-Hai, realizada próxima de Hsuehchow (província de Kiangsu), no front sul de 7 de novembro de 1948 a 10 de janeiro de 1949, cerca de 555 mil tropas do exército do Kuomintang foram derrotadas. Em consequência, o principal corpo das forças armadas dos reacionários do Kuomintang foi destruído, e Nanquim ficou exposta à ofensiva do Exército Popular de Libertação. Por volta da mesma época (de 5 de dezembro de 1948 a 31 de janeiro de 1949), o Exército Popular de Libertação do fronte norte lançou campanha para libertar Tientsin e Pequim. Kalgan e Tientsin foram capturadas em batalha e Pequim foi libertada pacificamente. Nesta campanha, o exército do Kuomintang perdeu 521 mil homens. Assim, a libertação de todas as regiões ao norte do Rio Amarelo, foi, no fundamental, efetuada.

Em março de 1949, o Partido Comunista da China convocou a Segunda Sessão Plenária do Comitê Central eleito pelo Sétimo Congresso. A sessão decidiu sobre as políticas fundamentais, pelas quais a vitória a nível nacional pode ser conquistada e que deveriam ser seguidas após a vitória.

Esta sessão pôs acento em que, à véspera da vitória nacional, a principal ênfase do trabalho do Partido havia se

deslocado do campo para as cidades. A partir de 1927, o trabalho básico do Partido foi acumular forças no campo e utilizá-las para cercar as cidades e, finalmente, capturá-las. Na época da sessão, este trabalho havia sido concluído. A principal ênfase do Partido deveria ser deslocada para as cidades, para usar e dirigir o campo. A sessão apontou que o trabalho do Partido nas cidades deveria apoiar-se na classe operária de todo coração e que sua tarefa central era recuperar e desenvolver a produção industrial. Discutiram em detalhes a situação de vários elementos da economia da China e as corretas políticas a serem adotadas pelo Partido. O resultado do debate formou a base da política de *O Programa Comum da Conferência Política Consultiva do Povo chinês*.

Para os reacionários do Kuomintang, Chiang Kai-shek, instigado pelos imperialistas estadunidenses, fingiu se apressentar; Li Tsung-jen, agindo tal qual Chiang Kai-shek, surgiu como um apelo por “paz”. O Partido Comunista não rejeitou tal apelo. Após conduzir negociações com delegados do Kuomintang, um projeto de acordo de paz foi elaborado. O governo reacionário do Kuomintang, contudo, se recusou a assiná-lo, revelando assim sua empulhação.

Em 21 de abril de 1949, o camarada Mao Tsé-tung e o camarada Chu Teh ordenaram que o Exército Popular de Libertação avançasse para o sul e nordeste da China para libertar o restante do país. Em 23 de abril de 1949, o Exército Popular de Libertação libertou Nanquim e, no curso deste ano, libertou as principais cidades, incluindo Taiyuan, Hangchow, Hankow, Sian, Xangai, Lanchow, Cantão, Kwiyang, Chungking, Chengtu e vastos territórios. As províncias de Hunan, Suiyuan, Sinkiang e Yunnan foram libertadas pacificamente. Em abril e maio de 1950, o Exército Popular de Libertação

cruzou os mares e libertou as Ilhas Hainan e as Ilhas Choushan. Em 1950, o Exército Popular de Libertação aniquilou 1,6 milhão de bandidos deixados para trás pelo Kuomintang nas províncias do sul e sudeste. Em novembro de 1950, o Exército Popular de Libertação começou a avançar em direção ao Tibet. Em maio de 1951, após negociações, o Governo Popular Central e os governos locais tibetanos chegaram a um acordo no que tangia às medidas necessárias para a libertação pacífica do Tibet. Assim, com exceção de Taiwan, que estava ainda ocupada pelos remanescentes do Kuomintang e dos agressores estadunidenses, a China inteira foi libertada.

De julho de 1946 até junho de 1950, o Exército Popular de Libertação da China aniquilou mais de 8,07 milhões de homens das forças armadas do Kuomintang e capturou 54,4 mil peças de artilharia, 319 mil metralhadoras, mil tanques e carros blindados, 20 mil veículos, além de grandes quantidades de outras armas e equipamentos.

Em 1º de outubro de 1949, o Governo Popular Central da República Popular foi fundado. O Governo Popular Central foi eleito pela Conferência Política Consultiva do Povo Chinês, que era composto por 662 delegados de várias nacionalidades, partidos e grupos democráticos, organizações populares, regiões, exércitos e personalidades democráticas convidadas. A Conferência Política Consultiva do Povo Chinês realizou sua primeira sessão plenária de 21 de setembro a 30 de setembro de 1949. A Conferência adotou o *Programa Comum da Conferência Política Consultiva do Povo Chinês*, a *Lei Orgânica do Governo Popular Central da República Popular da China*, e a *Lei Orgânica da Conferência Política Consultiva do Povo Chinês*. A Conferência elegeu Mao Tsé-tung como Presidente do Governo Popular Central, elegeu Chu Teh, Liu Shaoqi, Soong

Ching-ling, Li Chi-shen, Chang Lang e ao Kao Kang como vice-presidentes, elegeu 56 pessoas como membros do Conselho do Governo Popular Central e selecionou Pequim como a capital da República Popular da China. A fundação da República Popular da China foi a gloriosa culminação das lutas do povo chinês do século passado contra o imperialismo e contra o feudalismo e, especialmente, sua luta dos anteriores 28 anos sob a direção do Partido Comunista da China.

A República Popular da China estava fundada. Desde então, a Revolução Chinesa entrou em uma nova etapa. A situação pelo país era inteiramente diferente daquele período no qual o *Sobre a Nova Democracia* e *Sobre o Governo de Coalizão* foram publicados. Era necessário explicar as questões que levantaram as condições criadas pela vitória da Revolução Democrático-popular: Que tipo de estado era a República Popular da China? Quais eram as posições e relações das várias classes e dos vários setores da economia nacional? Qual é o futuro de tal Estado? A tais questões, o artigo do camarada Mao, *Sobre a Ditadura democrático-popular*, publicado em 1º de julho de 1949 e o *Programa Comum*, adotado pela primeira sessão plenária da Conferência Política Consultiva do Povo Chinês, deram respostas completas e satisfatórias a estas questões.

Em seu artigo *Sobre a Ditadura democrático-popular*, o camarada Mao define a República Popular da China como uma “ditadura democrático-popular dirigida pela classe operária (por meio do Partido Comunista) e com a aliança entre operários e camponeses como sua base”. Explicando o significado desta fórmula, Mao Tsé-tung escreveu: “quem é o ‘povo’? Na etapa atual o povo da China é integrado pela classe operária, a classe camponesa, a pequena burguesia e a burguesia nacional. Sob a direção da classe operária e do Partido

Comunista, estas classes se uniram para formar seu próprio Estado e escolher seu próprio governo a fim de instaurar a ditadura sobre os lacaios do imperialismo – a classe dos latifundiários e o capital burocrático, a fim de esmagá-los e só tolerar sua atuação dentro de certos limites, a fim de não permitir que ultrapassem esse limite nem em palavras, nem em atos. Se em suas palavras e em seus atos tentarem passar desse limite, isso lhes será proibido e serão imediatamente castigados. O sistema democrático deve ser aplicado entre o povo, dando a este a liberdade de palavra, de reunião e de organização. O direito de voto é concedido ao povo unicamente e não aos reacionários. Os dois aspectos, por um lado, democracia para o povo e, por outro, ditadura para os reacionários, constituem em si a ditadura da democracia popular”.

O camarada Mao Tsé-tung apontou por diversas vezes que a China deveria seguir o exemplo da União Soviética para avançar para o socialismo e o comunismo e deveria se manter firmemente ao lado da URSS, ao lado do socialismo. Mas, no período histórico atual, a República Popular da China ainda permite a existência da burguesia nacional. Aqui se encontra precisamente a diferença entre a Democracia Popular na China e a Democracia Popular nos países do leste da Europa. Esta diferença resulta de diferentes condições históricas.

Mao escreve: “na etapa atual, a burguesia nacional tem uma grande importância. Continuamos a ter o imperialismo pela frente e trata-se de um inimigo feroz. A China precisará de muito tempo para realizar a verdadeira independência econômica. Só quando a indústria chinesa tiver se desenvolvido e quando o país não mais depender economicamente das potências estrangeiras, é que a China poderá atingir uma independência plena e verdadeira. O peso específico da indústria moderna chinesa na economia nacional é ainda pequeno. Não

dispomos ainda de estatísticas precisas, mas, de acordo com dados disponíveis, consideramos que a indústria moderna fornece apenas 10% da produção industrial global da economia do país. Para diminuir a pressão dos imperialistas e fazer com que sua economia atrasada dê um passo à frente, a China deve aproveitar todas as empresas capitalistas urbanas e rurais que forem vantajosas para a economia nacional e que não prejudiquem o nível de vida do povo. Deve se unir à burguesia nacional na luta comum. Nossa política atual consiste em limitar o capitalismo e não em destruí-lo”.

O processo de controlar o capitalismo é um processo de se unir e lutar contra a burguesia nacional e, ao mesmo tempo, um processo de reformar a burguesia nacional. Mao diz: “se este trabalho for bem feito, as principais classes exploradoras da China – os latifundiários, o capital burocrático e o capital monopolista – terminarão por ser liquidadas. No concernente à outra classe exploradora, a burguesia nacional, pode-se na etapa atual realizar um grande trabalho educativo em seu seio. Quando o socialismo for realizado, isto é, depois da nacionalização das empresas privadas, a burguesia nacional poderá continuar a se educar e reeducar. O povo dispõe de um poderoso aparelho estatal e não teme a sublevação da burguesia nacional”.

O ponto de vista básico do camarada Mao no que concerne à República Popular da China foi exposto em *O Programa Comum*. Seus princípios gerais estabelecem: “A República Popular da China é um Estado de Nova Democracia ou Estado Democrático-Popular. Leva a cabo a ditadura democrático-popular dirigida pela classe operária, baseada na aliança de operários e camponeses e unindo as forças democráticas e nacionalistas. Se opõe ao imperialismo, ao feudalismo

e ao capitalismo burocrático e luta pela independência, democracia, paz, unidade, prosperidade e força da China”.

O Programa Comum sublinha sistematicamente as atuais políticas básicas da Frente Única e da República Popular da China nas esferas política, militar, econômica, cultural, nacional e diplomática. Estas políticas são também políticas básicas do Partido Comunista da China no período presente. *O Programa Comum* faz uma explicação particularmente detalhada das políticas econômicas. Estabelece: “O princípio básico da construção econômica da República Popular da China é desenvolver a produção e criar uma próspera economia através das políticas que levam em conta tanto o trabalho quanto o capital, da ajuda mútua entre cidade e campo e da circulação de bens entre a China e o exterior. O Estado coordena e regula a economia estatal, a economia cooperativa, a economia individual dos camponeses e artesãos, a economia capitalista privada e a economia capitalista estatal, em suas esferas de operação, abastecimento de matérias primas, mercados, condições de trabalho, equipamentos técnicos, políticas de finanças públicas e gerais, etc. Neste sentido, todos componentes da economia social podem, sob direção da economia estatal, levar a cabo a divisão e a coordenação do trabalho e cumprirem seus respectivos papéis promovendo o desenvolvimento da economia social como um todo”.

Assim, a liderança política da classe operária e a liderança da economia estatal de tipo socialista sob controle da classe operária são legalmente reconhecidas em *O Programa Comum* e constituem a garantia para o desenvolvimento da República Popular da China para o socialismo.

A fundação da República Popular da China encheu de orgulho todos os povos do mundo. Em 2 de outubro de 1949,

a mais leal amiga internacional do povo chinês, a União Soviética, anunciou o estabelecimento de relações diplomáticas com a República Popular da China. República Popular da Bulgária, República Popular da Romênia, República Popular da Hungria, República Popular Democrática da Coreia, República da Tchecoslováquia, República da Polônia, República Popular da Mongólia, República Democrática Alemã, República Popular da Albânia, República Democrática do Vietnã, República da Índia, Reino da Suécia, Reino da Dinamarca, União de Burma, República da Indonésia, Confederação Suíça, República da Finlândia e Paquistão também estabeleceram relações diplomáticas com a República Popular da China. Grã-Bretanha, Ceilão, Noruega, Israel, Afeganistão e Holanda reconheceram a soberania da República Popular da China. A China se pôs firmemente ao lado do campo mundial da paz encabeçado pela URSS e tentou vigorosamente fortalecer relações amistosas entre a China e a União Soviética. Em 14 de fevereiro de 1950, com a participação pessoal do Presidente Mao Tsé-tung e do Generalíssimo Stalin, do Premiê e Primeiro Ministro Chu En-lai e do Ministro das Relações Exteriores, Andrey Vyshinsky, foi assinado o histórico Tratado Sino-Soviético de Amizade, Aliança e Ajuda Mútua, o Acordo entre a China e a União Soviética sobre a Ferrovia Chinesa de Changchun, Port Arthur e Dairen e o Acordo entre a China e a União Soviética da Garantia de Créditos para a República Popular da China. O Tratado e os acordos fortaleceram grandemente os campos mundiais da paz e da democracia, assim como a posição internacional da Nova China e contribuiu muito para o trabalho de reconstrução do país.

Imediatamente após sua fundação, o Governo Popular Central efetuou enormes projetos para restaurar e reformar a economia nacional, que foram severamente devastadas pelo

imperialismo, o feudalismo e o capitalismo burocrático, pela guerra e pelas calamidades naturais. Após confiscar o capital burocrático do Kuomintang, o Governo Popular Central construiu então uma economia estatal de caráter socialista, que rapidamente exerceu uma grande influência sobre a vida econômica do país inteiro. Apoiado pela economia estatal, efetivamente unificou e balanceou as finanças nacionais, controlou a aguda inflação dos anteriores 12 anos e sistematicamente efetuou grandes planos para restaurar a produção industrial e agrícola, as comunicações e o comércio. Com o fim de abrir mercados e acumular fundos para a industrialização, o Governo Popular Central deu ênfase ao trabalho econômico e ao desenvolvimento da agricultura, das indústrias leves e do comércio interno e, ao mesmo tempo, começou a estabelecer as mais urgentes indústrias de defesa nacional e de indústria de energia. Pelo fato do Estado verdadeiramente controlar a vida econômica do país inteiro e essa ser altamente concentrada, a indústria e comércio capitalistas privados estão sendo gradualmente levados a aceitar a direção da economia estatal e, ao mesmo tempo, a economia capitalista estatal, servindo à economia estatal, se desenvolve gradualmente. A reorganização da indústria e do comércio para servir às necessidades imediatas do país, é parte essencial das preparações para o plano de construção industrial.

O Governo Popular Central concebeu a aplicação da reforma agrária como uma das principais condições para melhorar toda a situação econômica e preparar as condições para a construção industrial. Em junho de 1950, o Governo Popular Central adotou a *Lei de Reforma Agrária* da República Popular da China, e do inverno de 1950 à primavera de 1951, dirigiu os camponeses das regiões recém-libertadas para concluir o processo em áreas com uma população rural de 130

milhões de pessoas. Pelo fato da guerra haver sido concluída no fundamental, as disposições no *Programa Básico da Lei Agrária Chinesa* que fora promulgado em 1947, quanto ao problema das terras dos camponeses ricos, foram modificadas na *Lei de Reforma Agrária* da República Popular da China. Esta lei mudou a política de requisição das terras excedentes dos camponeses ricos para uma política de preservação da economia dos camponeses ricos, isto é, de requisitar as terras dos camponeses ricos somente sob condições especiais nas terras arrendadas pelos camponeses ricos, e deixar o restante de suas terras intactas. Esta nova política foi de grande importância para assegurar o entusiasmo dos camponeses médios na produção. Hoje, a reforma agrária foi concluída em vastas regiões, inclusas as velhas regiões libertadas com uma população rural que totaliza 290 milhões de pessoas, e deverá ser completada no resto do país dentro de um ou dois anos. A reforma agrária, a construção do Poder do Estado na forma de conferências representativas, que são levadas a cabo por todo o país e a campanha de larga escala, nas quais as amplas massas populares participam da repressão às atividades contrarrevolucionárias e subversivas, consolidaram as bases da ditadura democrático-popular. Sem tais bases, a construção econômica planificada seria impossível.

O Partido Comunista da China compreende que a consolidação como Partido é de importância decisiva para os trabalhos revolucionários no presente e no futuro. O Partido se desenvolveu muito nesses anos de sucesso da Guerra Popular de Libertação. Hoje, o número de membros é de 5,8 milhões. O Partido decidiu suspender o recrutamento de novos membros nos velhos distritos rurais e concentra no recrutamento de operários industriais. Decidiu conduzir uma séria e sistemática educação marxista-leninista entre seus membros, para

que todo membro do Partido possa entender por completo a necessidade de se apoiar na classe operária e estabelecer o comunismo, como também desenvolver séria inspeção das organizações do Partido de acordo com estritas regras.

Quando o povo chinês começou a reconstruir seu país, ele não se esqueceu do perigo de uma nova agressão imperialista. Os imperialistas estadunidenses, que não aceitaram a derrota na China, ocuparam a província chinesa de Taiwan em junho de 1950, no mesmo período que cometiam uma agressão armada contra a Coreia. A ocupação de Taiwan pelos Estados Unidos foi, na verdade, a continuidade da longa intervenção armada do governo norte-americano na Guerra Popular de Libertação da China e, da mesma forma, foi o início de uma intervenção armada contra a República Popular da China. Esta ocupação estadunidense de Taiwan comprovou que a delirante invasão armada ao nosso amistoso vizinho, a República Popular Democrática da Coreia, também faz parte dos seus planos agressivos contra nosso país. A razão pela qual os intervencionistas estadunidenses apoiaram a camarilha títere de Ri Sin Man – o “Chiang Kai-shek coreano” –, que lançou os ataques contra a República Popular Democrática da Coreia, era a intenção de seguir o velho caminho dos agressores japoneses: primeiro, ocupar a Coreia e anexar Taiwan e depois ocupar o nordeste da China. Em outubro de 1950, o exército norte-americano ocupou Pyongyang e avançou, com enorme número de tropas rumo ao norte, para a fronteira chinesa-coreana, nos rios Yalu e Tumen, ameaçando seriamente a segurança do nordeste da China. A Força Aérea norte-americana bombardeou e metralhou o campo e as cidades da China na fronteira do Nordeste e infringiu perdas para nossos compatriotas. O povo chinês não poderia tolerar tais ações. Então, nosso povo mobilizou-se para resistir aos EUA e ajudar

a Coreia, para proteger seus lares e defender nosso país. O Partido Comunista e outros partidos democráticos da China fizeram uma declaração apoiando tal demanda patriótica. Assim, com entusiasmo sem paralelos, o povo chinês levou a cabo uma justa e gigantesca luta de resistência aos EUA e ajudar a Coreia.

Os voluntários do povo chinês passaram a lutar lado a lado com o Exército Popular da Coreia e no front coreano na segunda metade de outubro de 1950, e contribuíram para modificar rapidamente a então arriscada situação em que se encontrava o povo coreano, em sua guerra contra a agressão. O frenético assalto do exército invasor norte-americano foi devolvido pela Coreia do Norte e severos golpes foram causados contra os invasores e o exército fantoche de Ri Sin Man. Daquele período até a segunda metade de junho de 1951, os voluntários do povo chinês, juntos ao Exército Popular da Coreia, lutaram em cinco campanhas e causaram perdas de mais de 250 mil homens sobre o inimigo em ação (não inclusas as baixas dos não-combatentes). O exército invasor foi severamente derrotado e empurrado para as proximidades do Paralelo 38, no centro da península coreana. Em abril de 1951, por conta da série de derrotas sofridas, o comandante-em-chefe do exército invasor, notório belicista norte-americano, Douglas MacArthur, foi demitido de seu cargo. A despeito de muitas dificuldades causadas pelos bombardeamentos e pela destruição dos agressores, os voluntários do povo chinês na Coreia ajudaram o povo coreano a resistir à agressão norte-americana. Esta ação foi entusiasticamente saudada pelos povos da China, Coreia e de todo o mundo e gerou uma onda patriótica sem precedentes entre o povo chinês. O povo chinês patriótico está profundamente convencido de que a tarefa

de ajudar a Coreia, libertar Taiwan e consolidar a defesa nacional não é apenas uma vital garantia para a recuperação e construção da economia, mas é também um componente importante da causa da paz mundial. A nobre luta dos chineses contra a agressão estadunidense será vitoriosa, tal como a Guerra Popular de Libertação contra Chiang Kai-shek.

Um Balanço Geral dos 30 anos

Como foi dito anteriormente, os 30 anos pelos quais o Partido Comunista da China passou foram grandes e gloriosos anos – três décadas nas quais o Partido Comunista, a classe operária e o povo chinês, sob a direção do camarada Mao Tsé-tung, lutaram de forma heroica contra os agressores imperialistas e seus lacaios, atravessaram muitas dificuldades e reveses, superaram várias tendências oportunistas, erros e insuficiências dentro de suas próprias fileiras e finalmente pode derrotar seus inimigos e conquistaram a vitória.

A história do Partido Comunista da China comprova que sem a direção de tal partido - de tipo bolchevique “disciplinado e armado com as teorias de Marx, Engels, Lenin e Stalin, que adote o método da crítica e da autocrítica, e mantenha sólidos contatos com as massas populares”, conforme descrito por Mao Tsé-tung, a classe operária e o povo chinês seriam incapazes de derrubar a tirania dos poderosos imperialistas e seus lacaios e estabelecer um Estado democrático, popular e independente.

Antes do Partido ser fundado, haviam na China partidos políticos da burguesia ou da pequena burguesia que se esforçaram para dirigir a Revolução Chinesa. Estes cumpriram um determinado papel histórico progressista, mas todos falharam diante dos múltiplos ataques do inimigo. Ainda que os golpes contra o Partido Comunista da China por parte dos imperialistas e os seus lacaios fossem muito mais impiedosos e dolorosos que quaisquer outros golpes já sofridos anteriormente pelo povo chinês, ainda assim, pode obter sucesso em levar o povo à vitória. Isto foi possível porque, precisamente, o Partido Comunista da China é um partido revolucionário de

novo tipo, construído à semelhança do Partido Comunista (Bolchevique) da URSS.

No VII Congresso, o camarada Mao Tsé-tung definiu as ilustres características do Partido Comunista da China como uma integração entre teoria e prática, manutenção de fortes vínculos com as massas populares e prática da crítica e da autocrítica. Somente ao integrar a teoria com a prática, o Partido pode fazer um uso efetivo e criativo da verdade universal do marxismo-leninismo, superar os desvios doutrinários e empiristas e traçar um correto caminho para derrotar um poderoso inimigo e construir uma nova nação. Somente por conta deste sólido contato com as massas, o Partido pode dirigir a luta popular e a guerra revolucionária, criar um exército, um Estado de poder democrático-popular e, apoiando-se na inesgotável força do povo, derrotar um inimigo que fora enormemente superior em força. Somente ao praticar a crítica e a autocrítica, pode aprender a lição de seus erros e falhas passadas, melhorar gradativamente e consolidar suas relações com as massas. Possuir tais características era a garantia essencial para dirigir a Revolução Chinesa até a vitória final.

A história do Partido Comunista da China comprovou que a correta direção do Partido é determinada primeiramente por sua teoria correta acerca da Revolução Chinesa. Sem a direção do marxismo-leninismo e dos ensinamentos de Mao Tsé-tung seria impossível levar a classe operária e o povo chineses à vitória.

Recordando a história do Partido na Primeira e Segunda Guerras Civis Revolucionárias e na Guerra de Resistência contra a Agressão Japonesa, o camarada Mao Tsé-tung escreveu, em outubro de 1939, na introdução ao jornal *O Comunista*, o seguinte: “no primeiro estágio, o Partido estava em

sua infância. Nos períodos iniciais e intermediários deste estágio, a linha do Partido era correta e o zelo e atividade revolucionários e o trabalho com os quadros eram de um grau extremamente elevado. Assim, conquistamos a vitória na Primeira Grande Revolução. Mas o Partido estava ainda na sua infância e era inexperiente na questão da construção das três questões básicas da frente única, da luta armada e da construção partidária. Possuía ainda pouco ou nenhum conhecimento sobre as leis e características da Revolução Chinesa ou sobre a história e sociedade chinesas e ainda possuía a carência de uma compreensão correta sobre como integrar a teoria marxista-leninista com a prática da Revolução Chinesa. Tal era o primeiro estágio da construção partidária. O segundo estágio foi o da Guerra Civil de dez anos. Com a experiência adquirida no primeiro estágio, e o avanço no entendimento das leis e características da Revolução Chinesa, assim como o conhecimento da história e sociedade chinesas e com uma maior integração da teoria marxista-leninista com a prática da Revolução Chinesa, nosso Partido foi capaz de se apoiar firmemente no campesinato. A organização do Partido não foi ainda mais desenvolvida como também consolidada. Apesar das intermináveis conspirações do inimigo contra nosso Partido, nós chutamos os conspiradores. Não apenas surgiram grandes números de quadros realmente capazes de construir o Partido, como estes quadros permaneceram à frente deste. O Partido abriu caminho para a autoridade política popular e, assim, aprendeu a administrar o Estado e manter a ordem pública. Criou fortes forças armadas e aprendeu a arte da guerra. Uma grande conquista para o Partido. Mas, durante esta grande luta, alguns membros se desviaram para o pântano do oportunismo. Isso se deu por conta da falta de humildade em

apreciar as experiências do passado, por conta de sua ignorância acerca das leis e características da Revolução Chinesa, a seu inadequado conhecimento da história e sociedade chinesas, a sua falta de entendimento em unir a teoria marxista-leninista com a prática concreta da Revolução Chinesa. Assim, uma parte das organizações dirigentes do Partido foi incapaz de aderir completa e corretamente às linhas política e organizacionais do Partido durante este estágio. Durante uma época, o Partido e a revolução foram postos nas mãos do oportunismo de esquerda de Li Li-san e em outra época no oportunismo de esquerda na guerra revolucionária e acerca do trabalho nas regiões brancas. Todas estas limitações foram superadas durante a conferência de Tsunyi (feita em janeiro de 1935). Após esta, o Partido foi colocado de uma vez por todas no caminho da bolchevização, e as bases foram postas para a vitória sobre o oportunismo de direita de Chang Kuotao e para o estabelecimento da Frente Única Antijaponesa. Eis o segundo estágio do desenvolvimento partidário. O terceiro estágio foi o período da consolidação da Frente Única Nacional Antijaponesa. Tal estágio está atualmente em seu terceiro ano e a luta desde então foi de grande significado. Graças à experiência obtida em seus dois anteriores estágios revolucionários, à sua força orgânica e militar, ao seu elevado prestígio entre o povo de todo o país e à sua compreensão mais profunda da unidade entre a teoria marxista-leninista e a prática da Revolução Chinesa, o Partido não apenas estabeleceu a Frente Única Nacional Antijaponesa como também levou a cabo a Guerra de Resistência contra à Agressão Japonesa. Na esfera da organização partidária, passamos por ocasiões difíceis e nos tornamos um grande partido a nível nacional. As forças armadas partidárias estão crescentes e se fortalecendo

na luta contra os japoneses. O Partido aumentou sua influência entre o povo por todo o país”.

A viva descrição da história do Partido pelo camarada Mao Tsé-tung explica por completo o vital significado da teoria revolucionária. Uma teoria equivocada pode levar uma revolução de longa data, rapidamente, para o desastre, enquanto que uma teoria correta pode resgatar o Partido, em um momento dado, de grandes dificuldades, e levar uma revolução, passo a passo, para seu auge.

Desde seu momento de fundação, o Partido Comunista da China foi guiado pelos princípios gerais do marxismo-leninismo. Esta era uma vantagem. Contudo, para levar a Revolução Chinesa à vitória, somente apoiar-se na direção de princípios gerais não é suficiente. A contribuição de Mao Tsé-tung foi a síntese da verdade universal do marxismo-leninismo e da direção de Lenin e Stalin a respeito dos princípios da Revolução Chinesa com a prática concreta revolucionária na China. Desta forma, se fazia necessário produzir um desenvolvimento ainda maior do marxismo-leninismo. Em seu relatório de novembro de 1919, para o Segundo Congresso Pan-russo de Organizações Comunistas dos Povos Orientais, Lenin fez o chamado aos comunistas dos povos orientais: “aqui, ante vocês, coloca-se uma tarefa nunca antes enfrentada pelos comunistas do mundo: apoiarem-se na teoria geral e na prática do comunismo, vocês devem se adaptar às condições particulares que não existem nos países europeus e devem estar capazes de aplicar esta teoria e prática a suas condições, em que a principal massa é o campesinato, em que é necessário resolver o problema da luta não contra o capital, mas contra as sobrevivências da Idade Média”.

Deve ser dito que o camarada Mao Tsé-tung e outros comunistas chineses resolveram corretamente esta tarefa histórica posta por Lenin e, desta maneira, desenvolveu o marxismo-leninismo.

Ao resumir as experiências do Partido Comunista da China, Mao Tsé-tung repetia que sob a direção do Partido, a Frente Única Democrático-popular e a Luta Armada Popular como principal forma de luta na revolução foram as duas experiências fundamentais do Partido Comunista no curso da Revolução Chinesa. O desenvolvimento destas experiências é o mais importante exemplo de integração da verdade universal do marxismo-leninismo com a prática concreta da Revolução Chinesa.

Os 30 anos de história do Partido Comunista da China provam que o desenvolvimento do partido e da revolução foram inseparáveis do desenvolvimento da Frente Única Democrático-popular. O Partido e a revolução desenvolveram-se rapidamente quando resolveu corretamente a questão da direção da classe operária na revolução democrático-popular, a questão da aliança entre operários e camponeses e, especialmente, ao mesmo tempo se unindo e lutando contra os diferentes blocos burgueses. Tanto o Partido, quanto a revolução, sofreram sérios reveses quando estes problemas foram resolvidos de maneira equivocada.

Obviamente, o Partido Comunista da China teve que fazer um estudo independente de tais problemas, tão sérios e complexos, sob a base de um entendimento da verdade universal do marxismo-leninismo e da prática concreta da Revolução Chinesa. Não podia se apoiar em qualquer fórmula mecanicamente copiada de algum país estrangeiro. Por exemplo, no curso da Segunda Guerra Civil Revolucionária, os oportunistas de “esquerda” no Partido demandavam que o Partido

colocasse as “camadas médias” como “os mais perigosos inimigos”, pois nunca conheceram “camadas médias” dispostas a aceitar a direção da classe operária. De novo, por exemplo, durante a Guerra de Resistência, os oportunistas de direita no Partido também demandavam que os comunistas chineses devessem levar a cabo todas as suas atividades “através” da Frente Única formada com o Kuomintang de Chiang Kai Shek, pois nunca haviam conhecido um exemplo de poder político revolucionário sob o cerco reacionário que não rompesse com esse Estado reacionário e ainda assim mantivesse sua independência e autonomia.

O camarada Mao Tsé-tung rejeitou tais visões errôneas. Mao formulou diferentes políticas para serem aplicadas em épocas diferentes com aliados diferentes. Apontou que, após 1927, a burguesia chinesa estava ainda dividida em dois grupos: os capitalistas burocráticos, que estavam no poder e a burguesia nacional, que estava sendo posta contra a parede e oprimida. O primeiro grupo era um alvo da Revolução Chinesa. Ainda que alguns deles permaneceram no campo anti-japonês durante a Guerra de Resistência contra o Japão, nunca entraram formalmente em uma frente única com o Partido Comunista da China, nem em suas esferas e programas organizativos. Ao contrário, colocavam os comunistas e o povo chinês como seu principal inimigo. Logo, os comunistas não podiam fazer o trabalho “através” deles, mas manter alto grau de independência e iniciativa nos marcos da Frente Única.

O segundo grupo – a média burguesia ou burguesia nacional – era uma força fraca e vacilante. Possuía diferenças com a classe operária, mas também apresentava diferenças contra o imperialismo, o feudalismo e a grande burguesia. Por esta razão, sob certas condições específicas, este grupo po-

deria ser ganho para as fileiras da revolução. Este setor poderia ser ligado em grau menor ou maior à classe operária, cumprir seu ainda não concluído papel histórico e não se tornar “o inimigo mais perigoso”. A classe operária adotou firme política revolucionária e uma correta abordagem organizativa, ora se unindo à burguesia nacional, ora lutando contra esta. Os fatos provaram que a política do camarada Mao Tsé-tung derrubou com sucesso a tirania da grande burguesia – isto é, os capitalistas burocráticos e compradores – e conquistou a burguesia nacional para fazer parte da Frente Única Democrático-popular. Neste caso, é óbvio que o camarada Mao estava correto, enquanto os oportunistas, tanto de direita quanto de esquerda estavam errados.

Os 30 anos de história do Partido Comunista da China provaram que o desenvolvimento do Partido, da Revolução Chinesa e da Guerra Popular Revolucionária não podem ser separados um do outro. Como disse o camarada Stalin em *Questões sobre a Revolução Chinesa*: “antigamente, nos séculos XVIII e XIX, as revoluções frequentemente começavam com levantamentos do povo, em sua grande parte, desarmados ou fracamente armados, entrando em conflito com o exército do velho regime, exército este que o povo tentou dismantelar ou apenas parcialmente conquistá-lo para as fileiras populares. Esta foi a forma típica dos levantes revolucionários do passado. Foi isso o que aconteceu conosco na Rússia de 1905. Na China, as coisas aconteceram de forma diferente. Na China, não foi um povo desarmado, mas um povo armado organizado na figura do exército revolucionário, que se levantou contra as forças do velho governo. Na China, a revolução armada luta contra a contrarrevolução armada. Esta foi uma

das características e uma das vantagens da Revolução Chinesa. Este é precisamente o significado especial do exército revolucionário chinês”.

Esta visão do camarada Stalin foi cabalmente desenvolvida por Mao Tsé-tung na teoria e na prática. Na verdade, desde agosto de 1927, quando o Partido Comunista da China, de forma independente, tomou a direção da guerra revolucionária assim como do exército revolucionário, nunca cessou de dirigir o processo revolucionário. A guerra revolucionária se tornou então a principal forma de luta da Revolução Chinesa. Os fluxos e os refluxos, e os avanços e recuos do exército revolucionário refletiam as flutuações da Revolução Chinesa. Através de muitos anos de guerra revolucionária, os principais quadros refletiam o avanço da Revolução. Nos muitos anos de guerra revolucionária, todos os principais quadros do Partido levaram uma vida de comunismo militar. Suas trajetórias de disciplina revolucionária e grande espírito de sacrifício foram tamanhas que inclusive é difícil para uma pessoa que vive em condições pacíficas sequer imaginar.

O camarada Mao Tsé-tung deu contribuições sem igual à teoria militar marxista-leninista em suas obras acerca dos problemas estratégicos das guerras revolucionárias chinesas. Estas, assim como contribuições em outros campos, resultaram das lutas determinadas levadas a cabo pelo verdadeiro marxismo-leninismo contra o doutrinário. Os doutrinários, em última instância, ignoravam os ensinamentos do camarada Stalin e durante os quatro ou cinco anos após 1927, insistiram em que o Partido deveria concentrar seu trabalho na preparação de insurreições urbanas. Depois das ideias de organizar insurreições urbanas terem causado sérios danos às organizações do Partido e de estas entrar em declínio pela lógica dos fatos, os doutrinários então impuseram sobre o

Exército Vermelho de Operários e Camponeses suas ideias sobre guerra de posições, com o resultado de que o Exército Vermelho se viu obrigado a recuar para suas bases anteriores das operações militares. Em oposição aos doutrinários, o camarada Mao, na consistente prática da Revolução Chinesa após 1927, levou adiante a política de cercar as cidades pelo campo como política para substituir a anterior, que é aplicável sob as condições normais de colocar as áreas rurais sob a direção das cidades. Mao utilizou uma forma de guerra de guerrilhas, um tipo de guerra de guerrilhas de movimentos, para dirigir o Exército Vermelho quando este era inferior ao inimigo tanto em equipamentos, como também em contingente. Os fatos provaram que a política do camarada Mao de cerco das cidades pelo campo se mostrou vitoriosa na mesma medida em que o Exército Vermelho, desenvolvendo-se no curso da vitoriosa guerra de guerrilhas, transformou-se finalmente no poderoso Exército Popular de Libertação atual, capaz de levar a cabo a guerra de posições. Aqui, mais uma vez, é óbvio que Mao estava correto, enquanto que os doutrinários estavam equivocados.

Resumindo a experiência histórica do Partido, o camarada Mao Tsé-tung apontou mais de uma vez o significado da ajuda internacional para a Revolução Chinesa, e acima de tudo, a ajuda oferecida pela União Soviética. O ponto de partida fundamental da teoria do camarada Mao Tsé-tung acerca da Revolução de Nova Democracia na China é que, desde 1919, a Revolução Chinesa se tornou parte inseparável da Revolução Proletária Socialista Mundial, inaugurada pela Revolução de Outubro na Rússia, e que a Revolução Chinesa foi decisivamente influenciada pela última. A Revolução Chinesa nunca avançou no isolamento ou sem ajuda; sempre avançou

continuamente com a direção e apoio da URSS e do proletariado internacional e, particularmente, com a ajuda dada ao Partido Comunista da China e ao povo chinês durante pela III Internacional Comunista sob a direção de Lenin e Stalin durante a Primeira Guerra Civil Revolucionária. Sem a ajuda dada pelo Exército Vermelho da URSS ao derrotar Hitler no Ocidente, ao aniquilar o Exército japonês de Kwantung no nordeste chinês; sem a colaboração que os soviéticos despenderam na esfera diplomática, econômica, entre outras, para a República Popular da China desde a sua fundação, a vitória nunca poderia ter sido alcançada.

A vitória da Revolução Chinesa convenceu firmemente a classe operária e os povos coloniais e semicoloniais de todo o mundo que a causa da libertação da classe operária e dos povos coloniais e semicoloniais, que foi iniciada pela Revolução de Outubro, está prestes a ser vitoriosa.

Em seu artigo, *A Revolução de Outubro e a Questão Nacional*, escrito em 1918, o camarada Stalin explicou o claro significado internacional da Revolução de Outubro, como se segue: “o grande significado internacional da Revolução de Outubro reside, principalmente, no fato de que: I) esta ampliou o escopo da questão nacional, transformando a questão da luta particular contra a opressão nacional na Europa em um problema geral da libertação dos povos oprimidos, coloniais e semicoloniais, da dominação do imperialismo. II) abriu amplas possibilidades e caminhos reais para libertação, o que tornou consideravelmente mais fácil as tarefas da libertação dos povos oprimidos no Ocidente e no Oriente, e transformou isto em uma questão geral da luta vitoriosa contra o imperialismo. III) abriu uma ponte entre o Ocidente socialista e o Oriente escravizado, estabelecendo um novo front revolucionário contra o imperialismo, que englobava dos proletários do

Ocidente, por meio da Revolução Russa, aos povos oprimidos do Oriente”.

Esta grande profecia feita por Stalin 33 anos atrás se tornou uma grande realidade. Um sólido bastião revolucionário foi estabelecido no Oriente como resultado da vitória da Revolução Chinesa. Este bastião se uniu à URSS e às democracias populares do sudeste europeu em um único grande bastião. Não pode haver dúvida que isto dá ao povo trabalhador de todo o mundo um ímpeto ainda maior em sua luta, bem como na convicção da vitória. O imperialismo se aproxima, irresistivelmente, da sua inevitável queda.

**Viva ao grande, glorioso e correto Partido Comunista da
China e seu líder, camarada Mao Tsé-tung!**

**Viva ao mestre do povo trabalhador
de todo o mundo, o camarada Stalin!**

